

# REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras



Numero 4

Manaus—Amazonas



Dezembro—1955

**PATRONOS E OCUPANTES DAS NOSSAS POLTRONAS**

---

<b>CADEIRAS</b>	<b>PATRONOS</b>	<b>OCUPANTES</b>
nº 1	Gonzaga Duque	Pericles Moraes
nº 2	Euclides da Cunha	Dom Alberto Gaudêncio Ramos
nº 3	Raul Pompéia	Agnello Bittencourt
nº 4	Silvio Romero	Aderson Andrade de Menezes (eleito)
nº 5	Martins Junior	André Vidal de Araujo
nº 6	Eduardo Prado	Abdul Sayol de Sá Peixoto (eleito)
nº 7	Maranhão Sobrinho	Alvaro Maia
nº 8	Torquato Tapajós	Antônio Mavignier de Castro
nº 9	Machado de Assis	Felix Valois Coelho
nº 10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
nº 11	José Veríssimo	Djalma Batista
nº 12	Sousa Bandeira	Mithridates Alvaro de Lima Carrêa
nº 13	Tobias Barreto	Arthur Virgilio do Carmo Ribeiro
nº 14	Adolfo Caminha	Moacyr Rosas
nº 15	Tomás Lopes	João Mendonça de Sousa
nº 16	José do Patrocínio	(vaga) + JOÃO LEDA
nº 17	Francisco de Castro	Leôncio de Salignac e Sousa
nº 18	B. Lopes	Aristophano Antony
nº 19	Oswaldo Cruz	Genesino Braga
nº 20	Afonso Arinos	Padre Raimundo Nonato Pinheiro
nº 21	Tenreiro Aranha	Padre José Pereira Neto (eleito)
nº 22	Farias Brito	Manuel Anísio Jobim
nº 23	Cruz e Sousa	Nunes Pereira
nº 24	Joaquim Nabuco	Sadoc Pereira
nº 25	Aluísio Azevedo	Raul de Azevedo
nº 26	Raimundo Corrêa	Waldemar Pedrosa
nº 27	Lafayette Pereira	Washington Cesar Mello
nº 28	Anibal Teófilo	Hugo Bellard
nº 29	Capistrano de Abreu	José de Castro Monte
nº 30	Tito Livio de Castro	Thiago de Mello

# REVISTA

DA

## Academia Amazonense de Letras

---

---

Fundada em 1.º de Janeiro de 1918  
Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil  
SÉDE PRÓPRIA: — Rua Ramos Ferreira — MANAUS

---

---

ANO XXXVII

N.º 4

1955



Manaus

—

Amazonas

**A ATUAL DIRETORIA QUE REGE OS DESTINOS**

**DA**

**ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS**

*Presidente* — PERICLES MORAES

*Vice-Presidente* — ANDRÉ VIDAL DE ARAUJO

*Secretário Geral* — ARTHUR VIRGILIO C. RIBEIRO

*1º Secretário* — Padre RAIMUNDO NONATO PINHEIRO

*2º Secretário* — MARIO YPIRANGA MONTEIRO

*Bibliotecário* — MITHRIDATES ÁLVARO DE LIMA  
CORRÊA.

*Tesoureiro* — MOACYR ROSAS

PRESIDENTE DE HONRA  
**General NELSON DE MELO**

\* \* \* \* \*

**OBSERVAÇÃO:** O mandato da referida Diretoria, eleita no dia 3 de Maio de 1951, manter-se-á até o dia 3 de Maio de 1956, quando se realizarão novas eleições.

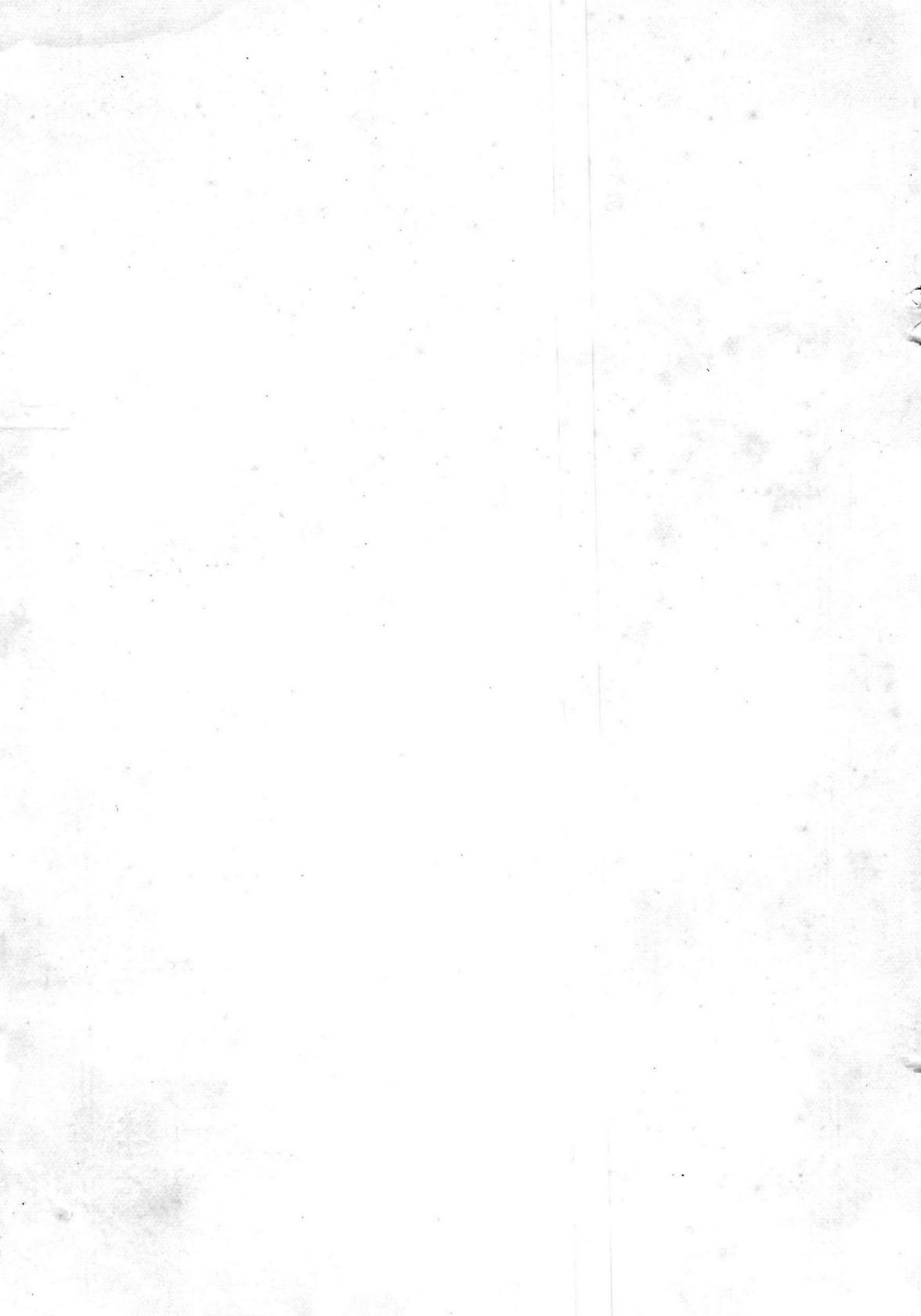
## REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras, N<sup>o</sup> 4

## SUMÁRIO:

	Págs.
<i>Retrato do Presidente da Associação dos Artistas Brasileiros.</i>	
<i>Carlos Paula Barros — Pericles Moraes . . . . .</i>	7
<i>Um clarão sideral na vida de Ruy Barbosa — Padre Nonato Pinheiro . . . . .</i>	15
<i>A cultura amazônica — Djalma Batista . . . . .</i>	20
<i>Glória e morte de Tomas Mann — Aristophano Antony</i>	26
<i>Graça Aranha e o movimento de 22 — Mendonça de Sousa . . . . .</i>	32
<i>A mensagem "transcendental" de Kant — André Araújo . . . . .</i>	39
<i>Entre a lenda e o conceito — Mário Ypiranga Monteiro . . . . .</i>	45
<i>Terra Caida (conclusão) — Álvaro Maia . . . . .</i>	53
<i>Metamorfose de um símbolo — Félix Valois Coelho</i>	
<i>O destino de um livro e o livro de um destino — Mithridates Corrêa . . . . .</i>	62
<i>Exaltação — Mavignier de Castro . . . . .</i>	66
<i>Sugestões — Thiago de Mello . . . . .</i>	69
<i>O espírito e o coração de Paula Barros — Povina Cavalcanti . . . . .</i>	72
<i>João Leda — Moacyr Rosas . . . . .</i>	79
<i>Nos arquivos de João Leda . . . . .</i>	93
<i>Joaquim Nabuco — Sadoc Pereira . . . . .</i>	98
<i>Noticiário Acadêmico . . . . .</i>	115
<i>Resenha bibliográfica . . . . .</i>	124





**CARLOS PAULA BARROS**



# CARLOS PAULA BARROS

PERICLES MORAES

*Considero a homenagem póstuma da Academia Amazonsense de Letras, estampando na página de honra de sua Revista o retrato de Carlos Marinho de Paula Barros, uma atitude de beleza, compreensão e autonomia espiritual. O Presidente da Associação dos Artistas Brasileiros, cuja morte recente é deplorada pelos autênticos homens-de-letras, não foi apenas uma grande voz da Amazônia. Devemos situar-lhe o nome, na hora presente, entre os maiores poetas do Brasil. Talvez que, em decorrência do seu próprio temperamento, espelho da sensibilidade hiperestesiada, a sua obra não tivesse tido a notoriedade que merecia. Solitário, isolado no seu retraimento quase mórbido, fugindo ao despudor das lisonjas recíprocas, excusando-se de espargir o fumo dos incensórios sobre a cabeça dos falsos deuses das capelas literárias, esse aedo gentilhomem nada fez para conquistar os sufrágios do público. Envaidecia-se, a exemplo de Stendhal, de escrever para uma aristocracia intelectual restritíssima, que era o grupo dos seus amigos mais diletos. Por isso, não seria para estranhar que o lirismo dos seus poemas não despertasse interesse e as manifestações surpreendentes de sua inteligência ficassem sem ressonância, envolvidas no silêncio mortuário que certa imprensa reserva aos que lhe não aplaudem as posturas equívocas. Mas Paula Barros nunca se apercebeu, nem se lastimou desta afrontosa indiferença. Suportou-a com orgulho e superioridade, encarando com desprezo as mesquinhez e vilanias que lhe rondavam a personalidade. Agora mesmo, quando o destino no-lo arrebatava com brutal impiedade, os jornais e as revistas metropolitanas, tão pródigas em louvores aos seresteiros, sambistas e heróis da pelota, não tiveram uma só palavra de saudade e admiração para o escritor insigne, que tanto e por tão longo tempo lhes enobreceu as colunas e cuja fecunda*

*atividade mental elevou sobremodo a cultura brasileira. De fato, Paula Barros, enquanto viveu, foi tudo quanto espiritualmente desejou ser: poeta, historiador, musicógrafo, pintor, mestre de conferências. E através da fermentação de suas idéias, assim na arte como na literatura, realizou uma obra densa, de contornos flexíveis e de permanente aspiração de beleza, obra que só muito mais tarde poderá ser julgada e compreendida.*

*Nêste instante emocionado em que tento reviver-lhe os troféus gloriosos da batalha renhida de sua existência, assinando-lhe os triunfos e revezes, tenho sob os olhos, como um livro aberto que dela me indicasse os roteiros para atingir o píncaro da montanha, que nem sequer chegou a vislumbrar, todos os seus livros, a sua numerosa correspondência guardada carinhosamente no meu arquivo, a colaboração esparsa nos jornais do Rio, as páginas inéditas que me foram enviadas e, sobretudo, avultando como um depoimento de alto valor interpretativo, o seu auto-retrato espiritual, delineado no "Flórida Hotel", à sugestão de minhas perguntas indiscretas, o qual lhe refletia, em tumulto, como se fóssem trechos desgarrados do memorial de um Amiel, os estádios psicológicos da trajetória penumbrosa de uma vida sulcada de grandes ímpetos e paixões avassaladoras, sendo que a última o arrastou ao túmulo. Bastariam as anotações que ali se acumulam, esclarecendo datas e esmerilhando-lhe as inquietações íntimas, para revelarem o escritor e o poeta na plenitude de sua corporatura cerebral e nos devaneios de suas aventuras sentimentais. Todos êsses livros e tóda essa correspondência, que nos transportam a um mundo de reflexões e sensações, seriam os mais preciosos subsídios para recompô-la, rastreado-lhe os influxos poderosos da inteligência. Como poeta, irmão gêmeo de Laforgue, pela sensibilidade, e da linhagem do nosso Martins Fontes, pelo resplendor imaginativo, os seus poemas dão a lembrar as florações singulares cultivadas em um jardim onde as flores desabrocham já sombrias e melancólicas. Paula Barros, pode-se dizer, foi o rapsodo do amargor e da doçura, da tristeza e do sofrimento. A beleza dos seus versos reside justamente no traço fundamental de sua natureza de artista. E' na fluidez dos ritmos redolentes que se refletem as vibrações secretas que lhe afetam a sensibilidade. Vêde-o, embora de relance, nos prismas rebrilhantes de 'Muirakitans',*

ainda do tempo em que o poeta tinha a imensa alegria de viver, de ser jovem, o prazer volutuoso de colocar suas mãos sôbre taças de cristal, nas quais se espelhavam, em recortes magníficos, os cambiantes de sua maravilhosa fantasia. Tôdas as lendas amazônicas: o curupira, que era o demônio das selvas; o irapurú, talismã dos amantes; o bôto, que conquistava as cunhãs das florestas; o matintapereira, a cantar baixinho por entre as sombras dos folhedos; a boiuna, cobra grande, mãe das águas. . . Todos os poemas do Paraíso Verde, com alegorias e símbolos em cada página, gravados pelo autor, aí desfilam com a graça, o perfume, a sutileza, a galantaria e os relêvos das medalhas de argila de Regnier. Tôdas as paisagens humanas e inhumanas da terra imatura, como se as suas perspectivas estéticas fôssem esboçadas na paleta de um Alfredo Ladislau. Não sei de outro artista, em nossa língua, que os descrevesse com tamanha finura de expressão, e que as criasse com o sortilégio de tão envolvente senso plástico. Qualquer dos seus livros da maturidade trazem-lhe a marca da superior molduragem. Em cada um dêles, o sainete do seu espírito criador: "Yaraporangá", "Maranduba", "Laguna", em tôrno da retirada estratégica que Taunay celebrizou, "Calendário", "Legendas de Glória", talvez o maior de todos, onde nos empolgam, em lances magistrais, as epopéias, os episódios épicos de nossa História, como também refulgem os feitos dos seus conquistadores, livro que é um breviário de brasilidade, onde transparecem com o mesmo rigor de exatidão os amores cavalheirescos e as façanhas dramáticas dos nossos antepassados. Também não esquecer, nesta resenha vertiginosa, a versão brasileira de "O Guarany", um dos seus resplendentes êxitos artísticos, cujo poema foi extraído diretamente da partitura musical da ópera do genial compositor. Trabalho primoroso, resultante da tradução que pôde ser adaptada em diversos ritmos, correspondendo cada sílaba a uma nota, Paula Barros realizou o prodígio de manter integral o pensamento do poema italiano de Scalvini, sem qualquer alteração nos seus valores musicais, de modo a ser cantado sem nenhum gravame à pureza vernacular e, o que releva aduzir, restabelecendo a verdade histórica, sem diminuir-lhe a dramaticidade e a emoção. Que dizer do conferencista, do inelutável hipnotizador de assistências? Não há quem tenha esquecido a sua notável oração acêrca de Rodolfo Bernardelli, o mestre

estatuário do "Cristo e a Adúltera", e em derredor dos problemas estéticos de nosso tempo, na qual penetrou fundo a vida e a obra do escultor famoso, descortinando-lhe os polígonos rutilantes. Da mesma forma ainda perduram na memória de quantos a assistiram, os écos da conferência proferida no templo da Candelária, onde a sua voz reboava em eloquente improviso, diante da multidão cheia de espanto, que o escutava fremente de emoção, ouvindo um espiritista convicto, discípulo de Pietro Ubaldi, discorrer profusa e eruditamente sobre assuntos católicos, perquirindo a gênese arquitetônica da majestosa catedral, e retraçando o florilégio da vida dos santos e apóstolos, cujas imagens reverberam em seus vitrais.

Mas eu não pretendo, nesta hora de indizível amargura, evocar as exaltações dos seus poemas e fazer a análise crítica introspectiva de suas estrofes admiráveis, sem perder-me inconscientemente no domínio das falsas exteriorizações, deturpando-lhe a essência poética e a finalidade do pensamento. Não desejo agora falar dos primores de "Muirakitans", e reconstituir os processos técnicos de sua arte de biógrafo, estilizados no "Romance de Villa-Lobos", retrato impressionante do príncipe da música em todas as Américas. Nem de longe intentarei reacender a chama dos seus versos ardentes, relembrando "Legendas de Glória"; e, principalmente, relembro os ritmos superexcitantes de "Yaraporanga", esse poema de frêmitos volutuários, transbordante de amor selvagem e dementado, que só por só consagraria um poeta. As atitudes estéticas e a configuração luminosa de sua linhagem privilegiada ficarão para outra vez, quando se amainarem os distúrbios que me conturbaram as fibras nervosas. Assim, refeito das comoções que me abalaram, eu cumprirei deliberadamente a tarefa melancólica que me impôs o destino, qual seja a de exumar as cinzas, já sumidas e apagadas, dos meus melhores amigos, ressuscitando-as através de livros e plaquettes em que o biógrafo se esforçou para destacar-lhes as fulgurações do espírito e as delicadezas do coração. Porque tratando de Carlos Paula Borros, esse homem que viveu em beleza, invenção generosa de Ariel, que justifica o minuto de sofrimento que suportamos sobre a terra, consoante a linda filigrana de Ronald, ser-me-ia realmente muito mais grato ocupar-me apenas dos aspectos multiformes da fisionomia moral do pro-

*fessor de entusiasmos, de ternura e de bondade, a cujo fascínio pessoal ninguém podia refugir.*

\*\*\*\*\*

*Fechemos esta página. Reparo agora que já me alonguei em demasia e nada referi dos aspectos morais da vida desse poeta deslocado de sua época e desse homem em tudo diferente da maioria dos homens. De tanta maneira a êle me afeiçoara, entranhada e desveladamente, que reconheço a minha suspeição para julgá-lo. Porque a um poeta de sua sensibilidade não se julga: ama-se. O fator tempo, sedativo por excelência, volvidos alguns meses após o seu desenlace, não pôde lograr que eu me conformasse com a sua ausência brusca e definitiva. Hoje, mais do que nunca, o admiro mais. As facêtas sedutoras de sua inteligência continuam vivas dentro do meu espírito, sem a agudeza e a perspicuidade para revelar-lhes os altibaixos de sua temperatura de esteta, sob o calor da inspiração criadora, fixando as contingências e as curvas caprichosas de sua vida, que seriam, em última análise, um depoimento humano de sua personalidade de exceção. Os seus minúsculos defeitos eram invisíveis para os meus olhos; e as suas virtudes, que não eram poucas, avultavam à evidente superioridade do seu caráter paradigmático. Conheci-lhe por muitos anos a intimidade afetuosa, tôda impregnada de benevolência e urbanidade. Aquela residência senhorial da Ladeira do Russel, que eu visitava pontualmente aos domingos, era o lar mais venturoso do mundo. Lá, naquele ambiente de sensibilidade e pureza, só existia uma divindade para onde se irradiavam os ritos litúrgicos de sua religião de beleza. Esse apaixonado de tôdas as mulheres, que as beijava enternecidamente, e que tinha um madrigal para a languidez de seus olhos e uma balada banvilesca para o sorriso veludoso das que se aturdiavam, magnetizadas pelos estos da imaginação flamejante, só amava em verdade a própria esposa, cultuando-lhe as excelsitudes dos sentimentos com respeito e adoração. Dona Antonietta — essa, a quem amorosamente êle chamava Nietta, e que foi a inspiradora de suas sinfonias poemáticas — tinha a pulcritude das santas, e santa ela era pela transcendência do espírito e pelos pendores religiosos. O poeta vivia em êxtase, sob o pálio de sua bondade e sentindo-lhe a cada momento a influência dos conselhos tutelares.*

*Eis que uma noite, de inópino, quando as horas silenciosas da minha vida de carmelita transcorriam plácidas e monótonas, chega ao meu mosteiro da rua Henrique Martins, com a nota de urgentíssimo, um rádio a mim endereçado. Era de Paula Barros. Em duas palavras lancinantes, o meu desventurado amigo transmitia-me a notícia de seu imenso infortúnio: "Fui destroçado pelo destino. Minha angústia é indescritível. Nietta faleceu. Carlos". Fiquei estarelecido. Tive a impressão de que um ciclone desabara sobre a sua cabeça. Passei a noite atordoado, sem poder conciliar o sono. Muito cedo, no dia seguinte, enviei-lhe um telegrama comovente, em termos desordenados, e não sei mais o que lhe mandei dizer para manifestar a dôr profunda e intraduzível que nós sentimos, eu e minha mulher, que a estimávamos com o afeto que se tributa a uma irmã de virtudes e nobrezas incomparáveis. Disse-lhe que desejava estar ao seu lado neste minuto cruciante em que êle perdia, de repente, a maior e melhor companheira de sua vida, tão impiedosamente sacrificada. Terminei afirmando-lhe que o seu velho amigo do Amazonas não o esquecia jamais, e beijava, de joelhos, os despojos sagrados da mais doce, resignada, generosa e compassiva de todas as esposas. Três dias longos se passaram depois. Três dias de inquietudes e desassossêgos. Cheguei a pensar que os telégrafos houvessem extraviado a minha mensagem fraterna. No quarto dia, afinal, logo às primeiras horas, me veio às mãos a carta esperada, da qual traslado apenas alguns trechos que lhe exprimiam o estado d'alma e a tempestade que lhe rugia no coração: "O que teu amigo tem sofrido nestes últimos dias é simplesmente inenarrável. A morte de Nietta é a destruição de minha vida. Estou agora só, apenas acompanhado por uma saudade que me devora o coração, como aquele abutre implacável da lenda do Prometeu. Contudo, sinto-me forte, convencido de que minha inesquecível Nietta me assiste às horas lúgubres do pranto. Bem sabes que tenho arraigada crença no espiritismo. Para não perturbá-la vou procurando manter-me resignado, carregando a minha pesada cruz de espinhos. Sofro muito, meu querido irmão. Estou com a idéia fixa em Antonietta. Não consigo distrair-me um só instante. Sinto um esgotamento cerebral pavoroso! A minha situação é insustentável! Não tenho coragem de viver com esta saudade arrasadora. Nietta era tudo para mim. Sem ela não sou nada. Ah, meu Deus,*

*que tremenda infelicidade! Como poderei viver sem os carinhos dessa criatura abençoada! Sofro imensamente, mas não me revolto. Ando pelas ruas como um Robot — homem mecânico, sem cérebro próprio, apenas governado por uma força oculta que o impele para a frente. Só tú, meu amigo ímpar, meu irmão em Jesus-Cristo, poderias avaliar o meu martírio. Basta que saibas não ter eu até hoje derramado uma só lágrima. Sinto um pulso de ferro dominando-me a garganta. E' uma vontade louca de chorar muito, copiosamente. Mas tudo em vão. Os meus olhos estão enxutos. Esta carta é muito confidencial. Perdôa os desbordamentos desta angústia com que te falo. Nesta hora eu preciso tanto de ti como do ar. E tenho necessidade imperiosa de chorar, ou então eu morro...*"

*E através de páginas e páginas retransidas, a carta prosseguia com as mesmas alternativas desesperadas, torturando-me o coração. Tive a certeza de que a sua sensibilidade hipertrofiada não o deixaria sobreviver à tormentosa conjuntura. No dia seguinte, outro rádio alarmante. Desta vez provinha do meu devotado Raul de Azevedo: "Paula Barros foi acometido de derrame cerebral. Seu estado é gravíssimo". Fiquei em pânico e, no mesmo instante, expedi despachos urgentes a todos os amigos de nossas relações de amizade. Ao Mendonça de Sousa, que se encontrava no Rio, ao Deoclides de Carvalho Leal, ao Povina Cavalcanti, o lampejante conversador das tertúlias deliciosas da Ladeira do Russel. Roguei-lhes comovidamente que o confortassem, que não o abandonassem, levando ao poeta a firmeza de nossa solidariedade moral. A carta dêste último, alguns dias mais tarde, prognosticava inexoravelmente o epílogo sombrio: "Esta carta é de grande amargura, pois lhe vou falar do nosso Paula Barros, cujo coração foi destruído por um ráio: a morte da admirável Antonietta. Pois bem, como se não bastasse para transbordar o seu cálice tão marcante desdita, deu-se o mais trágico: o nosso boníssimo Carlos está paralítico. Creia que as minhas forças não resistem ao espetáculo de sua dôr. Por duas vezes que fui vê-lo (veja, só duas vezes!) saí do velho sobrado da Ladeira da Glória com o coração despedaçado. O pior é que o nosso querido amigo não articula as palavras, engrola-as. E chora, chora, chora. Como é possível, meu caro Pericles, que um homem tão bom, com a alma de uma criança, um homem*

*de tanta ternura ingênua e sonhadora, possa sofrer tanto! Esta carta a V. era preciso fôsse escrita, porque dêle ouvi, muitas vezes, que V. era um dos seus raros amigos, amigos-amigo, que êle contava pelos dedos das mãos. Que Deus se apiede do nosso Carlos, pois que êle, quando morrer, terá morrido duas vezes. Já morreu com a morte de Nietta, e aguarda agora a sua segunda vez”.*

*Uma semana depois, o último telegrama, assinado por Aloysio, o filho estremecido. Era o desfêcho. O drama transfigurara-se em tragédia. O mais romântico dos poetas amorosos sucumbia desbaratado pela mais frenética das paixões.*

\*\*\*\*\*

*Sim, meu desditoso amigo, fôste trucidado pela inclemência do destino. Desertaste da vida como um anônimo, quase escorraçado, vencido pela intolerância de uma época atroz, insensível às magnificências da arte poética do passado. Nela desempenhaste o papel de um ator malogrado, que tudo fez para projetar em cena aberta as peripécias alucinantes da alma humana. Sucedeu, todavia, como várias vezes a intérpretes das tragédias d'annunzianas, que ao cair do pano e no apagar das luzes, tiveram a sensação de haverem sido apupados, tal o silêncio glacial das platéias, sem capacidade para compreender-lhes e sentir-lhes a emoção dos lances arrebatados. Por tudo isso é que continuas a viver nos fantasmas errantes das minhas lembranças, que se não dissipam e permanecem invioláveis. Por tudo isso é que eu te admiro mais, mesmo depois de morto, quando já da outra banda reapareces na minha imaginação desvairada: o rosto lívido, o corpo hirto e gelado, as mãos crispadas e os olhos que se paralizaram para sempre. Tinhas razão, meu glorioso Leopoldo Péres, quando asseveravas, na translucidez de tua prosa lapidar, que os milagres da amizade, tanto conceituados pela sabedoria dos antigos, eram a maior dádiva que ao homem fizeram os deuses imortais.*

# Um clarão sideral na vida de Rui Barbosa

Padre NONATO PINHEIRO

Esse clarão foi Francisco de Castro, astro arrancado da órbita planetária em que refulgia, em pleno zênite da glória, vitimado pela peste bubônica. No cardinalato da cultura nacional, reponha dominadoramente como um dos mais brilhantes e notáveis purpurados, entre cujos caudatários vamos encontrar com assombro a figura primacial de Rui Barbosa, baiano como êle, genial ao lado dêle e, igualmente como êle, admirável florista do idioma pátrio, em cujas letras trescalam as essências mais finas da vernaculidade, essas mesmas fragrâncias prediletas de Bernardes, Castilho e Francisco Lisboa.

Castro representa no Brasil um dos mais belos consórcios da Medicina com as boas letras. Sábio e artista, mergulhava a um tempo nos pélagos da ciência e nos lagos azuis da poesia, de onde emergia com listras de oiro, como se voltasse de um El-dorado encantado. . . .

De oiro era o cérebro, e também o coração. Aquêlre resplandecia em profundas elocubrações científicas, como o notável estudo **Centros corticais psicogênicos**, que lhe escancarou as portas da Academia Nacional de Medicina. Este — o coração — aurifulge nas sedutoras **HARMONIAS ERRANTES**, aristocráticos versos prefaciados pelo cálamo fidalgo daqueloutro esteta do idioma que se chamou Machado de Assis.

Convencido daquela lição magistral de Boileau, segundo a qual "**l'auteur le plus divin est toujours quoiqu'il fasse un mauvais écrivain**", se não depurar a linguagem em que vasa os seus pensamentos, Francisco de Castro aprofundou-se no conhecimento do vernáculo, chegando àquelas

alturas vertiginosas de onde atraiu as vistas de Rui Barbosa, que lhe preparou, no panteão da cultura brasileira, um pedestal de ofuscantes claridades.

Cada um de nós tem, no currículo de sua vida mental, hábitos arraigados, cujas origens se perdem nas brumas da adolescência, ou mesmo da infância longínqua. Um dos meus é o de investigar, na vida dos grandes homens, quais as culminâncias intelectuais que lhes despertaram atenção, que espíritos luminosos admiraram e enalteceram no peregrinar de sua inteligência.

A quem não interessará, por exemplo, saber quem foi a maior cerebração mental para Dante Alighieri, no tempo em que viveu? Evidentemente, para alguém atrair as atenções e as admirações de um gênio, é preciso ser gênio, também. . .

Chegamos ao caso de Rui Barbosa. Passa êle pela maior cabeça do Brasil, de todos os tempos. Tornou-se o próprio símbolo da cultura nacional, a mais alta expressão da inteligência brasileira, o parto mais luminoso da Mãe Pátria, que ainda continua "de resguardo", tão exaurida ficou com o excepcional delivramento. . .

Convenhamos que era preciso ser grande demais, para alguém captar a admiração fervorosa de um Rui Barbosa. E convenhamos também que era necessário ser humilde e modesto, como êle o foi, para reconhecer e cultuar outros lumes, além da própria fulguração. E' o que vamos provar.

Quando faleceu Francisco de Castro, em outubro de 1901, Rui estava no apogeu da glória. O astro de sua fama fulgia como um sol a pino. A inteligência do extraordinário baiano trazia os conterrâneos de joelhos, extasiados de admiração, e a um tempo orgulhosos do mais luzido espécime da raça. Decorrido um ano, apenas, daquele desaparecimento, que deixou a Pátria envolta em crepe, os amigos de Francisco de Castro tiveram a idéia venturosa de reunir num grande volume todos os escritos do sábio extinto. E, como se não bastasse a preciosidade intrínseca daquelas letras, buscaram a fiança irresistível da palavra de Rui Barbosa, que escreveu, com seu cálamo de ouro, referto de pedrarias faiscantes, o maravilhoso **Elogio de Francisco de Castro**, onde vamos encontrar, usando das

mesmas palavras do laureado escritor, "essa flor da vernaculidade que acrescenta ao gênio um perfume indizível".

Foi numa das suculentas aulas de literatura, ministradas pelo inesquecível mestre Leopoldo Péres, quando cursava humanidades no Colégio Dom Bosco de Manaus, que tomei conhecimento, pela vez primeira, dêsse prefácio consagrador. Hoje figura êle entre as páginas seletas da minha estante clássica. Cada vez que releio o **Elogio de Francisco de Castro**, deparo-me com dois cimos inacessíveis da mesma cordilheira, entrevejo dois sóis fulgentíssimos do mesmo firmamento, os quais, em ósculos de luz, trocavam entre si o sentimento recíproco da admiração e do afeto.

Atentem os leitores na magnitude dêste epinício: "Era Castro, em nossa terra, a mais peregrina expressão da cultura intelectual, que jamais conheci. Tenho encontrado, entre os nossos naturais, aliás raramente, artistas e sábios. Mas nele se me deparou, entre brasileiros, o primeiro exemplo, e único até hoje, a meu parecer, de um sábio num artista."

Rui, com sua autoridade indismontável, e a responsabilidade de seu nome, não hesitou em situar Francisco de Castro entre os melhores escritores de língua portuguesa, apontando-lhe os escritos como espelhos de cristal a refletir a graça e a formosura de nosso idioma. E ressaltando-lhe a pureza vernacular, não omitiu a necessária referência à eloquência de linguagem que caracterizava a prosa de seu nobre conterrâneo, cuja palavra escrita lhe dava a "ilusão da tribuna".

Na opinião do insigne biógrafo, retratando o ínclito baiano, "a inveja nunca se lhe despegou do encaço". Muitos, agigantando-lhe a figura no magistério, anulavam-na quase na ciência médica, ao que Rui logo atalhou, num assomo de protesto: "Mas a verdade está em que maior do que aquêlê professor só aquêlê médico"...

O grande clássico nacional, com o prisma precioso dêsse estudo notável, decompôs em côres rebrilhantes a luz solar que o espírito de seu egrégio compatricio irradiava. Nada lhe escapou aos olhos de linçe: cultura, bondade, devotamento, arte, tudo lhe resplandece no consagrador

prefácio, até aquela excessiva modéstia do sábio, que constituiu, talvez, uma das mais fascinantes auréolas do emérito vernaculista: "êsse talento escondia ou amortecia as suas fulgurações no círculo estreito do seu gabinete, da sua cadeira e do seu hospital, evitava com repugnância as exhibições mais naturais dos seus triunfos, e não se movia sequer, para obstar a que o despojassem de seus loiros mais justos".

Devo a Rui Barbosa minha aproximação com Francisco de Castro. Tangido por êsse régio prefácio, procurei abeberar-me do luzido astro, banhando-me no mesmo clarão sideral, lendo e relendo as páginas seletas do preexcelso médico, que engalanam as melhores crestomatias de língua portuguesa. Encontrei o precioso discurso inacabado, que Francisco de Castro deveria pronunciar na Academia Brasileira de Letras, na noite de posse, que para êle não brilhou, porque a morte se apressou em arrebatá-lo para o templo da verdadeira imortalidade. A oração acadêmica integra a formosa **Antologia da Academia Brasileira de Letras**, organizada criteriosamente por Humberto de Campos. Nesse discurso memorável, pleno de ciência e de poesia, o acadêmico eleito, que não chegou a ser empossado, apresenta o triste cenário de uma nação em cujas letras a mediocridade entrou a exercer sua ação corrosiva: "a envergadura dos condores, habituada a escalar os pináculos andinos, passa a ter por medida os surtos rasos de uma literatura de galinheiro" . . .

Um trecho, porém, em tôda essa empolgante oração acadêmica, encheu-me de encantamento. Foi quando surpreendi o homem de ciência, com a mente cheia de sóis, como a de Pasteur, a entoar um sublime cântico de fé ao Deus das ciências, que é ao mesmo tempo o gerador da beleza, e um louvor maravilhoso à religião, que corporifica e regula nossas relações com a Divindade. Leiamos êste lanço antológico, e capacitemo-nos de que a verdade estava com Rui Barbosa, quando fêz sentir, na prosa do médico baiano, a "ilusão da tribuna": "Os Estados sosso-  
bram, caem os impérios, destronam-se as dinastias, desabam as repúblicas, liquidam-se os povos, extinguem-se as raças, a glória se faz desolação, o progresso fica sendo anacronismo, só a religião refugio ao pêso da caducidade universal,

## REVISTA DA ACADEMIA

sobrenada ao destroço dos séculos, à subversão das idéias e sistemas, revive e remoça nas paragens do bem, como uma páscoa de flôres nas eternas aleluias da primavera humana”.

Não podemos ficar indiferentes à face dêsse notável espírito. Se Rui, o maior dentre todos os brasileiros, o teve na conta de sábio, reputando-o “a mais peregrina expressão da cultura intelectual”, que jamais conheceu em nossa terra, não sòmente dizia o que sabia, mas sabia o que dizia, apresentando à mocidade estudiosa um dos evangelistas da língua pátria, e um dos apóstolos da cultura nacional, astro de excepcional magnitude, que lhe imprimiu na vida, igualmente gloriosa e triunfante, um clarão sideral!

# Cultura Amazônica

(Ensaio de interpretação)

DJALMA BATISTA

III

Todas as considerações anteriormente divulgadas não represenam uma simples página de derrotismo **blasé** ou de justificativa pessoal à não realização integral de aspirações de ordem científica, que confessamos públicamente sempre ter tido, e que ainda não feneceram, neste meio-dia penumbroso de uma vida incolor. Nem é também uma exibição de cultura postiça...

Este ensaio representa fundamentalmente um brado consciente de protesto, um toque de despertar em favor da renovação espiritual, e até, se quiserem, uma provocação, na esperança de que êsses assuntos venham a ser cogitados sèriamente, ao menos pelas classes intelectuais, que não podem trair o seu destino, se fôrem mesmo intelectuais.

Não nos enganemos: a Valorização da Amazônia que começa a se executar, mercê de um sábio dispositivo da Constituição de 1946, tem de se basear na formação de uma verdadeira elite, que viva aqui, e aqui seja experimentada, e não a dos infalíveis parasitos que pretendem valorizar a planície trocando pernas pela avenida Rio Branco ou correndo de automóvel, burocraticamente, de um Ministério para outro... Temos de convir que estamos no limiar da civilização na Amazônia: até agora houve apenas ameaça... Mas essa civilização só póde surgir de um movimento de cima para baixo, isto é, dos homens de estudo para a massa, e com a elevação gradual desta, através de uma sistemática e eficiente divulgação do saber. Em suma, é obra a ser compreendida pela elite.

Num esboço de programa de renovação, deve figurar em primeiro plano a organização de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde se agrupem os remanescentes da cultura, para uma preparação urgente e decidida de um verdadeiro estado-maior, que possa, por sua vez, aumentar e rejuvenescer os quadros do ensino secundário: este a nosso vêr o passo inicial para que se forme gente capaz de enfrentar, com cabedal bastante, os grandes problemas amazônicos, dentro de seu conjunto, para que não surjam as soluções isoladas e apressadas, dos eternos salvadores.

Há em Manaus um núcleo para a Faculdade de Filosofia, que é a Escola de Serviço Social, a mais avançada criação de André Araújo. Chamemos Felix Valois e façamo-lo consagrar-se à idéia: é um homem de capacidade para o empreendimento.

E cuidemos simultaneamente do professorado primário, melhorando-lhe a situação material, renovando os métodos, dando-lhe elementos com que realmente possa ensinar. Castro Barreto diz com justeza: "Educação não é alfabetização, não é puramente instrução, mas o preparo do indivíduo para a vida de seu tempo". Porque não prosseguiram os cursos de aperfeiçoamento da Sociedade Amazonense de Professores, iniciados na gestão de um moço esclarecido — Lúcio de Siqueira Cavalcanti, — iniciados em 1950? Simplesmente porque as verbas federais prometidas para custeio da estada dos professores do interior, em Manaus, não fôram pagas!

A casa da escola é um problema que precisa ser atacado no interior: casa onde resida a professora, com um mínimo de conforto e segurança. Nos seringais e pequenos núcleos, é preciso tratar de adir a normalista (e só os titula-dos poderão ensinar realmente!) à família do seringalista ou do maioral da terra; que veleidade pensar em soltar mocinhas recém-formadas (e eu me penitencio de já a ter tido) para a hinterlândia, sem o apôio seguro, não de um homem, mas de uma família! E já se fez alguma coisa neste sentido? O assunto evidentemente interessa a todos, e o Estado sôzinho não pode resolve-lo: há que convocar aquilo que Valois Ferreira chamou com muita propriedade,

“um **putirum** de todas as forças sociais, sem visar o proveito além do da própria consciência”.

Para a renovação de nossa cultura e formação de uma elite que o seja realmente, faz-se mister também deslocar elementos para o Sul e para o estrangeiro, com o compromisso formal de voltarem, acabando com os bolsistas e comissionados que saem do Amazonas para se eternizarem em cursos que ninguém sabe e em estágios que são pura mistificação, cortando afinal a ligação deles com o Tesouro. E porque não custear o Estado o curso dos melhores estudantes amazonenses nas Escolas do Sul, oferecendo-lhes, depois de formados, oportunidades de trabalho, sobretudo em certas profissões técnicas em que somos paupérrimos, como a engenharia, a agronomia, a veterinária e a química industrial ?

Outra providência urgente e séria é a da realização obrigatória de concursos honestos para os cargos públicos e especialmente para o magistério secundário. Como admitir, em consciência, o que foi feito há tempos, com os famosos concursos de títulos para efetivação de catedráticos do Instituto de Educação ? Sabemos também de fonte fidedigna que houve provas para ingresso no funcionalismo público em que os pontos a serem arguidos foram fornecidos com antecipação. Não vale numa democracia o regime imoralíssimo do “pistolão”.

Há um setor dêsse movimento por assim dizer revolucionário, em que a Academia Amazonense de Letras pôde e deve dar o seu concurso valioso e insubstituível: a instituição de prêmios e torneios literários, que incentivarão de verdade o aparecimento de trabalhos que estão por aí em potencial. Quando a Academia Brasileira fez o mesmo, Gilberto Amado escreveu que ela principiava a ter uma finalidade e a cumprir uma missão. No Silogeu alegar-se-á falta de recursos. Mas diremos: nada tinha a Academia, e o Interventor Nelson de Mello, em 1934, deu-lhe um prédio e instalações, que o Governador Leopoldo Neves restaurou, em 1950. Não há presentemente saldo em caixa, mas qualquer governo do Estado alcançará a extensão da proposta. Igualmente os homens de recursos e de compreensão da terra poderão ser mobilizados: cremos que depende apenas da Academia dizer-lhes o de que preci-

sa para instituir quatro prêmios: o prêmio de erudição, que deverá ter o nome glorioso de Adriano Jorge; o de poesia, que será batizado com uma legenda da heráldica planiciária: Raimundo Monteiro; o prêmio de ficção e história, que poderá ser chamado de Coriolano Durand, que foi dos nossos mais notáveis contistas; e o de amazonologia, para o qual, entre várias fulgurações, não encontramos outra maior, que o nome de Araújo Lima.

Nêste insulamento em que nos encontramos, também e preciso que quebrems as distâncias, mandando embaixadas nossas (não há dinheiro para embaixadas de futebol, viajando em aviões especiais?) aos outros centros, principalmente aos centros da própria Amazônia, onde lastimável e criminosamente todos se desconhecem mais ou menos. Belém deixou de estar em contacto com Manaus, desde que os aviões encurtaram a permanência ou suprimiram a escala pela capital guajarina. Iquitos, perto da fronteira brasileira, muito mais nossa geograficamente que o Perú andino, mal tem notícia de nossa existência. Leticia precisa se verificar com a nossa influência cultural. Igualmente as cidades bolivianas do Baixo-plano. Cabe-nos, obrigatòriamente, o dever de representar o Brasil perante as nações amazônicas.

O intercâmbio tem, outrossim, de se estabelecer com a vinda dos irmãos do Sul, para nos trazerem a sua palavra e a notícia viva do que fazem, para discutirem conosco, para ensinarem e, se possível, aprenderem: precisamos de turistas, sim, que não sejam somente turistas em busca das sensações da paisagem amazônica. Precisamos de contato com inteligências adiantadas de outras terras, valendo ressaltar, a propósito, a significação que teve o último Congresso Eucarístico, em que tantas figuras de prol da Igreja nos trouxeram as suas luzes; e a visita de luzida missão da Escola Superior de Guerra, que veio sentir que não basta para o Brasil a posse física da Amazônia: urge recuperá-la para a economia e criá-la para a cultura brasileira!

Precisamos, enfim, de poetas, de muitos poetas na Amazônia, que eternizem no verso os anseios e os sentimentos do povo. Pedro Calmon os reclamou para a Bahia, e agora clamamos por êles, para que, mergulhados embora

nas duras realidades e integrados nas mais adiantadas realizações, não percamos aqui o direito maravilhoso de sonhar. Sonhar, sim, que é a maneira melhor de ter o cérebro a ferver e o coração em festa! Poetas da Amazônia, deveis multiplicar-vos!

\*\*\*

Ao encerrar esta tentativa de interpretação da cultura amazônica, devemos pensar que pesou sobre a planície uma grave ameaça: o seu desbrasileiramento, se vingasse o Instituto da Hiléia Amazônica. Neste terreno divergi formalmente da opinião de Gilberto Freyre e Arthur Cesar Ferreira Reis, porque a invasão da Amazônia por elementos de cultura mais adiantada, traria irreversivelmente a fagocitose da nossa cultura precária. Seriam devoradas as suas raízes, de maneira inexorável. . . E tudo nos cumpre fazer para defendê-la, e, defendendo-a, desenvolvê-la. Desta forma, superaremos as fases primárias de atividade que nos caracterizam presentemente, e de que o latifúndio, o extrativismo e a inferioridade social e econômica da população, são a mais tácita expressão. Uma grande vitória é o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

Quer queiram ou não os pregoeiros de Caim, o Brasil progride. Cabe entretanto ao Brasil o seríssimo dever de não perder a bacia do maior rio da Terra, que representa quase metade de seu território. Tem êle, com certeza, um papel no mundo, sendo, como é, "a primeira grande experiência que faz na história moderna a espécie humana para criar um grande país independente, dirigindo-se por si mesmo, debaixo do trópicos" (Gilberto Amado). Que esse papel não seja postergado ou comprometido pelos responsáveis pela gestão de nossa política exterior, inclusive permitindo a mais mínima interferência na nossa soberania territorial, através de concessões sibilinas ou de tratados em que nos arrancam a **parte do leão!**

O Brasil no mundo é a terra onde a fusão das raças se fez e se faz naturalmente, num processo de revitalização dos sangues, original e provadamente vantajoso; é o país que não admite a guerra de conquista; e que fixou na sua Lei Básica o princípio da igualdade inalienável.

Mas o mundo todo faz o contrário do que é consuetudário na legislação e no espírito brasileiros: há repúdio de raças, há apetites imperialistas vorazes, há poderios que se colocam acima dos próprios governos ou que subjuguem mentirosamente os governos e os povos, em nome da democracia. Sobretudo no mundo atual há choques de interesses inconfessáveis, crenças que fanatizam, intolerâncias absurdas, separações geográficas clamorosas, indicando o pavor mútuo dos antagonistas, que se encontram em zonas metâlicamente delimitadas (vale a pena lêr o livro muito sério e sugestivo de Osny Duarte Pereira — "Juizes Brasileiros Atrás da Cortina de Ferro"): uma zona é a Santa Aliança do Dolar (a expressão é de Fidelino de Figueiredo); outra a da Cortina de Ferro. Em uma e outra se cometem crimes contra a humanidade, pecados mortais e imperdoáveis contra a dignidade humana: crimes e pecados que também se cometem no Brasil, mas aqui pôdem ser atribuídos à nossa incultura e à nossa falta de maturidade e não à deformação de nossa mentalidade.

Em ambas as partes do mundo, porém, estamos convictos de que, no mais profundo da alma popular, a Paz e o Desenvolvimento são as maiores aspirações, — tal como está inscrito no coração e na bandeira do Brasil: Ordem e Progresso. Sentimos todos, que os meios diplomáticos sòzinhos, a serviço de grupos políticos inconciliáveis, não lograrão alcançar essa Paz ansiada.

E a verdade é que da banda de cá está o princípio de Liberdade; da banda de lá se acha o princípio da Justiça Social. E todos dois princípios são belos, justos e verdadeiros. Não é um absurdo teimar em não conciliá-los?

Falamos no Ocidente, muito, e cristãmente, em Paz. Seria importante um exame de consciência para sabermos até que ponto o "perdoamos aos nossos devedores", da oração que se encontra em tôdas as bôcas, traduz um estado de espírito sincero e decidido.

Porque é tempo de pensarmos, segundo as palavras serenas e oportunas de Osvaldo Aranha, que "a paz é indivisível".

Estou convicto de que só há uma força, hoje, no mundo, capaz de sustentar os ideais supremos de Liberdade, de Justiça Social e de Paz: é a cultura!

# Glória e morte de Thomas Mann

ARISTOPHANO ANTONY

A morte de Thomas Mann abriu um vácuo, dos mais profundos, nas letras universais. Espírito do século, a sua irradiação abrangia horizontes ilimitados. Nunca houve, aliás, fronteiras para o seu talento que, desde os primeiros instantes da sua formação intelectual, espargiu luz deslumbrante por tôdas as latitudes terrenas. Desaparecendo físicamente, não deixará nunca de estar presente entre os que, dedicados ao cultivo da inteligência, compulsarem os seus livros e nêles se extaziarem diante da beleza das suas páginas, das suas concepções arrojadas e da segurança dos seus conceitos. A celebridade que conquistou, inclusivé obtendo o Prêmio Nobel de Literatura, foi justa porque, três lustros antes, já se firmara, em definitivo, como expoente do romantismo contemporâneo. Na cidade alemã de Lubeck, onde nasceu, (dizem que sua genitora era brasileira), Thomas Mann ainda na juventude impregnou-se de um liberalismo profundo que teria, mais tarde, de determinar a sua expatriação. Mas, temperamento rebelde e infenso aos setarismos políticos, manteve inalterável a sua convicção, que não sofreu eclípses durante os seus oitenta anos de existência gloriosa. Dotado de um grande, prodigioso poder de observação, o escritor admirável foi, nêsse particular, insuplantável. As obras que legou à posteridade comprovam, por inteiro, essa assertiva. Outro poder, que ihe era inato, estava na segurança da execução dos seus períodos, que mais parecem esculpídos no mármore. Ainda há pouco, apreciando a obra do grande humanista que foi Thomas Mann, que, na análise de um dos seus críticos, possuía o sentido amplo do germanismo e o espírito seguro da latinidade, Jules Klanfer acentuava, num ensaio magní-

fico, que as letras mundiais haviam perdido um dos espíritos mais universais de nossa época e a Alemanha o seu maior escritor depois de Goethe. Psicologicamente, era o escritor alemão um espírito livre a serviço de todas as correntes do pensamento internacional. Nêsse particular poder-se-á dizer que bem cêdo se apercebeu êle daquela chamada "tentação demoníaca" que ameaçava a civilização da sua pátria e, sobrepondo-se corajosamente ao culto das velhas divindades pagãs, ao império da fôrça e à vertigem de todos os abismos, demonstrou sempre, com a sua clarividência, a coragem e cintilância de uma cultura que se alicerçara nas mais recomendáveis disciplinas clássicas, dêle fazendo, por isso mesmo, no consenso unânime dos seus contemporâneos, o pensador eminente que sempre foi, o exegeta enfim, de sentimentos nobres e altivos, que desejava unir os povos pelos liames da verdade e da beleza, em consonância com a necessidade de uma paz duradoura no mundo conturbado em que vivemos.

\* \* \* \*

Thomas Mann foi, literariamente, um predestinado. A notoriedade que conquistou, com os seus livros, positivamente ter sido êle, da juventude à maturidade, não apenas um enamorado da vida, no que esta oferece de belo e de perfeito, mas um cultor da arte, nas suas mais recomendáveis manifestações estéticas. As páginas que escreveu demonstram, desde os primeiros momentos de sua formação intelectual, o cuidado do artista no descrever ambientes e no detalhar episódios que se gravaram na sua lembrança, e a do cultor cuidadoso da forma, do estilista que se comprazia em polir e repolir os seus períodos para os apresentar, ao final, sempre impecáveis na sua absoluta correção. Analisando-se-lhe as tendências espirituais dos primeiros anos das suas atividades literárias, compreende-se que os mestres iniciais que mais influíram na sua formação mental, foram Schopenhauer, Nietzsche e talvez Wagner. O primeiro, que se opuzera ao racionalismo do século XIX e a quem chamaram de "profeta da vontade", exerceu poder decisivo no seu futuro; o segundo, o encaminhou para a crítica, incitando-lhe os arrebatamentos da alma e, finalmente, o último, o levou ao misticismo que o teria de acompanhar por tôda a vida. Posteriormente foi Schiller que se tornára, no dizer de Rita

Mariancic, o irmão espiritual de Thomas Mann, talvez pelo ensáio que, como recolta última do seu poder criador, dedicára ao poeta de "O ideal e a vida". E' que, nêsse estudo, se completam e se confundem nos mesmos ideais o nosso contemporâneo e o seu antecessor. Convém mencionar, aqui, para fortalecer a nomeada do escritor insigne, êste conceito de um dos seus mais lúcidos analistas: — "Para a Alemanha, era êle o primeiro romancista de envergadura internacional depois de Goethe. Com efeito, entre 1829, ano em que apareceu a versão definitiva de "Wilhelm Meister", e 1901, nenhum romance alemão tivera ressonância universal. Os realistas como Gottfried Keller e C. F. Meyer, Teodor Storm, Wilhelm Raabe e, mais próximo de nós Theodor Fontane, contemporâneos de Flaubert, de Maupassant, de Zola, de Tcheklov, de Dostoievsky, de Tolstoi, passaram despercebidos na Europa. Foi Thomas Mann que fez novamente da Alemanha uma grande nação literária". Não há, nêsse particular, opiniões divergentes, isto porque, voltando-se a vista para o passado que se não perdeu ainda nas brumas do esquecimento, teremos todos de concluir, facilmente, que esta é a verdade que se não pode contestar, diante dos livros que nos legou o grande pensador teutônico, todos aceitos e glorificados pela crítica mais exigente, em confronto com outras obras da mesma procedência que não alcançaram nunca ressonância universal. Thomas Mann, se não deixou uma escola literária, para ser seguida, deixou, porém, uma obra que será eterna.

\* \* \* \*

Aos 26 anos de idade, já na posse integral da sua personalidade literária, Thomas Mann fazia editar os "Buddenbroks", onde nos aparece o filósofo que se iniciava nos mistérios da vida, o fascinado da civilização e da arte. Foi a sua obra autobiográfica, o retrato, sem dúvida perfeito, de uma história familiar. Não fugiu o autor e isto mesmo os seus julgadores ressaltam, daquela "concepção romanesca dos grandes autores francêses do século passado", embôra os tivesse ultrapassado na sua feição sociológica. Êsse livro facilitou seu ingresso na imortalidade, sendo o escritor ainda precoce. Depois, deu-nos êle as suas novelas "Tonio Kroeger" e "A morte em Veneza", nas quais estuda, atilada

é conscientemente, a decadência das gerações que se iam sucedendo, diante dos valores espirituais e artísticos que surgiam e se sobrepunham aos burgueses ricos e poderosos. Fez-se, em seguida, um hiato prolongado na atividade intelectual do grande escritor. Vinte e três anos decorreram e eis que ressurge, no seu maior esplendor, desta vez com "A Montanha Mágica". Era o apogeu da sua carreira. Thomas Mann surgira outro. A sua cultura filosófica eclodia de todas as páginas desse livro extraordinário, em que nos conta a aventura de um jovem que as contingências da sorte atiraram a um sanatório. Os diálogos desse livro, especialmente entre um liberal italiano e um judeu convertido, constituem episódios singulares, que fazem da obra monumental um troféu valiosíssimo da literatura deste século. Os lauréis que conquistara não eram ainda bastante à saciedade da sua inteligência. Ele desejava oferecer mais, muito mais às letras que engrandecia. E foi, então, nesse período fecundo das suas atividades mentais, que publicou "José e seus irmãos", em que o erudito aparece e, com êste, o historiador e o arqueólogo, para conduzir os seus leitores às origens mais remotas da civilização ocidental e cristã. Trabalhador infatigável, já havia concebido outro volume e eis que não tarda a aparecer "Charlotte em Weimar". É a evocação, irônica embora, de uma passagem da vida de Goethe. Pouco tempo decorrido e surgia o romance que muitos dos seus críticos consideram a cúpula de toda a sua obra literária: — "O Doutor Fausto". O que impressiona nesse livro, de par com a história emocionante, assombrosa mesmo, que encerra, de um músico que fez um pacto com o diabo e acabou dominado pela loucura, é a técnica da narrativa. Nesse particular, não há quem suplante Thomas Mann, que prende o leitor da primeira à última fôlha desse livro singular e repleto de lances verdadeiramente shakespearianos. Essa obra não seria, entretanto, a última do maravilhoso escritor. Outros livros ainda teriam de aparecer, para completar a sua famosa bibliografia.

\* \* \* \*

Não houve, depois do aparecimento de "O Doutor Fausto", espaço demasiado longo na sua inatividade porque,

simultaneamente, Thomas Mann nos teria de dar "O Eleito" e as "Memórias do Cavaleiro de Indústria Felix Kroll" Naquele, trata de um duplo incesto, cuja vítima, inocente que era, depois de incontáveis penitências, será eleito Papa. Desenvolvem-se em suas páginas os assuntos sacros retirados das mais antigas mitologias e da verdadeira história cristã. E o narrador, um monge de altos estudos e de erudição profunda esgrimindo a ironia, demonstra que todos os episódios que serviram de base para as narrativas foram exemplos deploráveis de uma tremenda desordem social. Era um assunto que parecia esgotado em tôdas as literaturas e que foi revivido, magistralmente, pelo autor, que lhe deu novas tintas e nuances diferentes. No outro livro, o principal personagem é a própria personificação do sarcasmo humano. É um tipo volteriano, que "ri de tudo, zombando de todos os valores sociais, de todos os conformismos, da ingenuidade e da boa fé dos homens, da sua vaidade sobretudo, ascende na hierarquia social, é recebido por um Rei, cortejado pelas damas da aristocracia", quando não passava de um desajustado. A última afirmação da cultura de Thomas Mann e, também, a sua derradeira obra, foi o ensaio que escreveu sobre Schiller, quando se comemorou o 150.º aniversário da morte do poeta. Foi o seu canto final à sombra dos ciprestes que assinalam o túmulo do dramaturgo de "Salteadores". Nêsse estudo, de alta sensibilidade literária, o grande, extraordinário escritor parece ter feito o seu próprio testamento espiritual, evocando os exemplos patrióticos daquela a quem reverenciava porque fôra, no seu humanismo sadio, a personificação mesma dos mais sublimes ideais de concordância entre os seus semelhantes. E não teria Thomas Mann, àquela hora de evocações, quando recordava o entêrro do poeta, vislumbrado o seu próprio fim, que sentia aproximar-se de maneira triste e acelerada? Depois disso, silenciou. A morte já o espreitava. As forças lhe sumiam e precisava repousar. Já havia, através dos livros que escrevera, os seus romances, as suas novelas, os seus estudos de crítica literária, as suas manifestações sobre filosofia, engrandecido as letras da sua pátria e do mundo. Cumprira, humanamente, o seu destino. Que lhe restava mais, além de aguardar o sono eterno, epílogo de tôdas as suas lutas e, também, da sua

REVISTA DA ACADEMIA

glória? E foi nêsse estado de alma que Thomas Mann deixou de viver. Mas a sua obra, esta será inesquecível e perene, como uma réstea de luz que, acêsa pelo seu talento, clareará sempre os caminhos literários, onde quer que se ame a beleza, na sua mais alta expressão, e a arte, no que tem ela de sublime e maravilhoso.



# GRAÇA ARANHA E O MOVIMENTO DE 22

MENDONÇA DE SOUZA

À medida que o legendário autor de Canaã conquistava a confiança dos revolucionários de 22 e vencida a cidadela milenária do classicismo dominante, usando idéias livres, que muito se aproximam das perspectivas traçadas pelo romantismo, mais baseada nas marcas nacionais do nosso meio e da nossa história desenvolvia-se a literatura brasileira. Qualquer que seja o nosso ponto de vista, a propósito das suas noções definidas ou subjetivas, o fato é que com Graça Aranha se acentuava uma nova forma de libertação artística. Ainda que se costume apontar a ligação desse movimento à corrente neo-simbolista dos Francis James, dos Maurice Maeterlinck, dos Henri Bataille, dos Samain, dos Van Gogh e outros, comprovadamente já ultrapassados na Europa, é curioso notar-se quanto o grupo da Semana de Arte Moderna representa de notável e vigoroso na consciência dos nossos poetas e prosadores. Além disso, observe-se na história geral do modernismo, a forma literária importada da Europa, consoante alguns críticos de arte, não passa de um capítulo da marcha estuante de liberdade e entusiasmo de Rousseau. Com toda a sua franca reação contra o espírito do tempo, Menotti del Picchia, um dos primeiros a formar no regimento de Oswald e Mário de Andrade, Guilherme e Renato Almeida, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Cassiano Ricardo, Cândido Mota Filho, Tristão de Ataíde e João Fernando de Almeida Prado, sobre a incompreensão e a hostilidade de Monteiro Lobato aos modernistas e à arte de Anita Malfatti, referindo-se à projeção artística da pintora paulista, foi, depois de lhe haver negado originalidade e ter evitado de comparecer à sua primeira exposição de pintura, capaz de, penitenciando-se, considerá-la como notabilizada numa "espécie de

santa da ala demoníaca dos reformadores". Como acentuam Mário e Oswald de Andrade, ela revelava a preocupação da objetividade, da emoção e do equilíbrio, à procura duma representação artística mais fiel e mais sensível à evolução dos espíritos.

Se aqui o juízo dos críticos atinge tão amplas conclusões, não nos surpreende saber que o modernismo, com a sua sólida influência nas obras-de-arte contemporâneas, é bem a virgindade do Brasil oferecida à fecundação real do sentimento nacional. Com o grupo da Semana de Arte Moderna, de fato, a emoção comunicativa expressa-se pela sensibilidade e agudeza do artista na vida intrínseca de nosso drama literário, econômico e social. O modernismo brasileiro, ainda mesmo sem o acompanhamento da fatura exterior, sustenta-se, continua positivamente vitorioso no caminho da libertação literária. Compreende-se, por outro lado, que esse movimento não pretende alcançar absurdamente um nacionalismo fechado, mas, a suprema confiança de uma renovação artística que acorda para o Brasil, em nome da própria vida. E essa renovação começa com o extraordinário autor de Canaã, Rio, (1901). A literatura brasileira precisava de um escritor mais nosso, de um intérprete mais consciente das grandezas do País, sem a senhorial retórica dos semi-deuses, sem a fiel complacência do rigorismo idiomático dos Vieiras e dos Bernardes. Era interessante notar-se que, ainda noutras terras, noutros países civilizados, a revolução byrônica surgira e continuara na sua arrojada atitude de neutralizar a oposição contrária aos ideais democráticos e liberalistas. A poesia de Ossian também não tinha deixado de robustecer a reação romântica. As limitações culturais da arte de transmitir idéias e sentimentos já se não podiam manter equidistantes à formulação de normas super-humanas. Havia a necessidade de se propagar a história e a poesia antigas, desenvolver-se a visão característica dos escritores contemporâneos à medida que na liberdade cívica e econômica, na democracia e no liberalismo, cresciam as formas de progresso e de humanidade.

A característica mais fundamental do autêntico desligamento de Graça Aranha da Academia Brasileira de Letras, onde ocupava a cadeira de seu mestre e amigo

Tobias Barreto, deve-se em parte a essa contaminação de efeitos modernistas. Depois das várias tentativas que fez para modernizá-la, sem contudo sentir nem de leve simpatia à sua ação renovadora, era natural tomasse a atitude por nós conhecida, se bem, já naquele tempo, fôsse ela plenamente aceita pelos então acadêmicos Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Tristão de Ataíde, Peregrino Junior, Viana Moog, e tantos outros intelectuais presentemente fazendo as glórias da casa de Machado de Assis e Lucio de Mendonça. Também, é justo dizer-se de José Pereira da Graça Aranha que foi o maior nome da história do movimento modernista de 22. Os nossos historiadores, que investigam a sua época, sabem que êle se apodera do modernismo sem êsse falso conceito de **meu ufanismo**, não apenas para nos transmitir uma lição de inteligência, mas ainda para nos mostrar a autonomia de uma consciência imperativa. Na realidade, a estreia que faz em Londres, com o seu Canaã, realça a luminosidade do poeta, do romancista e do filósofo, já aos dezoito anos formado pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Recife. De fato, êle não se orgulhava de ser um herói, mas, sim, de não haver recuado no seu propósito, quando, contra as agudas setas dos inimigos, jamais deixou fraquejar a sua cultura alimentada de um crédito indiscutível de humanismo e de grandeza artística.

Registe-se, mais, no domínio do modernismo, que Graça Aranha teve a compreensão da consciência coletiva, quando afirmou: "E' para o universalismo que tende o espírito Humano". E assim, como plantador de um pensamento estético, que não abre falência diante da monocultura, não foi apenas um dos raros pioneiros a libertar-se do jugo impositivo das formas clássicas, mas, mostrando um sentimento social, manifestou o seu universalismo querendo um Brasil livre, mais amplo e mais completo na sua irredutibilidade ideológica. Assim, o triunfo espetacular do seu modernismo é a mais fecunda das vitórias: significa o produto de uma cultura verdadeiramente universal. Tanto mais digno e admirável é este acontecimento, quando verificamos que outro não é o caminho escolhido pelos escritores do Nordeste, da Amazônia revelada nos romances de Dalci-

dio Jurandir e Nélío Reis, ou ainda na divulgação artística dos poetas e romancistas do Sul, para chegar à compreensão da vida objetiva. Digamos aqui que Augusto Frederico Schmidt, Augusto Meyer, Carlos Drumond de Andrade, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Rosário Fusco, Tasso da Silveira, Murilo Mendes, José Geraldo Vieira, Lúcio Cardoso, Otávio de Faria, Ciro dos Anjos, Barreto Filho, Gustavo Corção, Osvaldo Alves, Cornélio Pena, Marques Rebelo, Érico Veríssimo, Dionélio Machado, Emil Farhat, Ciro Martins, José Lins do Rêgo, Rachel de Queiroz, Lúcia Miguel Pereira, Jorge Amado, Amando Fontes, Mário e Hernani Donato, João Clímaco Bezerra, Fran Martins e outros, são, realmente, escritores representativos do Barsil de hoje. E não se pode deixar de ver que nossa literatura, por muito tempo, descabelada de confusão e de **meu ufanismo**, passa, com êsses romancistas e poetas, da análise puramente estética para o domínio da filosofia e da sociologia. Neste domínio é que o modernismo se sente mais forte, e se revolta em frente à indiferença pasmosa dos retóricos de nossos hábitos e costumes.

As idéias de Graça Aranha não podem ser relegadas ao esquecimento. Há algo de real na rebelião que parece marcar o espírito do seu modernismo. A concepção filosófica que nos apresenta, no seu livro **A Estética da Vida**, impressiona, desde o seu aparecimento, pela honestidade e pelo sentimento de sua solidez construtiva. Embora considerado como estudo prematuro da sua significação intelectual foi, sem dúvida, o comêço de um sentimento nascido do ideal heróico contra a pasmaçada satisfeita. Ainda recentemente, Mozart Soriano Aderaldo, num estudo magnífico, ofereceu-nos uma interpretação admirável sôbre o romancista d' **A Viagem Maravilhosa**. Nas seis correntes modernistas apontadas pelo correto ensaista do grupo de Clã, no seu **Esboço de História da Literatura Brasileira**, a julgamos pela ordem, temos: a **dinamista**, iniciada por Graça Aranha e desenvolvida na obra de Ronald de Carvalho; a **primitivista**, cuja fôrça criadora se desenvolveu na literatura primitiva, selvagem e realista, que teve como chefe a Oswald de Andrade; a **nacionalista**, cujos representantes principais são Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado; a **espiritualista**, com Tasso da Silveira e

Cecilia Meireles, que se processou principalmente em torno da revista **Festa**; a **sentimentalista** ou **intimista** ou **penumbri-  
brista**, chefiada pelo escritor Ribeiro Couto; e, finalmente, a **independente**, que nos revela entre os seguidores Jackson de Figueiredo e Manuel Bandeira, este último considerado, senão o maior, um dos maiores poetas contemporâneos de língua portuguesa.

No processo reivindicativo à maior glória do autor de **Malasarte**, sendo ainda impossível sintetizar-se todos os dados atinentes ao grupo da Semana de Arte Moderna, até que formulemos nossas conclusões definitivas, reconhecemos como verdadeira, real, absoluta, a sua participação nesse movimento criador de uma linha de aprofundamento do homem e da terra. O título honorífico de pai do modernismo brasileiro, embora por vèzes retoricamente aplicado aos poetas Mário e Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Ribeiro Couto, não é bem o que poderá sustentar a glória literária de Graça Aranha. Há, de fato, um ponto no qual se observa muitos dos nossos modernistas sentados à sombra de **Canaã**, apesar de tãda a grandiosidade desordenada e extravagante de que se revestem suas mais consubstanciadas qualidades. Nessa obra, encontra-se a literatura que mostra corajosamente os maiores problemas nacionais, aeterminados pelo real valor da nossa miscigenação. Além disso, o postulado que este princípio nos leva a admitir é o do maior conhecimento da terra, das nossas possibilidades econômicas, sociais, políticas e culturais. Sem dúvida, o grande problema que se coloca diante do artista, em qualquer fase de transição, é participar. Assim, ocorre dizer-se, nesta hora de post-modernismo, que **Canaã** foi a derrubada do academismo conservador e a cruzada da reforma artística, com os grandes espíritos que participaram um dia da Semana de Arte Moderna, no Municipal de São Paulo.

Conviria, portanto, dar-se um relêvo especial à conduta filosófica e literária de Graça Aranha. É que, evidentemente, conforme tãdas as aparências recentes de estatísticas comparativas, a nossa época já dispõe das provas necessárias à concepção intelectual revelada e imposta pela liberdade de sua imaginação renovadora. Ele representa a história de uma existência humaníssima, sem preconcei-

tos de casta, de epiderme ou de hábitos, para sofrer as consequências de uma ingratidão. O amor da renovação cultural foi a causa de sua condenação ao esquecimento, com perda de tôdas as glórias imortais. Tal infidelidade de apreciação analítica e histórica, porém, o Brasil literário de hoje não acolhe sem matizes de julgamento e honestidade de propósitos, como alguns intelectuais poderão supor. Está fora de tôda a dúvida, nestas palavras se encontra quase completamente a real filosofia graçariana: "Somos todos Universais e todo o movimento, consciente ou inconsciente dos seres, sejam estes ou não conscientes, levam à unidade primordial. O Universo não é um espetáculo, é uma integração." E' indiscutível que a conjuntura modernista, revista com mais veracidade, não se representa num espetáculo turístico. Mas, alguns críticos, realmente descuidados ou irreconciliáveis às manifestações dêsse movimento renovador, costumam falar com oportunismo no lado admirável dessa cultura, e com acentuado sofisma na parte que se completa no amor à liberdade. Libertemo-nos do nosso complexo de inferioridade filosófica e literária. À procura de um enriquecimento cultural podemos usufruir os sábios ensinamentos de Proust, de Gide, ou mesmo mastigar muito **best-seler** intragável. Entretanto, o que se não deve fazer é depreciar, de forma anti-patriótica e inconsequente, os nossos romancistas e poetas.

Por patriotismo entende-se que essa colaboração, em si, não é uma renúncia à soberania cultural, mas, em certo sentido, a maneira de um país soberano projetar-se, no tempo e no espaço, e se valorizar no passo que precisa ser dado pelos povos amantes de uma literatura nacional. Assim, quando afirmamos ser o problema da nossa literatura estrutural, pretendemos indicar com isso que os nossos escritores já estão conhecidos além-fronteiras. Dêsse modo, para se justificar, numa atitude de vida e de civilização, o movimento libertário do grupo da Semana de Arte Moderna, em face ao chamado espírito nacional, basta compreender-se que, na história das soberanias internacionais, o **slogan** de Wendell Willkie — **one world** ainda não alcançou, fraternalmente, as devidas considerações dos chamados **cidadãos do mundo** ou das chamadas **nações dominantes**. Uma das muitas questões que esta famosa frase nos não pode escl-

recer, é saber se o panamericanismo atual é ou não mais norte-americano que o de outrora sonhado e defendido por Simão Bolívar. O campo de investigações para se obter o resultado desta pergunta é profundamente complexo, presta-se a mais que uma interpretação e fornece poucas bases para conclusões definitivas. Digamos, porém, em resumo, se nem tudo nos parece certo, neste ligeiro depoimento documentário, é grato verificarmos que Graça Aranha, fundamentando-se num escôpo sociológico e num propósito de liberdade intelectual, ultrapassa com coragem e independência as glórias da própria imortalidade.



# Mensagem "transcendental" de Kant

ANDRÉ ARAÚJO

A mensagem de Emmanuel Kant ao mundo da filosofia visou o pensamento tomista, nos princípios básicos de sua metafísica. Assim, Kant é o filósofo do protestantismo, como o disse Lange, na sua notável "História do Materialismo", como Tomaz de Aquino é o filósofo do cristianismo.

Incontestavelmente, Kant é um dos gênios da humanidade, podendo ser colocado ao lado de Platão, Aristoteles, Santo Tomaz e Descartes. Seu sistema está morto, mas seu espírito vive fortemente no ambiente pensamental da alta cultura filosófica.

Sua obra magna é a "Critique de la Raison Pure", (1) que se apresentou como uma reação contra Wolf, Leibniz, Hume e todo o ceticismo e empirismo filosóficos.

A filosofia de Kant é, como quasi sempre toda a filosofia alemã, nebulosa, profunda e difícil, como também se poderá observar isso através do pensamento de gênios como Martin Heidegger, Vaihinger e Nietzsche.

A meditação acurada e o estudo lento de obras como a "Critique de la raison pure", "Critique de la Raison Pratique" (2), "Critica del Juicio" (3) "Historia Natural y Teoria General del Cielo" (4) "Fundamentación de la metafísica de los costumbres" (5), "La Paz Perpetua" e "Lo Bello y

---

1) — "Critique de la raison pure", trad. e notas de Tremosaygues e B. Pacaud, ed 1950 da Bibliotheque de Philosophie Contemporaine.

2) — Trad. de François Picavet de 1949, da Bibliotheque de Philosophie Contemporaine.

3) — Trad. de 1914 por Manuel G. Morente.

4) — Tradução Argentina de Pedro Merton, Ed. "Tratados Fundamentales".

5) — Trad. hespanhola de Manuel G. Morente, de Calpe.

lo Sublime" (6) demonstram que o criticismo teve sua origem em Descartes, em Lock, em Rousseau, d'Alembert e Maupertuis, Hutcheson, Shaftesbury, e naquele iluminismo de Swendemborg que Kant combateu no livro "Sonhos de um visionário explicados pelos sonhos da metafísica" (7).

Amargurado ante o choque das filosofias e dos sistemas, e, admitindo toda a luta entre as teorias sobre gnoseologia, epistemologia, ontologia metafísica,, — começou o solitário de Koenigsberg, o mistagogo, o misantropo e o esquisito celibatário, o seu trabalho contra um certo ceticismo à respeito das possibilidades do conhecimento humano, crendo na capacidade da razão humana para conhecer.

E começou aceitando a ciência como uma conclusão de certos juízos procedentes daquilo que ele chama **verdade universal e necessária**. E dividiu esses juízos em: **juízos a priori** e **juízos a posteriori**. Os juízos **analíticos** e **"a priori"** são os universais e necessários. Os juízos sintéticos e a posteriori não são universais nem necessários. A verdadeira ciência não tem necessidade de juízos a priori nem a posteriori. Mas existe uma ciência verdadeira, baseada nos juízos sintéticos a priori.

Firmado isso por Kant, perguntou ele a si mesmo: "como é possível a existência dos juízos sintéticos "a priori"? "Essa pergunta forçou-o a admitir uma ciência pura, e, nesse caso, estão a matemática pura, a ciência natural pura, a física também pura. Da pergunta e das conclusões a que chegou Kant, nasceu o método transcendental, que quer dizer em kantismo, — "crítico". Esse método se contrapõe a todos os outros métodos, sejam eles dogmático, cético, empírico, lógico e metafísico.

A Crítica da razão pura é uma teoria do conhecimento, dividida em "Estética Transcendental", "Analítica transcendental" e "Dialética Transcendental".

Na "estética transcendental" justifica ele a razão de ser da matemática. Na "Analítica Transcendental" justifica a física ou a mecânica puras. Na "Dialética Trans-

6) — Trad. hespanhola de Francisco Rivera Pastor.

7) — Traume eines Geistessenhers, erlaütet durch Traume der Metaphysik".

cidental" Kant destroe a metafísica, que ele considera uma sofística humana.

Regindo contra o empirismo de Hume (8), na dialética transcendental cai em franco empirismo e negativismo ou melhor ceticismo.

Na estética transcendental estuda as intuições puras do espaço e do tempo. Sua compreensão sobre espaço e tempo é contrária à de Newton (9) pois este sábio via no tempo uma realidade por si mesmo, preexistente às cousas e como também havia pensado Aristoteles.

O tempo é a forma de todos os fenômenos, inclusive dos internos; e o espaço é correlato aos fenômenos externos (10).

Na analítica transcendental estuda as categorias do intelecto, que são doze, reunidas em quatro grupos: quantidade, qualidade, relação e modalidade. Essas categorias são assim distribuídas: — unidade, pluralidade, totalidade, realidade, negação, limitação, substância ou acidente, causalidade ou dependência, ação ou paixão, possibilidade ou impossibilidade, existência ou não existência, necessidade ou contingência. Cada uma categoria dessa corresponde a uma espécie dos seguintes juízos: universais, particulares, singulares, afirmativos, negativos, infinitos, categóricos, hipotéticos, disjuntivos, problemáticos, assertórios ou apodícticos.

As categorias kantianas são diferentes das categorias de Aristoteles. Esse é um dos pontos fundamentais da separação entre Aristoteles e Kant, e daí também a razão de ser dessa diferença, pois a "forma" e a "matéria" de Kant são diferentes, em gnoseologia, da "forma" e "matéria" do estagirita genial.

O mundo, a alma e Deus são estudados na Dialética Transcendental", sendo que Kant considera esses tres conceitos como forma vazias da razão. Quando Kant nega a possibilidade da metafísica é firmado nisso, embora tenha ele, na própria dialética transcendental estudado a cosmo-

8) — "Traité de la Nature Humaine", edi. Aubier.

9) — "Enquete sur l'entendement humaine ed. Aubier.

10) — "Critica de la razon pura", ed. Biblioteca Mundial Sopena.

logia racional, a psicologia racional e a teologia racional. Mas estudando essas tres divisões da metafísica, apresenta sofismas que ele chama de "antonomias".

Na "Crítica da Razão Pura" (**Critic der reiner Vernunft**) estão todos os fundamentos criticistas contra a metafísica, iniciando essa crítica pela matemática, nos seus pontos básicos: espaço e tempo. O espaço perde, com a crítica de Kant, essa noção de um "vasio extenso". Kant indaga a que realidade corresponde o espaço. Ao que parece, ele não distingue o espaço como representação de nossa imaginação e espaço como conceito e como objeto. Entretanto aceita, o que fez muito bem, a noção de espaço como forma a priori de nosso conhecimento sensorial. Os objetos carecem de especialidade, isto é, de extensão real. O espaço, em si mesmo, é um ente de razão.

E' impossível imaginar que não haja espaço, pois é perfeitamente compreensível um espaço sem causas. Disso se conclue que há espaço independente de experiência. Sabemos que as figuras geométricas são construções e seus elementos fundamentais são o espaço homogêneo, o ponto matemático e o movimento desse ponto no espaço. O espaço do geometra é a extensão abstrata das tres dimensões euclidianas (para os euclidianos).

Relativamente ao tempo, os argumentos de Kant são os mesmos. O tempo também é uma intuição a priori, para isso ele prova com os seguintes pontos:

- a) — a sucessão não se percebe na experiência, se não perceber uma intuição do tempo;
- b) — é impossível imaginar que não exista tempo;
- c) — os diversos tempos são partes do mesmo tempo;
- d) — o tempo se representa com uma magnitude infinita, donde não ser o tempo um conceito universal, sinão uma intuição a priori. As leis necessárias do espaço e do tempo são indispensáveis aos objetos da experiência. Desse ponto e de outros de grande importância, Kant entende que o tempo é uma propriedade das cousas em si; entende que o tempo é mais universal que o espaço; entende que o tempo tem idealidade transcendental.

Como se vê as conclusões kantianas são profundas e grandemente filosóficas. Essas noções fundamentais, levam

à crítica da matemática, à lógica que ele divide em analítica transcendental e dialética transcendental.

Na analítica transcendental ou lógica da verdade, parece que Kant analisa seus conceitos em geral, principalmente os da ciência natural, os fenômenos, as categorias, tentando fazer uma nova interpretação dessas categorias aristotélicas.

Através da síntese desses conceitos fundamentais, que esplanam ligeiramente, compreende-se que, incontestavelmente, Kant, é um filósofo que tem tido grande aceitação e tem influenciado bastantemente na filosofia ocidental. Santo Tomaz de Aquino está numa extremidade e Kant na outra: eis os dois polos basilares de toda a filosofia atual.

Pense-se que Kant agita suas idéias em dois mundos fundamentais: o da natureza e o da liberdade, o mundo da natureza e o mundo da moral.

Volta ele suas vistas, depois de estudar a "crítica da razão pura", para a "crítica da razão prática", para os casos da moral, cujo imperativo categórico encontramos na ética da "Fundamentação da Metafísica dos Costumes". Considera ele a moral como autônoma e nunca heterônoma. O primado da razão prática deve ser o mais considerado dos primados.

Kant é um filósofo que tem servido de base para muitas Escolas de filosofia,, as mais disparatadas, inclusive, para a formação de grandes correntes que se chocam. Suas "críticas" têm servido para muitos apetites. Mas, isso é muito natural. Hoje já se fala muito num neo-kantismo, com homens extraordinários à frente: Hermann Cohen, Paul Natorp, Kiergaard, Nietzsche, Dilthey e até o grande Bergson, Husserl, Brontano, Heidegger e muitos outros.

Precisamos agora estabelecer e saber que Kant visou, com a sua filosofia, além de analisar as possibilidades do conhecimento, limitar as faculdades cogitativas do homem.

Partiu de juízos sintéticos apriori, o que é falso, pois não há e nem existem tais juízos, esquecendo-se, nesse ponto, a grandeza dos tomistas que encararam bem essa questão. Aqui está o ponto falso e fraco do kantismo de Kant, a sua destruição como filosofia.

Kant entende que o conhecimento não é percepção do objeto, é construção do objeto. Isso é outro grande erro. Volta-se assim a Protagoras, como dizem Padovani e Castagnola: (11) o homem é a medida de todas as cousas.

Kant parece não acreditar na possibilidade da ciência. Considera impossível o conhecimento do **noumenon** e por fim lança o seu categórico imperativo, para acomodar a vida prática: é necessário crer em Deus e admitir a substancialidade da alma, diz ele, finalmente.

Mesmo, encarando-o de relance, o criticismo de Kant, é fragil, embora reconheçamos na figura desse filósofo uma das maiores envergaduras de força pensamental no mundo moderno.

---

11) — História de Filosofia.

# ENTRE A LEGENDA E O CONCEITO

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Pode ser que haja conexão entre a psicologia do medíocre e o seu estalão físico. Não acredito como tese. O assunto, todavia, fornece oportunidade para especulações, de vez que o medíocre vive eternamente comprometido com a moral. Se me exponho à ira da vulgaridade é porque o diagnóstico comum inocenta ao exibicionismo tolaz, criando uma noção falsa de euforia intimista para justificar certa incapacidade mental. Fica, portanto, mal ajustado o conceito que se expressa em termos misericordiosos, beneficiando certa congêrie que ficaria negligenciada se o tema não oferecesse os seus atrativos.

O elogio dispensado à mediocridade, sem anterior valoração do real no ético, violenta a consciência da boa-fé coletiva. Chegaremos ao ponto de transigir com certas manifestações idealistas, admitindo-as por atacado, sobrassem razões aceitáveis. O que ocorre é diverso, tanto em extensão como em profundidade. E o que realmente se verifica é a confusão a propósito, em excedências de panegíricos a favor das estacas-zero da chatice intelectual. Muitos aceitam por definitivo, comodamente, aquilo que para outros não passa realmente de nulidade espessa e viscosa: o temperamento exaltado, a gesticulação ruidosa mas sem nenhuma expressão construtiva. É que os parvos possuem um senso muito pluralista e se emocionam facilmente com as mais vulgares manifestações exteriores. Acreditam, sem ânimo de revolta, que todo nulo cabrestado ao pelouro da posição é satisfatoriamente um produto de alta classe, bojudo repositório de sisudíssima cultura. O que valoriza o odre não é certamente a sua geométrica arqueadura: sim, o conteúdo. Entre a consciência do odre

e o prestígio do medíocre não vai longe a distância: é uma questão apenas de vaidade. Essas rombas pânrias se adaptam, solidárias na legenda.

No ciclorama da hierarquia intelectual também sonham os balões de oxigênio. Ganham um conteúdo que os precipita em gloriosa ascensão. Mas não resistem a pressão. Os efeitos da queda são sempre proporcionais à altura. Comparação singular! — diria Machado de Assis. Dêsse modo, arruina-se e esboroa-se a facunda lição de energia que nos proporcionaram os homens de ontem. Se eles não se apercebem da frequência insólita com que os escribas os acometem desvairados é porque o ruído das insanas provocações não chega a perturbar-lhes a plácida indiferença. Preferem o perdão ao revide. Poderíamos tomar revanche contra o insulto inócuo do odre? Dariamos atenção à vaidosa presunção de um balão de oxigênio?

Nas camadas sociais se apuram diferenças flagrantes, como as há nas capas heterogêneas do lito. É na hierarquia intelectual a argila da mediocridade nunca teve ascendência, senão aparente, sôbre o mármore da beleza representativa. Acontece, apenas, que as camadas inferiores do lito se presumem mais consistentes, mais antigas. Que importa, pois, que à argila sejam conferidas legendas, se é no mármore que está humanizado o "Moisés" de Miguel Ângelo, a "Calúnia" de Maximiano Alves? A legenda não priva o conceito do seu conteúdo lógico e ético, como o odre não priva o sabor das rácidos. É verdade: servem ambos, — argila e mármore, à plasticidade estética, mas a primeira, afim da mediocridade congénita, nunca resistirá tanto, de passo que o mármore, sólido no seu conceito representativo, mesmo mutilado como o Auriga de Delfos, do ano 470, será um decisivo documento da genialidade, viva manifestação de quanto a Arte pode oferecer de magnífico.

Continuamos alongando o elogio da mediocridade, e agora vejamos, condensados, os traços mais característicos da nulidade que empulha o cérebro dos pretensos émulo da alta hierarquia intelectual. O medíocre é uma perpétua legenda. Não se modifica ao contato com o gênio, que é um conceito absoluto. Não podendo criar, o medíocre

furta. E quando não furta, contido na sua expansão megalomânica por um resquício de medo à denúncia pública, apela para a chantage. Eis como Rostand immortaliza o medíocre chantagista na pessoa de Cristiano:

“Vous ne méritez pas... Mets-toi là, misérable !  
Là, devant le balcon ! Je me mettrai dessous...  
Et je te soufflerai tes mots.”

Pobre carcassa do mediocrismo, Cristiano só possuía legenda, de passo que o genial bicanca arrasta o conceito pela imortalidade em fora. Mais tarde denunciaremos outro paralelo.

Se procurarmos bedelhar o sentido dessa calamidade pública, encontraremos, sob os olhos, sem o prestativo auxílio da lamparina do cínico, os sintomas alarmantes de um mediocrismo que: ou se refugia, cauteloso e previdente, à sombra aliciante da anonimia, ou desborda em desconchavos como as enxurradas ocasionais, em congeminências espetaculares...

Lembras-te de que falamos no odre, como legenda. A sua única virtude é conter um conceito alheio: serve para admitir alheio conteúdo. Ora, o medíocre vive impado do conceito que não é seu. O prestígio publicitário argumenta-se com a legenda no frontespício de certos bonzos, e implica em falsa, graciosa rotulagem de que, é possível, os titulados nunca se aproveitarão no sentido de garantir-se o ingresso no conceito definitivo. Locupletam-se com a glória de outrem. E aqui vem Rostand no seu doloroso elogio do conceito e da legenda:

“Je sais tout ce qu’il faut. Prépare ta mémoire.  
Voici l’occasion de se couvrir de gloire.”

Não há, precisamente, comodismo nessa existência de fruições entre a legenda e o conceito. A legenda não modifica o conceito, como êste não ilude a moral. A legenda é uma compensação graciosa, sem compromissos assumidos para com a realidade. O conceito, por diverso, é uma opinião levantada sobre elementos necessários e definitivos. Para obter-se a legenda basta exagerar a virtude ou masca-

rar o carácter, escondendo as frustrações. Mas o homem interior, o honesto, livra-se de concessões absurdas. Impõe-se sem legendas, disputando o conceito a golpes de talento. A admiração, o prestígio, e mesmo o conceito públicos, são decorrências naturais de um critério de bon-senso cartesiano. Voltamos outra vez a Rostand: Cristiano é uma legenda sem flamechas auroras, de passo que Cirano é o conceito na sua forma integral. Aqui se exhibe a diferença flagrante entre o medíocre e o culto. O medíocre é permeável como a argila e moldável a tôdas as experiências. Realiza-se. O culto, por diverso, é impermeável a tôdas as legendas e sólido na sua formação ética: é realizado. Não discutamos a geometria moral de ambos. Divergem entre si como os polos de uma pilha. E' oportuno clarificar, abusando de metáfora safada, que a argila elegeu apenas ao Homem; o mármore grandificou a Arte. Ora, a Arte sempre sobreviverá ao próprio Homem, em tôdas as latitudes históricas. Consequência lógica e fatal: o medíocre retrai-se na argila quebradiça, enquanto que o culto glorifica-se no mármore. O que há de contensão instintiva, de auto-defesa da reputação está, de um lado, no medíocre; o que sobre-excede de sublime vive no gênio. A auto-defesa da reputação, frizamos, não estorna a genialidade auferida sem ónus para as células cinzentas.

Nessa aferição de valores opostos, devemos convir que a nulidade também reage, em decorrência do temperamento. Seria oportuno, então, uma classificação do temperamento em função do comportamento do medíocre. A nulidade impulsiva apregoa. Oh! os camelôs do ridículo! Exibe-se em alegorias de histrião, com uma frequência irritante, fátua e presumida, em sarandagens pelo quintal alheio, dissorando pifios e elementares adjetivos. Suga a vitalidade próxima, como o apuiseiro. Não critica e nem analisa: defama. Nada produz de seu: apenas repete conceitos e teorias já reafirmadas, fazendo-o, aliás, sem originalidade, ensurroando-os de cacaburradas. Dá azia os seus colóquios com a ciência. Não confundamo-lo com o ignorante que sonha irresistivelmente glórias antigas e cifíceis de alcançadas. Esse tem, pelo menos, um mérito: não sofre de pantagruélicas indigestões de azêdo culturismo. Vinga-se do medíocre, que o supera em malícia, realizando,

com o silêncio de suas atitudes, aquilo que o outro seria incapaz de produzir com a cabeça. Não causa asco: move à piedade.

O outro tipo de medíocre vive no conservador passivo. Esse se evade no isolamento de suas reações interiores. Tal uma consciência culposa. Humilha-se, imbele e preservativo. Quando a mediocridade impulsiva se enfrena de audácias rompantes, quixotescas, negligencia o ridículo. Esse não deita raízes por onde se o agarre. Seu itinerário na vida é uma incógnita. Não projeta, siquer, acidentes, por onde possa ser identificado. É cauteloso. Encolhe-se nos esvãos confidenciais do anonimato. O primeiro tipo (refiro-me ao impulsivo) encontra amparo no temperamento irrequieto, trêfego. É produto da própria audácia congênita, que o impele para as grandes tentativas de emulação. O outro é reflexivo. Se o conceito está longe de incomodá-lo, também a legenda não lhe cura a abulia fatal. Timidez? É possível que seja, antes, ataraxia contemplativa. Mas prolifera em ambiente condicionado, sem atitudes, sem airdes. Se não pode esgrimir uma queixada de burro, livra-se de proceder contra moinhos de vento. Deita radículas, mas não ramalhos. Se não oferece a sombra acolhedora, que o gênio propaga em redor, benéficamente, vinga-se repudiando o sol. É o musgo rasteiro, anêmico de luz. Ambas as mediocridades são coerentes no ponto exato da negação absoluta.

O medíocre tácito e passivo é mais aderente. Toma a aparência sôrna da lesma condicionada ao relêgo sombrio. Rasteja quando pensa que ascende. Não provoca objetivos e repudia horizontes. Prefere, por similar, ao silêncio — que é uma concavidade onde se apagam e identificam tôdas as atitudes. A lesma vinga-se do sol ignorando-lhe a magestade mas não a função. É claro: a gelatina também oferece material para suposições. E é perigoso discretar sôbre temas de elegia quando o canto-real é mais sugestivo. E o silêncio foi sempre elegíaco.

Inconveniente é o medíocre, porque onera a sua invalidez mental com o pêso da inveja. Aqui poderíamos encravar a delícia arcaica de um conceito acaciano do falecido Aires. Não o do "Memorial", o outro, o das "Reflexões

sobre a vaidade dos homens". Quem se atribui o prestígio numulário do talento não se humilha disputando uma dracma a Creso. É o pensamento-legenda do mediocre. Se pudesse falar, gritaria contra os gênios, apupando-os. Como não fala, consola-se pedindo de empréstimo a filosofia astuta da astuta raposa. E consome-se de inveja. É como o ofídio que não podendo agredir morde a cauda.

Não lhe sendo dado a oportunidade de libertar-se como o mediocre impulsivo, inveja e injuria a humanidade, satisfazendo-se na sua impotência com o consolo eufórico, e original também, de saber calotear a credulidade ambiente. Quando pensa é para dizer entre aspas pensamentos alheios. É a estampa acabada do Cristiano de Rostand, temperado com a sôrdida sinuosidade do lago de Shakespeare. Busca, mas não encontra. Sonha, mas não realiza. Acaba narcizando-se. E neste estado agrada-se para si mesmo como a rã do fabulário. Beatifica-se. Consagra-se, relatando programações ruidosas com que ameaça confundir o gênero humano. Mas a auto-defesa, no momento exato, convoca-o à realidade, impedindo-o arrebeitar no alto. Ele porta o bom senso de minguar e aceitar a fatalidade que o fez molusco e não águia. Não vai além da legenda. É um autólata, um mitômano. Trágico ou orador?

Destituído de quaisquer qualidades emulativas, vingase do próprio aniquilamento conciente, dissorando a gosma da calúnia, insinuando atitudes profligantes, demolidoras acusações, energias capciosas, virulento em símile aos colubregantes ofídios. Retalia, dilapida, cospe. Em vão, é verdade. Os sóis desconhecem o ecfonema dos batráquios.

O mediocre impulsivo define-se claramente. O excesso temperamental precede-o. Embora não transporte a complexa matalotagem que é o atributo do "compère" silencioso, insinua-se em procura de um meridiano. Elege o nível projetivo. A legenda transtorna-lhe a efusiva, disparatada ambição. Rotula-se. É assomadiço, já o dissemos. Mimético, solidariza-se com tôdas as atitudes, ingressando, afirmativo e tenso, às marradas, no grêmio onde pontificam os normais. É um universo de fugas, mas continua distan-

te do apogeu. Só se manifesta pela vulgaridade. Dono que se fez de resíduos de cultura (os almanaqueiros de scúde provam a sua serventia), quando a exhibe não molesta, mas comunica um invencível tédio que é já o sintoma próximo da morrinha. É um tolo compulsório, exhibicionista de vulgaridades chatas. Se pensa que é cõndor varejando os temporais acima da percepção humana, debate-se no chão como o albatroz de Baudelaire. Façamos justiça a êsse expoente da mediocridade: é um elemento capaz de destacar-se entre o cotidiano e o banal, entre a legenda e o conceito. Suas chantagens não prejudicam quando não excedem ao limite da paciência, e são espertos ao ponto de odiar aos companheiros de intrujices. Acabam, porém, cpanhados com a mão escafandreado as idéias alheias. Entenda-se a metáfora do ponto de vista do plágio, recurso comum a todo medíocre.

Habilita-se a um lugar ao sol, enquanto a lesma volante concede entrevistas à sombra. Se nada cria, também não pode destruir o conceito. De passo que o medíocre tácito é tenaz na sua condição de caluniador. A cariátide-legenda imagina-se um ornato necessário, cujo desaparecimento implica na alteração definitiva da estética a que foi conexada como detalhe. Não calcula que pode ser substituída.

Já concebeste a inércia obstando a marcha à dinâmica? A prodigiosa sensação interior de existir deve impelir a ambos pelos escalões precipites da ambição. O impulsivo liberta-se ordinariamente, e libertando-se adquire a aparência — só a aparência — de um bólido no seu deslocamento descensional. Luminoso pela efração do ar, transforma-se logo mais em escória, apaga-se, nulifica-se. O medíocre silencioso descorçoá: garante-se como o caramujo na sua carapaça geométrica. Não libera pensamentos. Nem define atitudes. Existe, apenas, como acidente social, que é legenda. No fundo é um perigo em potência. Se eu esculpisse a calúnia, trasferia para o mármore a figura rastejante e viscosa da lesma.

Resumiremos: a mediocridade congênita deifica-se a si mesma, embora não consiga eleger-se pivô do conceito coletivo, de vez que não abandona os limites de ação e os processos sinuosos de conquista. Sua existência é chata

como o areião retilhado num mesmo sentido pelos caravançarás. Não comunica sensações de perspectivas. Nem acidentes projetivos. É o prosaico cotidiano. Nesse ambiente sem emoções, nessa geometria cacête, o anonimato realiza prodígios na freima insidiosa de vencer. Acabam, um dia, penetrando, só com o legenda por balsão, no cenáculo dos deuses. E alí se agacham, esquisitões, silenciosos, uns; outros aos gestos, funambulescos como espantalhos de trigais, impondo-se pelas atitudes, nunca pelas idéias, que mingnam nos repositórios cinzentos. Continuam tão desconhecidos e ignorados como os que o são por fatalidade.

Na verdade, constituem apenas um conceito biológico. Servem, ao menos, de têrmos de comparação. São legendas e é tudo.



# *Enchente Grande*

ALVARO MAIA

(Conclusão)

## **TERRA CAÍDA**

**Na outra margem, na enseada esbatida nas brumas,  
rolam blocos de terra em dolente estertor  
com frondes e sopé, flôres e sumaúmas. . .**

**O rio estoura e ferve em torvelins de espumas,  
e pranteia o infortúnio em regougos de dôr. . .**

**Lembras, terra caída, um festim de dementes. . .**

**Ès o drama de fel dessas enchentes grandes,  
que recolhem no inverno o choro das vertentes,  
os ludros bamburrais e os paranás nutentes,  
as aludes dos céus e os degêlos dos Andes. . .**

**O denso cantochão das árvores visinhas,  
desde o galho à raiz, celebra essa hora má.  
Vozes da escuridão, musicadas em linhas,  
rezam missas de morte, evocam ladainhas:  
é a macumba, aclamando o tremendo sabá.**

**O rio não retorna. . . Em vingativo anseio,  
crava sôbre o barranco as tenazes ocultas. . .  
Rasga-o, lambe-o. Começa o féro bombardeio.  
Mostra na luta a força hidráulica do seio,  
— explosões de petardo, uivos de catapultas. . .**

**Findo o estrídulo estrondo, a selva acorda. Acorda,  
como uma lira verde a conversar com o sol. . .  
Cada árvore cintila: é melodiosa corda  
a celebrar a enchente, o leito, que transborda  
e envolve a criação com um barrento lençol. . .**

## CHUVA

Cáem trombas dágua. Chove. A ave prende o remígio,  
abranda o vento a voz, concentra a flôr o eflúvio . . .  
Essa intérmina chuva, esse rude fastígio  
somente espalha a morte, a desgraça, o prodígio,  
numa reprodução das cenas do dilúvio . . .

Clangora a ventania, em clangores de trompa:  
"Rio, contém o horror! Pára, não continues  
a semear dôres! Pára, antes que o dia rompa!  
Rio, desce no leito, entre hosanas de pompa,  
não sepultes no cáos tantas cousas azues . . ."  
Mas não lhe atende o monstro a súplica violenta . . .  
Além, num refulgir de sabres contra facas,  
num rufar de tambor à distância, — a tormenta  
recrudescer, despenha a chuva . . . O rio aumenta,  
inunda, cobre o tétó às mais altas barracas . . .

## MADRUGADA

Ainda ao longe, o sol, varrendo os atros limbos,  
despede a escuridão da noite que morreu . . .  
Nasce em umbelas de aço, em cachos, em corimbos,  
em catléias de incêndio, e érgue raios e nimbos  
para coroar de fogo o Vale-Prometêu.

Em frente à arena rompe a indomável carreira,  
num rispido tropel de poldros invisíveis . . .  
Mergulhados no vento, em delírio e canseira,  
formam pelo ar rodões de nuvens em poeira,  
galopam na ascensão dos édens impossíveis . . .

Flameja a solidão numa carícia amarga . . .  
A árvore acena ao sol os vermelhos pendões . . .  
Súbito, no semfim dessa planície larga,  
rola um surdo rumor de peças em descarga:  
é a alvorada que marcha em louros esquadões . . .

Ao tropel renitente, o mundo se descerra,  
em côro pastoril, em sinistro retumbo . . .  
No levante há um jardim, que, entre névoas, encerra  
uma orquestra escondida . . . Ouvindo-a, acorda a terra,  
desde o ouro do páu darco ao lôdo do nelumbo.

## PARAISO VERDE

**Paraíso verde! Verde em várzeas e ladeiras,  
possuís, como exceções abertas ao porvir,  
praias, campos-gerais, queimadas e clareiras.  
No entanto, quanto doi, no verde sem fronteiras,  
vêr a árvore tombar, vêr a floresta ruir. . .**

**Nas queimadas sem fim, cáem a folha e a flôr no  
palude: enfrenta o galho o sol, a morrer de  
febre — puiso que expele a combustão de um fôrno,  
enquanto, nágua, a raiz morre de frio e, em tórno  
o lôdo é verde, a espuma é verde, a morte é verde.**

**Paraíso em teu interno é verde a luz da aurora. . .  
Verde a esguia palmeira, abrindo-se em troféus.  
Mas, no verde triunfal, que exuberava em pletora,  
a água atinge o apogêu, no ardor de quem devora,  
destrói as plantações, ameaça os próprios céus. . .**

## TARDE

**À tarde, ao pôr-do-sol, nas margens alagadas,  
a floresta reflête o ondulante perfil. . .  
Passam, na oscilação das revessas e enseadas,  
ilhotas de verdura, árvores derribadas,  
que bordam no lençól numa tristeza hostil.**

**Na intensa imensidade a mente sensitiva  
desvaira, mas percebe as diferenças entre  
a natureza morta e a natureza viva:  
árvores a oscilar na vaga convulsiva,  
florestas a crescer no gigantesco ventre.**

**Vêm-se, às vezes, sorrir brancas ondas de garças,  
ondas de pena sôbre o oceano vegetal. . .  
Aos ventos, há um revoar de mil penas esparsas:  
são folhas alvas, são pontos de talagarças  
da selva que se muda em ninho maternal.**

**Une-se o rechinar das últimas cigarras  
ao forte miserére, errante nessas zonas,  
de borés, carrilhões em dobres, algazarras. . .  
Nos longes do horizonte, aos ventos em fanfarras,  
eretas nas ubás, cismam as Amazonas.**

**Cresce, à visão lendária, a música roufenha  
de lagos e igapós — alma da terra em sons,  
sinfonia da noite. . . O pôr do sol desenha  
fantasmas de pavôr entre as sombras da brenha,  
— mortuárias catedrais, marmóreos partenons. . .**

### **HERÓI-ANFÍBIO**

**Sob as folhas, na selva, emergem vagalumes,  
— bando multicolôr de minúsculos lustres. . .  
No incessante zum-zum de insetos em cardumes,  
reage o homem, pedindo a proteção dos numes,  
em rústicos giráus de habitações palustres.**

**Surdo ao perigo, herói varonil da prehistória,  
expõe ao sol e à chuva os magros membros nús. . .  
Escreve na floresta o poema da vitória,  
e apenas tem na dôr dessa vida sem glória,  
essas noites sem dia, êsses dias sem luz. . .**

**No solo em que nasce ouro à cova em flôr e, às vezes,  
o ouro é negro, o ouro é verde — ouro sempre em desordem,  
o novo Midas tem sêde mêses e mêses,  
mas, de oihar no futuro, estrangula os revezes,  
estrangula no peito as serpentes que o mordem.**

**Arboricida, sonha o verão, sonha o ganho,  
as árvores sangrando ouro, — érgue-se e tem fé.  
E, plasmando a ambição de homem de um mundo estranho,  
à ânsia, que a terra dá, das centauras de antanho,  
é o titã da Amazônia, é um deus: fica de pé.**

Sem verter prantos, lança em torno o olhar enxuto,  
e lhe revolve o peito, um calvário de máguas.  
A reserva de um ano esfaz-se num minuto  
nas bôcas da caudal que, num breve minuto,  
broca as terras, engole as ilhas, turva as águas. . .

Mas o trabalho chora — Em cada canto há um círio.  
Quanta coragem vã para fugir depois  
ao brusco levantar das águas em delírio.  
Que desespero vêr, nêsse longo martírio,  
os perdidos jutais e as marombas dos bois!

## NOITE

A noite é formidanda. Exsurge atros abismos,  
polos sem salvação, miseráveis cavernas. . .  
Ocultam-se no seio, em doidos paroxismos,  
loucuras sem manhã, batalhas de heroísmos,  
na lúgubre eclosão das tragédias eternas. . .

Fuzilam pela treva os espetros malditos,  
vícios e perversões que a amargura nos traz. . .  
No solêne silêncio há mandingas e ritos. . .  
Vêm-se, na confusão de vidas e detritos,  
consolações de Deus, ódios de Satanaz.

Sôbre as águas que, ao luar, têm platina e vidrilho,  
canta a mãe-dagua: canta entre as curvas embaúbas.  
Como horroriza o luar! Como é triste o seu brilho!  
O pobre pescador, que segue êsse estribilho,  
não mais torna ao calor das tabas e das tubas. . .

Que poder e riqueza a torrente carrega  
no leito e nos fundões, torcidos de terror. . .  
Entre as águas e a selva, abertas em refrêga,  
ardê a força a sonhar, completamente cêga,  
uzinas, fornos de aço e rodas de motor. . .

Chove! a enchente borbulha em forjas de energia,  
— energia brutal, fóra do alcance humano. . .  
E, dentro da corrente, à flôr das maresias,  
a terra, que foi mar em épocas sombrias,  
procura, em pesadêlo, o coração do oceano.

# Metamorfose de um símbolo

FELIX VALOIS COELHO

Vão muito longe os ominosos dias — quando, nivelada às alimárias inconscientes, a criatura pensante valia pela força bruta; quando, ao aceno da impudicícia, a cabeça de um casto rolava no chão, para, golfando sangue, receber os beijos de fogo da sensualidade; quando tôda a vida de vastos senhorios flutuava ao sabor de conchavos urdidos nas alfurjas, aonde rainhas e imperatrizes desciam, à cata de virilidades raras, capazes de saciar-lhes a ninfomania escandecente; quando a humanidade inteira se prosternava embrutecida diante de um cavalo, que a demência de um imperante elevava à dignidade senatorial; quando monstros revestindo aspecto de homem se regalavam e deleitavam a multidão envilecida com espetáculos de devassidão e morte, e rematavam tais festins macabros cevando a sua repugnante concupiscência aos mimos de favoritos de excepcional masculinidade.

\*\*\*\*

Nesses remotíssimos tempos tu eras alvo de universal desprezo. Simbolizavas a abjecção humana. Corporificavas a bárbara justiça de uma sociedade composta exclusivamente de senhores e escravos, isto é, **aristocratas** ou **nobres** e **plebeus** ou **o povo**. Justiça que representava a alma empedernida, o espírito rude, o coração árido de indivíduos para quem a vida se limitava à matéria, e, portanto, viver significava cultivar aferradamente o amor próprio com todo o seu cortejo de bestialidades. Impiedade considerava-se a máxima excelência; e o supremo crime consistia em pensar que os nobres não fôssem deuses ou que os plebeus fôssem homens. Vingança requintada de crueldades, — eis o princípio básico da defesa social: o autor de um deslize,

fôsse qual fôsse a causa do seu desvio, merecia apontado ao ódio público, pois tornava-se **coisa** nojenta, objeto de repulsa geral, indigno sequer de comisseração; devia a sociedade, vale dizer o grupo dominante — pérfido, ambicioso, moralmente azinhavrado — castigá-lo exemplarmente, para escarmento de quaisquer que ousassem refletir na possibilidade de suavizar, mediante restrições aos potentados, as duras condições de existência da grande sofredora massa. E, quanto mais atrevido ou deprimente se julgasse o feito incriminado, tanto mais infamante havia de ostentar-se a manifestação da vindicta, tanto mais asqueroso instava mostrar-se o meio de punir o transviado.

\*\*\*\*

E, entre os instrumentos de suplício, tu, ó Cruz, concretizavas o degradantíssimo de todos, aquêles que selava o infeliz com o estigma do sumo rebaixamento: os teus braços constituíam a cadeia torpe que prendia o desgraçado ao tronco da execração eterna; a tua sombra, soturna qual o ventre dos abismos, ao invés de assinalar fagueiro oásis, onde para a inocência atribulada verdejasse a esperança, indigitava o lugar maldito, donde impendia fugir, como de sítio pestífero. Morrer crucificado representava o derradeiro grau da desonra, significava ignomínia incomparavelmente maior do que sucumbir na fôrça, sob chicotadas, na fogueira, ou esbofeteado, ou apedrejado.

\*\*\*\*

Certo dia, porém, caíste sôbre os ombros de um justo: Jesus, o Nazareno, o humilde filho de um carpinteiro tivera a audácia de, em praça pública, pregar a regeneração dos costumes; atrevera-se a falar na igualdade dos homens; afoitara-se a desfraldar a bandeira do amor por insígnia do seu apostolado; e cumulara a sua ousadia batendo-se pela dignificação da mulher, que, até então, enclausurada no recinto confinado dos serralhos, desempenhara o papel de cativa, que o homem podia, a seu talante, negociar, na qualidade de rendosa mercadoria, ou explorar, na função de passivo instrumento de trabalho, ou desfrutá-la na condição de simples máquina de prazeres grosseiros, com que o proprietário se deliciava e obsequiava a hóspedes e amigos.

Os políticos da época (sempre essa farândula nociva!) não podiam suportar tamanha temeridade. Colocá-los em situação desprimorosa ante os olhos da multidão equivalia a destruir os próprios alicerces da ordem social. E, conforme costumam fazer — escondidos na trincheira da hipocrisia, embuçados na capa de fementido zêlo, disfarçados em guardiões de uma legalidade equívoca, empenharam-se em insuflar o ânimo das turbas contra o homem que se revelava tão perigoso para êles. Simulando, assim, um movimento de reação popular, manejando a covardia de um juiz, depois de terem comprado a consciência de um homem-verme, puderam decretar a sorte do inocente importuno: morte, a mais injuriosa de tôdas.

\*\*\*\*

De tal modo, ó Cruz, o único homem puro vergou ao teu pêso, qual se fôra êle a imunda das imundas criaturas. E tu te ergueste, em seguida, exibindo no espaço — para vergonha dos séculos, estarecimento dos mundos e indelével nódoa nos braços da humanidade — o corpo esquálido da intemerata vítima da inveja e do despeito, enquanto a ingratição dos incontáveis beneficiados pela munificência da bondade sobrenatural esbravejava, bramia, regougava, em fonéticos aplausos à iniquidade inenarrável.

Tremenda lição para os orgulhosos de todos os tempos, para os apavonados de todos os quilates! Terrível lembrete aos que, guindados casualmente a transitória posição, ou favorecidos (muitas vezes mediante processos inexplicáveis) com algumas dezenas de patacas, logo se presumem semi-deuses, credores do culto das gerações, ou rochedos milenários, inabaláveis pela fúria dos vendavais das vicissitudes históricas. Ah! se todos êsses filhos de uma ingenuidade alvar recordassem, de cotio, que aquêle populacho, desvaiado em apupos ao paciente injustiçado, era o mesmo que, tres dias antes, ovacionava, no paroxismo do entusiasmo, ao **Filho de David!** . . .

\*\*\*\*

Mas o Augusto Sacrificado era Deus. Isso não puderam ou não quiseram ver os seus algozes. E o sangue do Homem-Deus, banhando-te, ó Cruz, a escabrosa rijeza, derramou-se pelo mundo, orvalhou almas, abrandou cora-

## REVISTA DA ACADEMIA

ções, lavou consciências, purificou sentimentos, ao pensamento deu novo rumo, desviou o curso da História.

Destarte, ó lenho venerando, operou-se um prodígio sem par: os teus braços transformaram-se, de algema ultrajante, em laço de união sublime; a tua sombra deixou de indicar o couro das misérias e passou a marcar o asilo da virtude, o refúgio dos acabrunhados pelos rigores da maldade humana.

Remiste a humanidade, espargindo sôbre ela o sangue de Jesus, — sangue que, não tendo o azul das nobrezas terrenas, tem o ouro vivo da perfeição divina.

Por isso, empós de ti caminham incessantemente homens e nações. E, na infindável romaria, proclamam de contínuo: AVE BENDITA CRUZ!



# O DESTINO DE UM LIVRO E O LIVRO DE UM DESTINO

MITHRIDATES CORRÊA

**"FIGURAS & SENSACÕES"**, vinte e dois anos depois de publicado, continua sendo o livro de maior repercussão do escritor Pericles Moraes. Quase não há quem dele se olvide ao realçar a obra dêsse homem, justificadamente considerado a maior expressão intelectual da Planície. Porque isso se verifica à evidência dos fatos, repetindo-se amiude, até mesmo em vulgares registros de aniversários, voltei a relê-lo com o desmedido interesse de encontrar uma explicação para o que me vinha causando estranheza.

Convenci-me então de que há livros que surgem e morrem. Livros que não resistem à insuperável epidemia do mau olhado daqueles que, de ânimo refletido ou por simples curiosidade, lhes devassam sofregamente as páginas, em comprometedoras pesquisas, para lhes descobrir os deslizos e impropriedades, proclamando por fim a sua desvalia pela medicridade do tema e os desarranjos da forma, com o que não se contentam os censores de obras feitas e os multiplicados donos da lingua portuguesa. Irremediavelmente condenados, não sobrevivem como os que prendem e encantam, como os que doutrinam e enriquecem o espírito, porque pacientemente trabalhados à chama viva e empreendedora de uma vocação, de um pendor instintivo.

Eis porque os bons livros não morrem nunca e para êles os louvores afluem expontâneos como imperativos reflexos do pensamento, manifestando-se ao ímpeto incoercível das emoções, pelo irrecusável reconhecimento de seus méritos. Sempre será em pura perda que, para os maus, a generosidade engendre ouropeis ou urda lisonjas com o brilho

duvidoso e o momentâneo efeito das glórias efêmeras de que tanto se enfatuam e se endeusam os corifeus do sensacionalismo de estampa. Desaparecerão vitimados pela indiferença, pelo alheamento e pelo descaso que os sepultarão nos escombros da demolida vaidade de seus autores.

"FIGURAS & SENSações", fixando-se às atenções dos intelectuais do país com reiterados rumores de surpreendente e magnífica afirmação literária, projetando-se vitorioso no círculo hermético, quase inviolável do criticismo nacional para ser objeto de consagradoras exaltações, teria, como todo livro, o seu destino, mas o glorioso destino dos grandes livros. Assinalando-lhe o início de uma jornada pelos altiplanos da literatura contemporânea, trouxera, ao ser lançado à avidéz dos homens de espírito, a marca indelevel de uma vocação. Isto seria suficiente para garantir-lhe um êxito duradouro como o de toda obra de arte em que se deparam empenhados, confundindo-se na projeção de seus contornos, na suavidade encantadora do seu estilo, na sugestiva desenvoltura de suas linhas, do esplendor de uma época e a alma torturada do artista.

No juízo respeitável de Taine, nenhuma obra de arte pode deixar de refletir, no seu estado geral, o espírito e os costumes do tempo a que pertencera, prisma pelo qual nos capacitamos à sua análise para julgá-la com rigorosa exatidão. O livro de Pericles surge-nos num período de pronunciada e intensa agitação literária. Vivíamos, em seu climax, o conflito aceso entre os criadores de novas expressões, de novos estilos e de novas tendências e os aguerridos conservadores das tradições de beleza do romântico século XIX, que muito influiu no desenvolvimento das letras brasileiras. Em atmosfera tão propícia ao pronunciamento de valores positivos, o escritor que vislumbrávamos através de febricitante atividade jornalística, teria forçosamente de aparecer, depuradas que estavam as suas preferências e robustecida a sua faculdade concepcional. O jornalista de excepcionais recursos nas polémicas, senhor de prodigiosa agilidade mental e de inexcedível riqueza vocabular, transfigurar-se-ia no primoroso estilista de outras obras, após o sucesso de "FIGURAS & SENSações", livro que simbolizou com a suntuária estrutura de seus capítulos, pela inebriante sonoridade de seu estilo e a imponência das

**figuras humanas de que se ocupou, o heráldico e majestoso cartão de visita com que seu autor se deu a conhecer aos pontífices da nossa literatura, professo do mesmo ofício religioso, como êles também devotados às maravilhas da arte que elegera motivo único das suas ambições.**

O escritor, como fiz sentir e como era de suspeitar-se, não nasceu com êle. Ao festejado aparecimento dêsse livro antecipara-se uma vida sobremodo inquieta, cheia de episódios impressionantes, denunciadores de uma personalidade vigorosa que exploraria, até o paroxismo, os requintes da sua hiperestesiada sensibilidade, então sob o fascínio das mais fortes e impressivas emoções. O seu primeiro livro, depois de tão demorado e persistente noviciado artístico, escrito quando ainda bem vivas lhe eram as impressões das suas rondas ao velho continente, seria o reflexo da sua alma extasiada com o que de mais belo lhe assomara em seus refolhos ao percorrer mananciais de cultura por inelutável imposição do seu destino. *La Religion de la Musique* e *Les Héros de l'Orchestre* o exaltariam ao delírio como a quem, de modo súbito, fôsse surpreendido com o espetáculo mais deslumbrante da Natureza para despertar do imprevisto em frémios de beleza. Os dois inigualáveis trabalhos de Mauclair teriam constituído a sua iniciação nos segredos e mistérios da música? Não, por certo. A música, essa harmoniosa linguagem dos sentidos que se anima e se espiritualiza num acalanto, que se faz profunda e misteriosa numa sonata, que possui doçura num scherzo, que se enche de suave melancolia num noturno, que em sonoridades nos transporta ao delicioso mundo do sonho, essa linguagem é tãda a do "FIGURAS & SENSACÕES", como será a de todos os livros dêsse homem de letras escravizado, como um artista consciente da sua arte, ao rigor da forma, à beleza do ritmo e à excelência da idéia.

"FIGURAS & SENSACÕES", sobretudo e a todos os aspectos, cristaliza as impressões sensoriais do esteta. É um livro ditado mais pelos sentidos, circunstância que o distinguiria dos demais em que o escritor conjugou à sua permanente e requintada sensibilidade, o máximo das suas energias espirituais.

Relendo-o, vinte e dois anos depois que o tive em mãos, surpreendi-me tocado pelo mesmo entusiasmo da mocidade

**que se distanciou de mim. "Livro velho e harmonioso", livro antigo e sempre novo, que me fez reviver os mesmos instantes de enlêvo e encantamento de um passado que se torna cada vez mais remoto. Livro que viverá como não morreram e não morrerão nunca os livros dos grandes pensadores, como serão eternas as obras dos grandes artistas. Êste o seu destino, marco inicial de uma trajetória resplendente que é a vida de Pericles Moraes, do maior vulto intelectual da Amazônia a quem se ajusta, no seu verdadeiro sentido, o nome de escritor.**



# EXALTAÇÃO

MAVIGNIER DE CASTRO

Todos os anos, no dia vinte e um de setembro, por determinação legal celebram os brasileiros a festa da árvore. A comemoração, entretanto, não se devia realizar com o emprêgo do substantivo "festa", no sentido amplo de regosijo, sabendo-se que em tôda a feraz vastidão do solo pátrio, os vegetais, avigorados pelo humo inexaurível e pela adaptação com o meio geográfico, vivem em constante festejo, sem intermitência das estações que se prolongam indefinidamente numa quadra primaveril.

A resultante dessa uberdade e dêsses fatores ecológicos positiva-se até mesmo através dos sertões nordestinos, quando, calcinada pelas secas adurentes, a gleba sorve a última gota de lodo aquoso dos riachos. O sol combure, e, na reverberação ofuscante, como que trepida a paisagem devastada. Em contraste, porém, com as caatingas de arvoredos esmarridos, ali e acolá flabelam carnaubeiras verdejantes e pompeiam, viçosas, as franças de juazeiros e oiticicas.

Distinguindo-se de suas congêneres nativas de outras terras, nossas árvores não temem que o rigor das geadas lhes creste o verdor perene da folhagem; não despegam os tufões os recamos de suas fiores balsâmicas, nem os terremotos em tempo nenhum abateram a estrutura de suas frondes apendoadas, sacrificando-lhes os sucessivos carrêgos dos frutos imaturos.

"Festa", portanto, é quase uma denominação inexpressiva, uma redundância que persiste apoiada na lei, desnaturando a esplendorosa alegria da pujante e colorida paisagem vegetal, de cuja posse, justificadamente, tanto se ufana o nosso brasileiro.

**Não se deve nestas objeções interpretar qualquer prurido de idéias inovadoras. Convenhamos, porém, que não devemos continuar incidindo no pleonasma de "festejar" a festa das nossas árvores. Exaltêmo-las, protegendo-as.**

\*\*\*\*

**A Ciência, dizem, vem pouco a pouco despindo a clámide diáfana que reveste a poesia das grandiosas manifestações do universo. Cremos, todavia, que, ainda mesmo investigados totalmente, os três reinos da natureza nos facultarão sempre renovados motivos para o encantamento do espírito e maior delícia dos nossos olhos.**

**Deixaremos, por acaso, de admirar a serena beleza das flores porque a Botânica nos revela a função que lhes cabe na gênese das plantas? Merecem desapareço as orquídeas exóticas ou as dalias esplendentes pelo fato de sabermos que suas côres inigualáveis provêm da alimentação? — Não. As maravilhas naturais jamais se extinguirão porque, dia a dia, a Ciência mais fundamentalmente penetra na sua essência.**

**O mundo vegetal pela multiplicidade das espécies que o compõem, por sua atraente policromia e pelo valor presadido que representa para nossa própria existência, impressionará sempre as conquistas culturais, conciliando-as aos remígios de nossa fantasia pensamental.**

**Por tôda parte, a vegetação constitui a vitória da vida sôbre a morta aridez mineral. São as selvas e os bosques, as savanas e os prados que, por seu triunfo luxuriante, impedem a transformação da terra em um deserto sáfaro, inabitável.**

\*\*\*\*

**Mas, falemos da expressão mais perfeita e soberana do reino vegetal: a árvore, cuja maturidade gloriosa enleva nosso espírito, dando-nos permanente lição de harmonia, fecúndia, prestança e estabilidade.**

**Com o formato do berço ela está presente ao limiar dos nossos dias. Do seu lenho nos vêm a casa que habitamos, os móveis, as obras de talha, os cabos dos instrumentos agrários. De suas fibras dá-nos a química o papel, a estôpa, e a farmacopéa encontra variadas aplicações no**

uso dos seus frutos, folhas e raízes. Ela, finalmente, tabulada no esquite, conosco desaparece na viagem do túmulo. A sombra de uma árvore abrigando nosso descanso nos dias de canícula, traz-nos a sensação imaterial de uma carícia. O gorjeio dos pássaros, nos altos ramos, vale por uma sinfonia de liberdade e o próprio sol parece traçar filigranas de ouro fino na folhagem, como se as quisesse envolver nas asas das cigarras zonzas de tanto ziziar horas a fio.

Mas as árvores são mais belas, majestosas e exuberantes quando se agrupam na grandeza selvagem das florestas tropicais. Dentro das clareiras silenciosas é que as résteas de sol refulgem como chispas fosforescentes sôbre as joias aladas que são os beija-flores e as borboletas de estranhos matizes. Ali, o chão fôfo e úmido está sempre encoberto por um tapete de folhas sêcas, pespontado a espaços pelos crivos aromáticos de mil flores silvestres. Dos troncos aveludados de musgo derrama-se a fragrância das resinas e a ramaria estriada de cipós se enche de zumbidos, de pipilos, de farfalhos ciciantes porque a festa da arborescência se realiza diàriamente, da alvorada ao pôr do sol.

E' a festa de tôda a natureza. E uma oblata, pois as árvores, amigas e oferentes, representam a beleza, a bondade e uma grande alegria da vida.

Assim, exaltando as árvores, tenhamos como um dever cotidiano zelar pela plenitude de sua vida utilitária. Não consintamos as queimadas inúteis que tanto destroem as matas. Que a nossa proteção se estenda, principalmente, aos espécimes que embelezam as ruas, parques e praças das cidades. São êles que aliam sua função recreativa à higienização do ar que respiramos. Resistindo às fumaças, à poeira, aos vapores das essências que turbilhonam pelas artérias citadinas, as árvores desempenham plenamente a incumbência que lhes damos: distraem, ornamentam, purificam.

Glória a elas que, segundo Lineu, "dentre os sêres vivos, são os mais notáveis"!

# SUGESTÃO

THIAGO DE MELLO

*Antes que venham ventos, e te levem  
do peito o amor — êste tão belo amor,  
que deu grandeza e graça à tua vida —  
faze dêle, agora, enquanto é tempo,  
uma cidade eterna: e nela habita.*

*Uma cidade, sim. Edificada  
nas nuvens, não: no chão por onde vais;  
alicerçada, fundo, nos teus dias  
— de modo assim que dentro dela caiba  
o mar e o sol, a noite e os passarinhos,  
e sobretudo caibas tu, inteiro:  
o que te suja, o que te transfigura,  
teus pecados mortais, tuas bravuras,  
tudo afinal o que te faz ser homem  
e mais o tudo que, por homem, fazes.*

*Ventos do mundo sopram; quando sopram  
aí, vão varrendo, vão, vão carregando  
e desfazendo tudo o que de humano  
existe, erguido e porventura grande,  
mas frágil, mas finito como as dôres,  
porque ainda não fincado — qual bandeira  
feita de sangue, sonho, barro e cântico —  
no próprio coração da eternidade.*

*Pois com cântico e barro, sonho e sangue,  
faze de teu amor uma cidade,  
agora, enquanto é tempo.*

REVISTA DA ACADEMIA

*Uma cidade*

*onde possas morar. Mesmo que o mundo  
já não te seja casa, mas um chão  
hostil de pouso, ou só te seja um muro  
avaro de janelas, terás sempre  
tua meiga morada.*

*Uma cidade*

*onde possas cantar quando o teu peito  
parecer, a ti mesmo, êrmo de cânticos;  
onde possas brincar sempre que as praças  
que percorrias, dono de inocências,  
já se mostraram murchas, de trapézios  
recobertos de musgo, ou quando as relvas  
da vida, outrora meigas a teus pés,  
brandas e verdes já não se vergarem  
à brisa das manhãs.*

*Uma cidade*

*onde possas dormir fecundamente.  
Ainda que o sono escuro do teu corpo  
já não floresça em sonhos, nem te dê  
repouso às esperanças fatigadas  
o teu dormir será, como o dos anjos,  
portão de muitos mundos.*

*Faze de teu amor uma cidade  
onde possas achar, rútila e doce,  
a aurora que nas trevas dissipaste;  
onde possas andar como um menino,  
indiferente a rumos: os caminhos,  
gêmeos todos, ali te levarão  
a uma ventura só — macia, mansa... —:  
hás de ser sempre um homem caminhando  
ao encontro da amada: a já bem vinda,  
mas, porque amada, segue, a cada instante,  
chegando, como noiva para as bodas.  
(Só as bodas celestes, celebradas  
pela altaneira dextra, são perenes.)*

REVISTA DA ACADEMIA

*Amo do amor, és servo: pois é dêle  
que o teu destino flui, doce de mando:  
faze a tua cidade enquanto é tempo.  
Atende, e dá-lhe os seus sagrados foros.*

*A menos que éste amor, conquanto grande,  
seja incompleto. Falta-lhe talvez  
um espaço, em teu chão, para cravar  
os fundos alicerces da cidade.  
Ou falte chão, talvez, farto e propício  
para fincar o mastro da bandeira.  
Falta-lhe acaso até a própria bandeira,  
que só dura inteiriça e só perdura  
eterna desfraldada, se tecida  
de cântico e de sangue, barro e sonho.*

*Ai de um amor assim, dobrado ao vínculo  
de amargo fado: qual o de albatroz  
nascido para inaugurar caminhos  
no campo azul do céu, mas que no instante  
de alçar-se à viagem, com terror descobre  
que sem asas nasceu: não pode voar.  
Ai de um pássaro assim, tão mal fadado a dissipar  
no campo exíguo e escuro,  
onde residem répteis, o que trouxe  
no bico e na alma — para dar ao céu.*

*Que não te seja assim jamais o amor.*

*Que não te seja assim jamais o amor.  
Seja, ao contrário, dono de asas, dono  
de chão que seja bôca de alicerces,  
e dono de bandeira*

*E' tempo. Faze  
tua cidade eterna, e nela habita,  
antes que venham ventos e te levem  
do peito o amor — éste tão belo amor  
que dá grandeza e graça à tua vida.*

# Espírito e coração de C. Paula Barros

POVINA CAVALCANTI

Os artistas são muito sensíveis aos louvores que se fazem à sua pessoa. Não há simplicidade ou timidez, que não se excitam ao impacto de um elogio. Mesmo os artistas já desencantados ou céticos sorriem benevolmente à efusão de um louvor; não reagem contra o panegírico, ainda que desconfiem da sua sinceridade. É de efeito magnético a exaltação do espírito e do sentimento de alguém, nascido com a marca da predestinação artística. Contam-se os que, por serem humildes, são considerados orgulhosos. Não seria, então, a humildade senão um disfarce do próprio orgulho. Diz-se também, e com alguma razão, que a vaidade do artista é uma vaidade feminina, de tão aguda e transparente. Eis porque eu creio que a melhor forma de cultivar-se uma amizade ou a memória de uma grande amizade é enaltecer-se o luminoso signo de sua vocação intelectual ou estética. Nunca dizer bem, apenas, do ser humano satisfaz, ainda que sobeje a sua humanidade de ternura e amor. É necessário, do fundo de bondade da alma, arrancar o mistério dêsse dom, que aproxima o homem das fontes espirituais da beleza. À luz dessa experiência, não desejamos sofrer a saudade de C. Paula Barros, na solidão de sua ausência material, mas na numerosa companhia das suas criações, na embaladora vigilância dos seus cantos, na presença da sua poesia. A ele, por onde pratique, a estas horas, os caminhos de Deus, não de chegar as nossas vozes, as vozes dos seus amigos, encordadas de admiração pelo artista. Eu que o conheci

tão bem, incorporado hoje à sua posteridade, afianço que êle gostaria de saber-se celebrado como um homem fiel ao seu destino e um poeta amoroso da própria poesia. Permito-me recordar como e quando o conheci. 1925? 1926? Por aí. Cerimonioso e tímido, o poeta ainda inédito me foi apresentado por uma amiga comum. Superestimando a minha autoridade, queria êle, homem da minha geração, conhecer o meu juízo sôbre um livro de versos, cuja leitura me encheu toda uma tarde, no salão do antigo Alvear, na Avenida Rio Branco. Paula Barros não confiava um tantinho em si mesmo e tinha um exquisito medo das intimidades na chamada República das Letras. O livro era inspirado em motivos amazônicos e o ilustrara o próprio poeta. Ao cabo da leitura, naquele saudoso canto de espelho da velha sala de chá da **jeunesse dorée** dos idos da segunda década dêste século, revejo Paula Barros com uma interrogação muda nos olhos, que se arregalaram para mim, com espanto, quando lhe disse, cheio de convicção e de sinceridade: Publique o seu livro, quanto antes; publique-o e fique certo de que amanhã dêle se ocuparão, quando historiadores literários estranhos às influências dos corrilhos fizerem o levantamento crítico da poesia folclórica da região amazônica. Foi assim que C. Paula Barros publicou os "**Muiraquitãs**". Com o meu conselho, ganhou o país um poeta; ganhei eu um amigo, que o foi, desde então, extremoso e leal, raro e magnífico amigo! Sabem quantos o conheceram de perto, na intimidade, como o Paula Barros era um dínamo de ternura, um esbanjador de simpatia humana. O seu dom de receptividade afetiva era tão grande, como o das crianças que se deixam cativar pelo barulhento agrado dos adultos. Sua bondade era ingênua, sem mácula, espontânea, primitiva, confiante. Sofria, em sendo assim, grandes decepções, porque a bondade não basta na vida. E' preciso ser bom, mas é preciso também ser compreensivo. Pode lá, entretanto, um poeta ser compreensivo? Compreender é um atributo da razão, palavra desconhecida no dicionário dos poetas. Contou-me grande amiga de Paulo Barros que, certa vez, o recriminou, dizendo-lhe: "Tenha juízo", ao que êle retrucou, imediatamente, com graça: "Filha, no dia em que eu tiver juízo, não serei mais poeta". Não é que êle fôsse, nem remo-

tamente, um desequilibrado. Mas os poetas são, de fato, uns loucos, como já considerava Platão, pelo estranho conteúdo de sua inteligência e pelas desordenadas vibrações de sua sensibilidade. O comum dos homens vê a vida na limitação espacial do seu horizonte; o poeta transpõe essa linha de limitação, porque não precisa dos olhos para ver até o infinito. Como se querer, então, que um sêr dotado de tal privilégio se compare aos outros homens? Assim foi o Paula Barros, um sonhador de nascença, um visionário, um deslumbrado, que viveu e morreu em função de sua arte, dos pendores de sua imaginação, das alegrias e tristezas de seus cantos, amando as coisas impossíveis e querendo-as sòmente para si com a inconsequência de um ginasiano apaixonado. Se a poesia era nele um permanente estado de vigília emocional — o substrato de sua estesia —, outras manifestações da sua mentalidade e da sua alma, embora imanentes da mesma fonte criadora, dotavam o seu patrimônio espiritual. Por muitas faces era de vê-lo, inquieto com a procura dos caminhos, que a sua imaginação percorria através da pintura, da escultura e da música. Não tenho autoridade para julgá-lo em tais incursões. Deixo a outrem o estudo do artista plástico salientando, apenas, marginalmente, que êle foi também o arrojado autor das versões para a nossa língua, por incumbência do Ministério da Educação, de "O Guarany" e "O Escravo", de Carlos Gomes, que tanto êxito conquistaram nos nossos meios culturais e artísticos. Duas facetas mais do seu espírito impõe-se ao exame de quem procure ser exato na composição do seu retrato: a vocação do magistério e o seu amor ao Brasil. Ensinando a história da arte, Paula Barros não era um narrador frio, mas um animador extraordinário daquilo que o sentimento artístico encerra de mais puro e mais alto. Recordo-me de suas visitas a Ouro Preto e, bem recentemente, à velha Bahia. A obra do Aleijadinho, que Gastão Penalva, uma das suas maiores e mais saudosas afeições, lhe ensinara a amar com a contrição de um devoto, abria-lhe imenso itinerário nos mundos de sua sensibilidade. Paula Barros converteu-se ao barroco e, quando aportou a Salvador, era um penitente, que sacudia das sandálias o pó da sua Ladeira da Glória, símbolo da sua vida e coincidência com a sua **via-crucis**, para orar, como

um iluminado, na Igreja de São Francisco, maravilhosa relíquia da arte colonial brasileira. A outra faceta do seu espírito harmonioso e patriótico era a do poeta dos cantos orfeônicos, entre outros, do **"Canto do Pagé"** e do **"Canto do Lavrador"**, que a juventude de todo o Brasil entoava e consagra na simbiose do seu talento e do gênio de Vila-Lobos. Nesses cantos, o artista punha todo o alvoroço da sua paixão cívica, flamante de entusiasmo e de emotividade criadora. Suas **"Legendas de Glória"** ponteiam o ritmo de sua ascensão a êsse plano do espírito, dotado de tão luminosas reações. Como prosador e biógrafo, anote-se o êxito de **"O Romance de Vila-Lobos"**, que reúne o documento histórico e biográfico ao sentimento estético, a fidelidade do depoimento à beleza da emoção. Lembra-me aquela noite de reunião em sua casa, para ouvir a leitura do livro, *avant la lettre*, presente o grande biógrafo, que lhe deu inteira e comovida aprovação. Era o Paula Barros, como vêdes, uma inteligência multifacetada. Tinha contra êle, precisamente, o ser poeta acima e através de tudo. Não era homem para conversar dois minutos sobre coisas prosaicas. Via o mundo como representação; a sua realidade era a realidade da sua fantasia. Se tivesse sido comerciante, acabaria com todos os livros de uso profissional. Nem "Caixa", nem "Razão", nem "Borrador", que só atrapalham a vida de um poeta. Se fôra proletário, encabeçaria as greves mais singulares: a greve da bondade, a greve da ternura e, se possível, a greve do próprio amor, para a conquista de reivindicações ainda mais amorosas. For isso mesmo, deu-lhe Deus a missão, que lhe coube melhor, a missão do poeta, que foi, com efeito, o seu específico destino no mundo. E', pois, o poeta que celebramos, especialmente, nesta hora. Ouçamo-lo em dois poemas típicos das suas **"Legendas de Glória"**: "Bandeirantes" e "Santa Maria de Belém", que a ilustre poetisa Mercedes Silveira vai dizer para o nosso embevecimento. (\*)

Permito-me, agora, brindar-vos com tres produções inéditas do poeta, tres peças da sua imaginação lírica, escritas no Album da brilhante artista Lubélia Brandão que, dando-nos o privilégio de conhecê-las, contribui por esta forma

---

(\*) A poetisa e declamadora foi muito aplandida.

tão sensível para o maior brilho da nossa homenagem. Aí veremos na plena vertigem da sua **rêverie**, no mais extremado deslumbramento da sua estesia, sonhando acordado ou mal desperto, angustiado, sequioso, numa aflita procura da Felicidade. Esse estado é, com efeito, o natural dos líricos, que são no fundo doces criaturas inofensivas. Vejamo-lo em

### MINHA MUSA QUERIDA

Virás? . . . Não virás? . . . Não sei . . . Sei que te espero e esperarei por ti toda a minha vida, e nesse anseio inquieto, eu que te espero, nem me maldigo e nem me desespero, minha visão de amor — minha musa querida.

Não importa que chegues cedo ou tarde. Para ver com que extremos eu te espero, musa, visão etérea, realidade . . .

te espero e esperarei, até ao fim. Talvez chegues . . . Talvez venhas sorrindo para o instante final das minhas dores trazer para a minha cruz algumas flores. E eu beijarei tuas mãos — Felicidade!

O poeta queria, na expectante embriaguez esponsalícia da sua musa querida, algumas flores, apenas, para a sua cruz. E a isto êle chamava "felicidade". Leiamos agora estas trovas:

A rosa que tu me déste  
fui depo-la num altar.  
E pedi à Virgem Santa  
com vontade de alcançar . . .

Pedi, roguei numa prece,  
talvez pecadora e louca,  
que Ela me desse, querida,  
as rosas da tua boca.

REVISTA DA ACADEMIA

Si lá no ceu foi ouvida,  
eu acredito, meu Bem,  
que os querubins e os arcanjos,  
ouvindo-a, disseram — amem !

E, finalmente, êste admirável poema sem título, que eu chamaria, simplesmente

**NA NOITE FRIA . . .**

Na noite fria, erma e sombria,  
como uma brasa pequenina, entre cinzas e cinzas dolorosas,  
eu te encontrei . . .

Na noite fria,  
tão só — sòzinha — e tão sombria,  
eu te encontrei . . .

Brazinha viva, lume bom, candeia,  
a minha noite já vai alta, e estrelada se alteia  
e chora sôbre mim, tristemente, o luar . . .  
como sôbre um telhado de tapera,  
de onde mais nada, nada mais se espera,  
(senão que venha um dia a se acabar).  
Vem trazer-me, por Deus, o teu calor bendito,  
o calor dos teus olhos com que aqueces  
o meu olhar voltado aos ceus, nas preces  
com que eu vivo a pedir a Deus para te abençoar.

Brasa, lareira amiga, fogo intenso,  
deixa abrasar-me em ti !  
Deixa queimar, como se fora o incenso,  
de toda esta paixão com que eu te adoro,  
meu pobre coração, no teu altar.

Brasa, lareira amiga, fogo intenso, brazinha viva,  
lume bom, candeia . . . Confesso que nunca li de ninguém  
tantas palavras quentes tão alucinadamente ternas.

\*\*\*\*\*

Desçamos agora, para finalizar, do sétimo ceu da  
poesia para a realidade brutal. Paula Barros morreu.

Pranteei-o antes mesmo da sua morte. Eis como, em carta ao escritor Pericles Moraes, nosso grande amigo comum, dois meses antes do desenlace, eu lhe comunicava, para Manaus, a minha consternação. Publico esta carta, porque nela se completa a minha saudade do amigo, com uma palavra de homenagem à Antonieta, aquela que foi em sua vida, mais do que uma companheira, o seu anjo da guarda, a sua custódia maternal. Eis a missiva:

"Esta carta é de grande amargura, pois, lhe vou falar do nosso Paula Barros, cujo coração foi destruído por um raio: a morte da admirável Antonieta. Pois bem, como se não bastasse para transbordar o seu cálice tão marcante desdita, deu-se o mais trágico: o nosso boníssimo Carlos está paralítico. Creia que as minhas forças não resistem ao espetáculo da sua dor. Por duas vezes que fui vê-lo (repare, só duas vezes!), saí do velho sobrado da Ladeira da Glória com o coração despedaçado. O pior é que o nosso querido amigo não articula as palavras. Engrola-as. E chora, chora, chora. Como é possível, meu caro Pericles, que um homem tão bom, um homem com a alma de uma criança, um homem de tanta ternura ingênua e sonhadora possa sofrer tanto? Esta carta a V. precisaria ser escrita, porque dêle ouvi, muitas vezes, que V. era um dos seus poucos amigos, amigos-amigo, que êle contava pelos dedos das mãos. Que Deus se apiede do nosso Carlos, pois, que êle, quando morrer, terá morrido duas vezes. Já morreu com a morte da Niêta e aguarda, agora, a sua segunda vez".

E assim aconteceu.

Rio, 23 de Agosto de 1955.

# JOÃO LEDA

**Moacyr G. Rosas**, eleito para a poltrona 11 do quadro de sócios correspondentes da Academia Paraense de Letras, sob o patrocínio do vernaculista da "Quimera da língua brasileira", escreveu a seguinte oração:

**A alta dignidade que ora nos conferis, revela o quanto sois clemente para conosco. Fazendo-nos desfrutar de um privilégio que se contrapõe às tradições desta colenda Academia, cujo critério seletivo exige além dos dotes morais, a solidez da cultura e a cintilação do espírito, como facilmente se testifica com os insígnos membros de sua ilustre Companhia, a nossa presença aqui, como em outras instituições culturais a que pertencemos, só se justifica pelo inebriante halo da generosidade.**

**RENAN**, o profundo erudito e magnífico estilista da minha maior admiração, em circunstâncias idênticas, na tribuna da Academia Francesa, preceituara que são bem indicados ao ambiente da Academia, "aquêles que falam bem, aquêles que pensam bem, aquêles que sentem bem, o sábio que fez profundas descobertas, o homem eloquente que dirigiu sua pátria pela gloriosa via do govêrno livre, o meditativo solitário que consagrou sua vida à verdade, tudo que tem brilho, tudo que proporciona luz e calor, tudo de que se ocupa e entretém a opinião pública". Que nos perdôe o maravilhoso coordenador das tradições de Cristo! Mas a sua luminosa síntese do meio acadêmico peca, porque, ali, foram olvidadas as figuras inexpressivas, que giram em tórno das personalidades maiores, lembrando as indistintas nebulosas cercando os astros fulgurantes.

**MEDEIROS E ALBUQUERQUE**, êsse agitador de idéias que foi membro preeminente da casa de **MACHADO DE**

**ASSIS**, melhor que o hebraísta genial afirmou serem três as vias acadêmicas consagradoras; mérito, bondade e temor.

A benevolência, — insistimos neste ponto — foi o que mais prevaleceu, elevando-nos a tamanhas eminências. Assim como o cisne de Mantua transpôs os círculos do Inferno e do Paraíso conduzindo o divino florentino, nós também, pelas mãos de Georgenor Franco, o inspirado poeta de *Rebeldia*, e pela fidalguia de seus confrades não menos ilustres, atravessamos os refulgentes pórticos da Academia Paraense de Letras.

A nossa poltrona de sócio correspondente é a décima primeira, cujo patrono é o inesquecível mestre João Leda.

Quando, às primeiras horas da tarde de março último, pereceu êsse notável maranhense, aconteceu um fato que bem merece ser assinalado. Chovia a cântaros em Manaus, parecendo que o céu também deplorava a irremediável perda. Ainda naquela tarde, **PERICLES MORAES**, a preexcelsa inteligência de nossa terra, determinou as honorarias que deviam ser prestadas a uma das figuras mais impressionantes da Academia Amazonense de Letras. Reunidos em torno do cinzelador de Legendas & Águas-Fortes, recebíamos as suas ordens com a costumeira veneração a que, certa vez, num feliz improviso, o sociólogo **ANDRÉ ARAUJO** comparou a dos estudantes de filosofia ao ouvirem o verbo consagrado dos sábios da velha Grécia. Sentia-se na sua palavra traspassada de emoção o amargor dos profundos dramas interiores. Com **JOÃO LEDA** desaparecia o último herói, o último guerreiro de sua maravilhosa estirpe. **PERICLES MORAES** viu despontar e vencer no cenário amazônico as mais legítimas expressões de sua vida cultural. Sucumbiram quase tôdas: — **ARAUJO FILHO**, **HELIODORO BALBI**, **BENJAMIN LIMA**, **LEOPOLDO PERES**, **ADRIANO JORGE**, **HUASCAR DE FIGUEIREDO**, **JONAS DA SILVA** e muitos outros.

**JOÃO LEDA** faz recordar um espelho mágico, onde se refletem, conjuntamente, um embrumado destino, um sabor admirável e uma luta intermitente. Um destino sempre em conflito com as adversidades que o acompanharam desde os primeiros anos da existência, como êle próprio assinalou, quando se referiu aos impulsos de sua

vocação para a carreira das letras, no belo discurso pronunciado no Hotel Amazonas, no almoço de confraternização dos jornalistas, em 25 de dezembro de 1953: "Depois, o exílio paterno para Manaus, mercê da politicagem caolha e nefanda, que obrigou um quase ancião a remover-se com a prole para paragens distantes e desconhecidas. Trazendo, porém, no sangue o vício do jornal, aqui ví surgirem numerosos sob quentes aclamações e sumirem-se outros em meio da indiferença pública".

Não se nos afigura ser tarefa sem difficuldades escrever a biografia de JOÃO LEDA, que militou por mais de meio século na imprensa amazonense, colaborando em conceituadas revistas filológicas do país, que lhe projetaram o nome nos continentes onde se fala a língua de Camões. O notável vernaculista amazonense não se limitou apenas a revelar os segredos das suas singularidades especulativas como procede a maioria dos gramáticos, cuja função se circunscribe às questiúnculas de linguagem. A sua posição de filólogo e mestre do idioma alteia-se ao nível de um LATINO COELHO, de um CARLOS DE LAET ou de um JOÃO RIBEIRO. O seu desvelo pelo idioma pode-se equiparar ao de RUI BARBOSA. Um dia, quando em chéque a linguagem do epistológrafo das "Cartas da Inglaterra", pelas restrições que lhe fizeram, tumultuou-se a cultura nacional, bifurcando-se em duas posições: uma ficou ao lado do sábio CARNEIRO RIBEIRO, e a outra empolgada aclamava o autor de A Réplica. RUI, em sua tese, defendia teorias que revigoravam a língua na excelência clássica e acadêmica. E exaltando o carinho idiomático do nosso patrono, devemos afirmar que JOÃO LEDA, tanto ou mais do que a Águia de Haia, advogou com a superioridade de um erudito e a audácia de um cavalheiro andante o apostolado da língua portuguesa. Com espírito arguto penetra as fontes históricas e de lá retira os argumentos convincentes para esmagar as pretensões dos arrojados jacobinos que alardeiam a crença de uma futura língua nacional. A Quimera da Língua Brasileira é uma obra de excepcional descortino, assim no aspecto bibliográfico como em seus panoramas filológicos. Revelando a fôrça e o fôlego de um gigante amazônico, êste livro reivindica as seculares tradições da "última flor do Lácio".

Em nossas modestas investigações biográficas, não foi outra a nossa finalidade senão decifrar as incógnitas que porventura surjam envolvendo as personagens objetivadas. Todavia, ainda não nos foi possível compreender porque JOÃO LEDA, ordinariamente, assumia atitudes insólitas que o arrastavam sempre a disputas encarniçadas. Esta característica beligerante de seu espírito superpunha-se a qualquer outra e fazia-o temido e respeitado.

A propósito, lembraremos a célebre polêmica que travou com CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, demonstrando os inúmeros senões que maculam as páginas do dicionário da língua portuguesa de sua autoria. JOÃO LEDA desferiu tantas cutiladas no insigne dicionarista que o deixou desvalorado. As suas investidas provieram, sobretudo, da "desconsideração inflingida a RUI BARBOSA nêsse portentoso monumento, que lhe não invocou o nome, onde e quando devia; que lhe rejeitou, sem motivo declarado e plausível, notáveis contribuições linguísticas; que lhe trancou o título das obras e lhe deturpou os textos magistraes". E depois, não esquecendo de assinalar a astúcia de CÂNDIDO DE FIGUEIREDO em colocar um conceito de RUI no sub-rostro de seu grande Dicionário, comenta no prefácio da 1.ª edição do Vocabulário de Rui Barbosa: "inscreve no peristilo do seu Dicionário, como aresto descido dos cimos da ciência de linguagem, uma douda sentença de Rui BARBOSA". Em seguida, sem negar a cultura filológica de CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, increpa-lhe o descuido, a indiferença e a injustiça "com que se houve no seu léxico a respeito do incomparável mostil da prosa", que é o autor da Réplica. E após apresentar argumentos e provas, como era de seu critério, em questões desta natureza, JOÃO LEDA adverte: "Perdõe-nos o Sr. CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, mas isto não é fazer dicionário; é simplesmente minguar as reservas da língua, desfalcá-la no seu patrimônio, desmedulá-la, fraudá-la com ânimo imperturbável e completo conhecimento do mal, o que agrava sobremaneira o delito".

Os requisitórios, no entanto, não se limitaram a êstes deslises. Em Nossa língua e seus soberanos, numerosos passos mostram ainda não só a prevenção do dicionarista contra RUI BARBOSA, mas também a sua preocupação

tendenciosa em olvidar **CAMILO CASTELO BRANCO**, ambos de sua profunda admiração. Aludindo às restrições que **RUI** fizera, através da Réplica, a algumas francesias do célebre escritor de São Miguel de Seide, assim argumenta: "E o mais de pasmar é que o Mestre raramente deixou de apoiar-se às muletas fracas de **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**, — um almotacé da língua perdido no labirinto dumas doutrinas pitorescas, ante as quais os fatos da língua — mais incontrovertidos são grossas baboseiras. Que **RUI** apontasse o deslize, simplesmente para que o evitasse quem escreve, estaria muito bem. Mas é que se não contentou disso; chamou pelo homem das Lições Práticas e este acudiu logo com as suas habituais sentenças plebéas: isto é dislate, aquilo é asneira maior da marca. Melhor fôra que **RUI** abrisse mão do desabrido censor, porque afinal as descaídas, leves ou graves, têm por si nomes da maior relevância no mundo das letras, e perante êsses nomes se apaga e some a auréola do dicionarista".

**JOÃO LEDA** possuía indisputável autoridade para fazer tais restrições ao filólogo português. Abonavam a favor do polígrafo brasileiro os seus dotes imensuráveis de raciocínio e a sua prosa academicamente vernácula, sem dúvida melhor que a do tradutor das obras de **PAULO MANTEGAZZA**.

Outro caso em que o adversário se tornou por muito tempo seu inimigo mortal, originou-se de uma injustiça praticada contra seus direitos, no concurso para a cadeira de História, da Escola Normal do Amazonas. O antagonista foi **ADRIANO JORGE**, que conheci já alquebrado e destituído da auréola de ser o maior orador da Planície. **ADRIANO JORGE**, que não deixou nenhum livro, era de fato uma notável cerebração, a deduzir-se das suntuárias pinceladas do consumado estilista patricio **PERICLES MORAES**. Leio no estudo *Legenda heróica de uma vida*: "Nenhuma outra figura de sua geração exerceu maior influência entre os contemporâneos do que **ADRIANO JORGE**. A glória, como um talismã, aureolava-lhe a fronte. Do fascínio da inteligência dessa criatura predestinada fluíam e refluíam as forças envolventes do seu prestígio". Todavia, **ADRIANO JORGE**, que possuía um temperamento superexcitado, não tinha a fibra e o ímpeto dos autênticos polemistas. Nessa

arte perigosa em que ficam expostos a honra e a cultura, é imprescindível o ânimo frio, o espírito metódico e calculista. Na polêmica, em língua portuguesa, o nome de CAMILO CASTELO BRANCO, se sobreleva aos demais. O genial neuropata de São Miguel de Seide foi mestre na contumélia e na objurgatória, em boa linguagem, consoante as afirmativas de seus biógrafos. E JOÃO LEDA era discípulo de CAMILO e foi discípulo que soube honrar o mestre tanto no ardor da luta como em defesa dos cânones do idioma. ADRIANO JORGE, ao ler o primeiro artigo de JOÃO LEDA transtornou-se e, ao invés de se defender com a mesma elegância e serenidade, desafiou o filólogo para uma luta corporal, de consequências imprevisíveis; e se a arenga não teve um trágico desfecho, deve-se ao generoso coração do escritor PERICLES MORAES, que devéras os estimava como a irmãos muito queridos.

Em tempos que já vão longe, quando ainda vivia JOÃO LEDA, focalizamos-lhe a figura de preliador com alguns conceitos, que julgamos oportuno transcrever agora, quando novamente lhe retraçamos o perfil. Citamo-los de afogadilho, emoldurando-lhe o retrato: Nasce com o indivíduo a natureza de polemista. Soberbas culturas se manifestam estimuladas apenas pelas alternativas ardentes da peleja. ERASMO, o famoso humanista de ROTERDÃO, não acumulara a sua assombrosa cultura tão somente com o propósito de penetrar nos redondéis onde se travam os duelos da sabedoria, mas porque nasceu com a arte e o instinto da Polêmica. Para exemplificarmos melhor citemos ainda um outro que, a deduzir pela sua conduta, não procedeu de modo diferente. Foi VOLTAIRE, que durante toda vida defendendo postulados da direita ou da esquerda, não fazia outra coisa senão polemizar. Esta arte difícil e temerosa também tivera um lídimo representante em Portugal: CAMILO CASTELO BRANCO. O solitário de São Miguel de Seide, com talento incomparável, cultivou todas as múltiplas facetas da literatura, e deixou uma escola de seguidores constituída das mais primorosas inteligências que já se alçaram à posteridade. E uma destas glórias vivem em Manaus. E' sócio fundador da Academia Amazonense de Letras e chama-se JOÃO LEDA. Nome nacional que desde a adolescência impressiona o cenário

cultural do Brasil. Os seus escritos chamaram a atenção, não só na parte erudita, como principalmente na elegante e superior contextura clássica, com que realça os períodos. Revelando-se desde logo cultor beneditino da língua de CASTILHO, foi em tôda a sua vida gloriosa um vernaculista impecável. Tudo isso, porém, desaparece, ou apenas permanece como os atavios de capiteis coríntios ou mouriscos, para sobressair em todo o seu esplendor a coluna poderosa e fagulhante que é a Polêmica.

Além disso, o seu espírito, dotado de incomum poder de assimilação, assemelhava-se a um reservatório para onde manavam os ensinamentos glotológicos, espelhados nas páginas dos maiores vernaculistas da língua.

O livro, em tôdas as horas de sua vida e em todos os períodos de vicissitudes por que passou, foi-lhe o companheiro e o refúgio. Este insigne escritor em um meio que não fôsse tão restrito quanto o nosso, talvez não tivesse ficado somente o filólogo e o comentarista de alta visão que conhecíamos. Formulamos êste raciocínio depois da leitura de sua conferência pronunciada aqui em Belém, no tradicional Teatro da Paz, em 31 de maio de 1927: Da psicologia do Padre Vieira. Trabalho de erudição que honraria, se o subscrevessem, os maiores clássicos do idioma, revela o arcabouço de uma cerebração talhada para os remígios do pensamento. O construtor dêsse monumento, que é A quimera da Língua Portuguesa, além de tudo, foi verdadeiramente um grande pensador. Em tôdas as suas páginas, é oportuno assinalar, percebe-se um alto senso crítico emoldurando os seus julgamentos. Testificando o que acabamos de afirmar, a título de curiosidade, citaremos o trecho antológico em que fala no orgulho dos escritores e, especificamente, no de VIEIRA. Com admirável penetração e equilíbrio elucida as imperfeições psicológicas que se tornaram sulcos poderosos na fisionomia mental dêsses homens insígnies: "Respeito VIEIRA, porém, escreve JOÃO LEDA, concertam os maiores críticos, franca ou atenuadamente, em acentuar-lhe na estrutura moral a hipertrofia da vaidade e do orgulho, mendáculos que não serão edificantes no voto da aristarca austera, mas que, a bem dizer, inerem às portentosas mentalidades, que se aquilataram, em leal autgnose, muito acima do comum dos homens.

Ninguém ignora que **CÍCERO** pediu fossem dirigidas a Roma, e não a êle, os emboras pela sua investidura no consulado, porque Roma é que devia desvanecer-se com a elevação de tal filho a essa alta dignidade. Atribui-se igualmente a **GOETHE** a auto-glorificação de ser demasiado estreito o âmbito de um século para caber dois **GOETHES**; e a crônica da abominável sangueira de 93 arquivou o dito memorável, segundo o qual **ANDRÉ CHENIER**, pouco antes do horrível contacto com o gume da guilhotina, batendo na testa com frenesi, bradou o enérgico e arrogante: *J'avais pourtant quelque chose lá.* O próprio **RENAN**, o filósofo calmo e sereno das Origens do Cristianismo, pensou e disse que seu gênio era a expressão, o resumo da inteligência "duma longa série de antepassados obscuros, que haviam economizado para êle os vigores intelectuais".

Assim, poetas e pensadores de alevantado engenho, identifica-os na História o mesmo sentimento que Jesus desamou e fulminou, e mereceu por igual uma frase de desdém ao estafado amante da **SULAMITA**, quando o fartaram sobreposse o galear das pompas e as carícias veludosas da vulcânica morena. Maior, porém, que **CÍCERO**, **GOETHE**, **CHENIER** e **RENAN**, na extensão da vaidade, no tamanho do orgulho, é sem dúvida alguma, **ANTÔNIO VIEIRA**, que, como revemos adiante, não só se alçapremava a si próprio a alturas vertiginosas, senão que se afrontava ombro a ombro com a Divindade, para, como ela, operar a maravilha de "fazer impossíveis".

Ainda, para não perder o ensejo de evidenciar o mérito exemplar do patrono da nossa cadeira, podemos lembrar com oportunidade a epístola que dirigiu ao escritor amazonense Padre **RAIMUNDO NONATO PINHEIRO**, expressão solar da intelectualidade de minha geração. Respondendo e discordando de um paralelo dêsse culto acadêmico, no qual o comparou ao suntuoso estilista **PERICLES MORAES**, **JOÃO LEDA** com o seu feitio singular, adverte:

Perdôo-lhe de coração o pecado de me haver inserido no rol luminoso dos estetas da nossa língua, ao lado do imponente **PERICLES MORAES**. **PERICLES** é, em verdade, um esteta. Penso que, se lhe queirmos o fígado, as costelas, o estômago, qualquer órgão enfim, êsse órgão resistirá um pouco, como se estivesse a reclamar inclusão

em alguma frase musical em elaboração. É um homem que pensa e escreve como se o fizesse marcando notas, ouvindo bemóis e sustenidos, fazendo arcos na pauta, como se de tôda a composição só lhe estivesse agradando um quase nada. Já tive ocasião de ver algumas vêzes as torturadas folhas escritas de PERICLES. É uma hecatombe, um morticínio de entidades gramaticais: logo ao início um advérbio degolado com furioso traço da pena; mais longe, um verbo que escorre suas lágrimas pelas pernas de um substantivo, já fuzilado com duas preposições a pedir socorro num farrapo de frase só perceptível pelos cultores da Paleografia.

Que pontos de contacto descobriria, pois, o ilustre Padre NONATO entre mim e o beneditino PERICLES, escrupuloso ao ponto de não confiar à memória a grafia dos nomes, e revê-la quantas vêzes o assaltem dúvidas, e capaz de revisar cem provas para obstar um palavrão no seu escrever, onde a musicalidade do fraseio pode correr parselhas com a casticidade das idéias? Um homem assim não pode afinar com outro que lhe é oposto em tudo: não lhe adota os processos da escritura, não perlustra os mesmos autores prediletos. Mui ao contrário, versando clássicos há quarenta anos, com êles aprendeu a desvenerar zumbais e salamaleques, e não rasgar sedas com quem as usa de insuspeita origem. Com tôdas essas coisas, perdeu também a balda de turibular autores que não sejam de 24 quilates, isso para não serem duas as bestas, consoante a sentença irrecorrível do mestre CAMILO”.

Na verdade, PERICLES MORAES, estilista primoroso e reverenciado por todos nós, homens-de-letras, constitui a moldura e o painel mais forte e impressionante da intelectualidade amazônica. E como é impossível falar nos homens de inteligência do Amazonas prescindindo de focar o consagrado vulto de PERICLES MORAES, aproveitamos tão azado momento, para assinalar com intenso e particular interêsse outra faceta do espírito do plasmador de Figuras & Sensações. Êste notável escritor não é apenas um ofuscante artífice do pensamento engastado em períodos aurilavrados, mas também, e acima de tudo, um caráter paradigmário, que exerce fascínio sôbre aquêles que têm a ventura de o conhecer. Êste artista renomado é responsável por nume-

rosas vocações literárias que têm aparecido no cenário intelectual do Amazonas. E sem a intenção de abumbrar-lhe a personalidade, nós confessaríamos, à puridade, aos nossos irmãos de espírito, que somos um dos seus milagres.

Retornando ainda à figura de JOÃO LEDA, que por seus irrecusáveis méritos se sobrelevou a supremas alturas, o seu nome figura entre o dos valores maiores da nossa filologia. Mas ninguém pense que este homem extremamente modesto se vangloriava do título de filólogo, a êle conferido justiceiramente por seus pares metropolitanos. Não. Julgava-se ofendido quando alguém assim o considerava. Pouco tempo antes de falecer, a um odontólogo paulista que o chamara de filólogo, assim revidou: "repelimos com veemência e véras dalma a calúnia de classificar-nos filólogo profissional, título que não possuímos e jamais ambicionamos, conforme já afirmamos fartas vêzes em alguns livros, todos versando assuntos de linguagem portuguesa. Nunca nos cegou a vaidade de subir a tais alturas. Contentamo-nos em ficar cá em baixo, trabalhando como simples estudiosos do idioma, meros curiosos nessa complicada matéria, mesmo porque havemos como verdade incontestável esta afirmação do saudoso mestre JOÃO RIBEIRO: No Brasil, não há filólogos; há amadores linguísticos, mais ou menos eruditos".

Contornando a soberba figura mental de JOÃO LEDA, em um ensaio erudito, PERICLES MORAES, depois de referir-se às guerrilhas tacanhas dos acanhados gramáticos, afirma: "As suas diretivas filológicas têm outros roteiros e as suas preocupações linguísticas cogitam deveras dos problemas sérios que interessam o idioma. Superior às contingências ambientes e indiferente à fanfúrria das mediocridades que nada sabem e tudo pretendem discutir e julgar, divorcia-se da estreiteza rotineira dos processos em voga, retardatários e anódimos, para transmitir um sainete original e atraente aos seus estudos de exegese glotológica".

Quem se deu ao trabalho de examinar a obra de JOÃO LEDA, facilmente percebe a altura do seu pensamento em relação à glotologia. O conceito alemão atribui à filologia tudo o que concerne à língua, à gramática e à literatura, sejam estas de alto ou baixo coturno, enquanto que ao sentido filológico latino apenas lhe põe na jurisdição

a gramática e o estudo da língua. **JOÃO LEDA**, não resta dúvida, preferiu divergir do pensamento da raça, a exemplo de **CAROLINA MICHAELIS** e **ADOLFO COELHO**, que orientaram as suas pesquisas não só na observação, mas também na ciência. Além do mais "o filólogo amazônico realizou o milagre, nos dias de hoje, como afirmou um grande escritor, de escrever com esmero, clareza e perfeição; e as suas idéias, em estilo correntio e persuasivo, lhe não revelam apenas agilidade dos conhecimentos gramaticais, mas lhe definem simultaneamente a personalidade autônoma e multimoda, a serviço de uma preparação mental de rara solidez".

Certa noite, conversando conosco, contara este fato a propósito da regência de um verbo, que **MÁRIO BARRETO**, respondendo a determinado consulente, dissera com ênfase dogmático que o mesmo só possuía tais e tais regências. **JOÃO LEDA** abriu um volume de **CASTILHO** e lá estava mais uma regência além das indicadas pelo autor de *Através do Dicionário e da Gramática*. No dia seguinte, um matutino de Manaus estampa, em seu rodapé, a oportuna observação. Pessoas que conheciam de perto o irritadiço temperamento do orgulhoso **MÁRIO BARRETO**, advertiram a **JOÃO LEDA** de que se arrependeria da arremetida. Corajoso como os valentes galos japoneses, **LEDA**, silenciosamente, aguardou o estouro da pororoca. E concluindo: sabem a consequência? Aquilo foi o início de uma grande amizade consolidada pelo respeito e admiração que ambos entretiveram.

Quando surgiu *Os Áureos Filões* de Camilo, a edição foi esgotada em pouco tempo. Depara-se-nos, aqui o ensejo de fazer um parêntese. Passámos grande parte de nossa juventude lendo **CAMILO CASTELO BRANCO** e ainda não compreendemos porque o romancista de *O amor de perdição* exerce tamanha sedução sobre os que lhe conhecem a obra. As suas personagens deixam algo a desejar, quando delas se exigem algumas características psicológicas. Dão a lembrar divertidas marionetes. Ora apaixonadas, furiosas ou ternas, ora excêntricas e pitorescas. Todavia, raramente humanas. Seja como fôr, os camilianistas pouco prezam estas qualidades mofinas do seu gigante; a eles só interessa o verbo sardônico e demolidor do panfletário da Boêmia do

Espírito. **JOÃO LEDA**, sem nenhuma dúvida, foi o maior camilianista desta margem do Atlântico. Conferiram-lhe êste título não só pelo seu grande culto ao crítico do Cancioneiro Alegre, induzindo-o a visitar, em Portugal, os lugares que êle amou, como também pela profundidade de seus estudos demonstrando ser **CAMILO** o maior clássico da língua portuguêsã. Recordo que com o abalizado filólogo **SÁ NUNES** se travou caloroso embate linguístico, onde se discutiu a venaculidade inconcussa da linguagem camiliana. **JOÃO LEDA**, mais uma vez, obteve os louros do triunfo. Não é demasiado relembrar, nesta oportunidade, um fato relacionado com o seu famoso livro em tôrno do vocabulário de **CAMILO CASTELO BRANCO**, onde em prismas luminosos se reflete o seu perfil moral, digno da galeria de **PLUTARCO**. Há ali anotados em alguns vocábulos que não eram, pròpriamente, do romancista insigne, sabendo-se que velhos dicionaristas já os tinham registrado, mas que **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO** e outros lexicógrafos modernos os deixaram escapar. Quando alguém lhe apontava êstes equívocos, longe de se rebelar, êle os aceitava com a serenidade dos sábios.

Ainda outra particularidade relacionada com o seu livro famoso. Os vocábulos fixados naquelas páginas como ofuscantes ladrilhos, foram subtraídos dali por mãos solertes, que os colocou em livros do mesmo gênero, omitindo a fonte de onde foram colhidos. Uma destas graves acusações recaí no sr. **TENÓRIO DE ALBUQUERQUE**. Não esquecendo a expressão de um ilustre juriconsulto alemão: deixa de ser homem aquêle que não luta pelo seu direito", **JOÃO LEDA** reagiu em vários rodapés dominicais, estampados em certa fôlha de Manaus, nos quais denuncia e coordena a sórdida pirataria. Superficialmente fez referência a êste fato, quando publicou a segunda edição do Vocabulário de Rui Barbosa: "Cremos que a mais sensata política a praticar com essas entidades sapientes não é pôr o apito na boca, reclamando com irritação a interferência da polícia, mas silenciar filosoficamente, gozando no íntimo o aprumo descerimonioso com que elas se apoderam do alheio e vêm depois fazer praça da sua velhacaria. Pelo menos, quanto a nós, essa é a atitude que invariavelmente assumimos para com os filologistas que nos arrebatam as pesquisas voca-

bulares, dando-as como produto do seu labor investigativo, com as nossas definições, com os mesmos textos que trasladamos das fontes originais, referindo até, para cúmulo de coincidência, os mesmos livros, páginas e edições. Só uma vez, que nos lembre, estrilamos para manifestar nosso pasmo ante tais singularidades: foi quando dois mestres de tomo e polpa linguística, tangidos naturalmente pela lei do menor esforço, emborcaram no bôjo de notáveis trabalhos seus quase tudo de um olvidado livro nosso, levando-nos a supôr que se tratava de alguma segunda edição, aliás não autorizada, porquanto nenhum livreiro nos requerera o consentimento". Registremos ainda outro fato idêntico: LAUDELINO FREIRE também escreveu um vocabulário camiliano. E como ambos mantinham cordeal correspondência, JOÃO LEDA olhou o monumento alicerçado em areia do filólogo metropolitano, e calou-se. Os amigos verdadeiros são para nos querer bem e êle era desta casta de amigos. Na época do aparecimento do citado livro houve um crítico, autoridade no assunto, PEDRO PINTO, que escreveu, apontando lacunas de LAUDELINO FREIRE. Disse que tôdas as vêzes que êsse autor abandonava o vocabulário de JOÃO LEDA era para cometer deslizes. O filólogo fez menção dêsse fato neste trecho do Vocabulário de Rui Barbosa: "Mas, deixando em correr o marfim, indiferentes a essas defraudações, chegou um dia em que ardeu Tróia. Não fomos nós os petroleiros. Quem a incendiou foi um homem de grande coração, mas também de admirável intrepidez de ânimo, incapaz por temperamento de conformar-se com esbulhos: o doutor PEDRO PINTO, notável professor da Faculdade de Medicina do Rio e filólogo de sólido saber e legítima nomeada. Reivindicou êle o nosso direito com galhardia, em um livro eloquente de confrontos e paralelos, provando a prioridade das nossas investigações na obra de célebre clássico português. Depois, repousando o tangente vingador, esperou calmamente o revide que não veio. Parte na causa, abstivemo-nos de qualquer impertinente intervenção; mas, em espírito, lá foi, com o nosso comovido agradecimento, o abraço gratulatório à bravura do venerando lidador".

De JOÃO LEDA, meus senhores, cuja grandeza espiritual teve expressão destacada durante muitos anos na cultu-

**ra do Amazonas e superior autoridade na filologia nacional, nestes conceitos despretenciosos apenas lhe bosquejamos perfuntoriamente vários aspectos do seu talento modelar. Não alimentamos a veleidade de sermos capazes de surpreender a configuração mental desse homem que acompanhara o pai, um velho postalista impelido com a família a exilar-se em Manaus; desse homem que, identificando-se com o destino da terra adotiva, combatia de peito aberto a prepotência dos governos e a filância dos mediócras, desse homem deslocado do seu tempo, que além dos assuntos de sua predileção, opinava com doura competência sobre economia, política administrativa e questões sociais, deste homem, em suma, que nunca teve a ilusão da glória e que foi um dos mais legítimos brasões da heráldica literária do Amazonas.**



# *Nos arquivos de João Leda*

## **A CADEIRA N.º 26**

Recebe hoje as palmas acadêmicas Sadoc Pereira, magistrado que, durante quatro décadas, soube dignificar suas funções judicativas, honrando dessarte o sacerdócio de Têmis. E' mais uma toga, pois, que ingressa em o nosso sodalício para lhe emprestar o brilho da sua inteligência e da sua cultura.

A musa faceta que se compraz na bisbilhotice de avaliar os méritos pessoais dos nossos eleitos, indaga miudamente, lá nos seus conclaves de esquina, se também os magistrados são homens de letras, tendo assim acesso franco ao nosso cenáculo. Respondemos pela afirmativa. Não se compõem as Academias somente dos que tratam letras amenas. Constituem-se igualmente de homens de ciência, porque um homem de ciência, sendo em geral um artista, tem seu lugar naturalmente marcado entre nós. Artista é o médico, porque a medicina é inseparável da arte, com a qual nasceu. Semelhantemente o magistrado o é, pois o seu sacerdócio, prendendo-se nas origens remotas a fontes de poesia, consagra-o um poeta do direito, e como tal tem seu pôsto incontestável nas galerias acadêmicas. A musa vadia da gente que ignora estas coisas masca seus remoques tolos e parvoinhos, supondo com êles incomodar-nos. Supõe mal, porque jamais damos ouvidos a comentários de palúrdios, deixando-os em plena liberdade para ejacular bobagens e protérvias. Quando os grêmios como o nosso admitem em seu seio um novo companheiro, é porque lhes é lícito legitimar sua atitude com outros motivos que não sejam os de mera simpatia pessoal, ou de recôndito interêsse subalterno pela eminente posição do agraciado. Exemplo disso tivêmo-lo, não há muito, quando a caterva dos malsinadores, com efetivo exercício nos bares

e nas boites, viu na eleição do sr. Getúlio Vargas para a Academia Brasileira uma vulgar curvatura de espinha à entidade presidencial, doadora onipotente de graças e mercês. Mas provou-se logo que a homenagem era prestada a um homem de letras, ao comediógrafo que dera ao teatro obras de valor e versara por muito tempo a crítica teatral no jornalismo gaúcho.

O manusear contínuo de autos e de códigos, por imperativos da profissão, o cabecear estremunhado em longas e penosas vigílias sobre os veneráveis ditames das Institutas e das Pandectas, não implicam no magistrado o deformar da sua cerebração, tornando-a incapaz do trato literário. Ao revés, essas tarefas enervantes o arrastam com um desafôgo para as curiosidades estéticas, levando-o não raro à intimidade das camenas, que lhe propiciam o alaúde para perpetração de madrigais e sonetos.

O magistrado, por filiação histórica e até "par droit de conquête", é um menestrel, menestrel do direito, de lustrosa estirpe que entronca na mais remota antiguidade.

Ainda não se extinguiram os ecos da formosa Confe-rência que um dia, mergulhando a pleno no passado para esmerilhar as divinas fontes do direito, proferiu nesta Casa nosso inolvidável companheiro Araújo Filho, que aliava ao sólido renome de jurista o nitescente brasão de humanista e homem de letras de possante cultura. Compungiu essa grande alma, acabrunhou-a, oprimiu-a o espetáculo do mundo então em guerra, rebaixado à condição de arena para combates de feras; e quis Araújo afogar seu próprio desalento com a evocação das éras em que o direito inviolável por sua origem sobrenatural, mantinha os povos em obediência e era de fato o fiador supremo da justiça. Não emanando desta, mas da santidade da religião, sendo rigorosamente teológico, era o direito inspirado pelos deuses, e daí tôda a sua poesia, envolvida em doçura mística. E Araújo Filho, com os suaves acentos dum verdadeiro poeta do direito, quase murmurava a nossos ouvidos a toada destas estrofes em prosa:

"E os cânticos encerravam — são palavras suas — as primeiras e balbuciantes regras de conduta... Recebi-das mais tarde nos livros sagrados, só entendidas e interpre-

tadas pelos sacerdotes, que eram a um tempo juizes e poetas, esboçavam-se as primeiras linhas de um corpo de jurisprudência, pelo qual se regeriam o casamento, a filiação, o parentesco, o repúdio, a propriedade móvel e imóvel, e tôdas as possíveis relações jurídicas hoje expressas nos códigos pelas assembléias de juristas e filósofos". Serviu de fulcro à dissertação erudita do nosso pranteado companheiro a legenda imortal de Batista Vico: "A jurisprudência foi um poema e todo o direito dos romanos foi uma severa poesia".

Honestamente fiel à verdade histórica, ainda nos arroubos mais impetuosos da sua oratória, Araujo Filho nada cedeu à imaginação. Seria enfático por vezes; mas apenas para colorir e vitalizar a sua frase. Foi perfeito o perfil que nos deu do magistrado na antiguidade.

E hoje? A evolução das sociedades, o progresso das nações operaram singular metamorfose. Quando um espírito contemporâneo remonta ao passado pelas mãos de um escritor sábio como Fustel de Coullanges, chega até a comover-se da condição prosáica do magistrado, sobretudo depois que os ventos democráticos, soprando violentamente sobre a terra, fizeram desaparecer no seu vórtice tôda a beleza das velhas instituições. Bastava o aparato, o solene ritual da sagração do juiz, para incutir na consciência dos povos o respeito às promulgações jurídicas. Nestes nossos tempos de democracia, envergonha-se o magistrado até de recitar uma quadrinha sentimental com ardor lírico, e já não canta os versículos da lei como outrora, com os olhos pregados no céu. Nem ao menos trauteia uma arieta com paixão musical, quando se engolfa nos mistérios dos códigos. Com o ar republicano de quem usa blusão e se deleita com as espirais do charuto, repele com soberba as volutas odorantes do incenso; repudia com desprezo agressivo a corôa dos seus antepassados de Tebas e, ao contrário dêles, barbeia-se e escanhoa-se com cuidado, temendo que a barbaça patriarcal o denuncie como comunista em pregação clandestina para subverter a ordem.

Nos dias que vão correndo nesse mundo ruim e esquecido das suas glórias de antanho, é uma tristeza assistir-se em qualquer parte à posse de um juiz perante os tribunais. Os velhos ritos que imprimiam venerabilidade

à função magistrática aboliram-se de todo, abandonaram-se como baús de roupa velha comida pelas traças. Não se vê uma grinalda sequer de mirtos ornando calvas respeitáveis, não se escutam câoros harmoniosos de flautas, nem se fazem libações aos deuses com licores provindos dos vinhedos da Acrópole. Tudo isso degenerou em discursinhos profanos, com grandes orgias de laranjada e cafézinho.

Não obstante essa catástrofe, o magistrado continuava sendo um poeta. Não faz a lei mas cria o direito novo pela jurisprudência, interpretando os textos, elasticando-os, apertando-os, conforme as circunstâncias. Nesse labutar exaustivo, põe êle em jôgo suas grandes faculdades de imaginação, recorrendo às vezes à arte sutil do colorido para dar a um preceito legal amarelo o tom verde que não tinha e fazê-lo dizer o inverso do que estatua. Shakespeare legou-nos um flagrante dêsse poderoso estro do exegeta jurídico na cena da caveira, quando Hamlet, rolando-a entre os dedos nervosos de alucinado, a criva de interrogações irônicas.

Sadoc Pereira, entretanto, senhoras e senhores, despojando-se voluntariamente dêsses tradicionais apanágios do poeta do direito, se desvanece de nos dar conta de outros atributos, pelos quais se deduza menos dos milenares privilégios da toga, que do esforço individual no campo florido das letras amenas. E, com efeito, pode Sadoc Pereira apresentar à entrada em nosso aeópago credenciais assaz luzidas. Vê-lo aí, integrando nosso quadro acadêmico, é recordar o satírico terrível que, há perto de trinta anos, com sua percuciente musa galhofeira, azucrinára os políticos de tôda a casta, dando piparotes nas panças dos mais sisudos, espetando facécias no dorso dos mais pretenciosos e petulantes, fazendo-os andar numa roda vida de larachas e remoques, sempre com o ar bonacheirão que ainda tem hoje, de homem que não quer brigas e deseja viver em remansada paz espiritual. Cultivando igualmente a prosa com muito donaire e brilho, contribuiu Sadoc Pereira com sua atividade e seu talento para popularizar a gazeta então dirigida por Ageu Ramos e, ao lado de Coriolano Durand em "O TEMPO", sob a direção de Jonatas Pedrosa Filho, foi o rebuçado autor de saborosas mistificações que punham as hostes partidárias num reboço louco, gozando depois na

Venida, placidamente, o fruto da sua malícia. Foi um incansável trabalhador do batente, desinteressado, fazendo jornalismo por esporte, sem a mira em futuros prêmios. Tempos rodados, o braço fundibulário fadigou-se e foi deixando em sossêgo a tropa fandanga do politiquismo. Afinal, criou caruncho o estadulho de Sadoc, com imenso júbilo dos lombos que os seus versos e sua prosa contundiram. Cristalizou então na magistratura, onde, como juiz íntegro, passou a fisgar pelo gasnete, para os sapecar com o tagante da lei, a infinita caterva dos maráus e dos velhacos que armam tramóias, para esbulhar dos seus direitos es pleiteantes honestos.

E cá o temos agora na Academia para lhe dar lustre com o seu magnífico talento. Falar-vos-á, conforme as praxes acadêmicas, sôbre o patrono da cadeira que vae ocupar: Joaquim Nabuco. Quer isso dizer que vamos escutar uma oração fulgurante, porque não se pode conceber opacidade em se tratando de um espírito como o de Nabuco, que jorrou luz em tôdas as atividades a que se consagrou. Pode-se dizer dêle o que Coelho Neto disse de Rui: era um homem-trigo, que, espiritualmente, alimentou gerações durante décadas, e legou-nos, assim nos domínios intelectuais, como na ordem moral, um padrão augusto de que se há de orgulhar sempre a nossa Pátria.

# JOAQUIM NABUCO

**CRAÇÃO** proferida pelo desembargador Sadoc Pereira, na posse da cadeira n.º 24, da qual é patrono o insigníssimo escritor de "Um Estadista do Império":

**Senhor Presidente da Academia Amazonense de Letras;  
Senhores Acadêmicos;  
Minhas Senhoras e meus Senhores:**

Quando, em minha juventude, sequioso de beleza e de emoções estéticas, eu me embeveci na primeira leitura da Odisseia, nenhum dos trágicos episódios do poema eterno mais me impressionou do que aquele em que Ulisses, em demanda de sua famosa Ítaca, se encontrou à mercê das vagas tormentosas, entre Sila e Caríades, na iminência de ser tragado pelo sorvedouro hiante ou devorado pelo monstro horrendo que lhe arrebatava os companheiros de viagem.

Longe estava de mim, naquela quadra de fantasia e de sonhos, a idéia de que, um dia, ao declinar de uma existência prosaica e afanosa, sem lances de audácia ou golpes de ousadia, haveria eu de vêr-me em transe apavorante, como o herói lendário, sujeito à mais dura das provas, para alcançar êste augusto cenáculo, arrostando, temeroso, os abrolhos da crítica, que, como as ondas revôltas do oceano, podem também arrastar-me a um sinistro e tremendo naufrágio.

Curvando-me, Snrs. Acadêmicos, leviano e imponderado, ao gesto cativante de vossa fidalga gentileza, na indicação de meu nome para uma das vagas da Academia, eu não meditei, naquele instante, como se me impunha, sôbre a manifesta carência de predicados, que me estorvaria a ascensão, ante a perspectiva deveras encantadora de um íntimo convívio com as figuras mais representativas da inteligência e da cultura, em minha terra.

Sòmente mais tarde, quando já me não era possível retroceder, recobrada a reflexão, percebi e avaliei a minha impensada atitude com todo o seu cortejo de graves consequências.

## REVISTA DA ACADEMIA

Com efeito, que credenciais posso eu oferecer para o meu ingresso neste sodalício, ao lado daqueles que conquistaram a admiração e a fama, como príncipes das letras e do talento ?

Que méritos, Srs. Acadêmicos, por ventura me assistem para obter esse galardão, a que vós outros fizestes jús por demonstrações concretas e positivas de brilhantes dotes intelectuais ?

Compreendo agora, tardiamente, que sentenças e arestos, por mais profundas que sejam as suas investigações na jurisprudência, mesmo quando lavrados em estilo suave e cadenciados períodos, não poderão justificar a situação de um simples magistrado como eu entre os cultores da arte, nos domínios da literatura.

Pequenas e mofinas estrofes, lançadas sob pseudônimo, na mocidade, com pretensões a hamorismo, e alguns artigos de diletante do jornalismo, acolhidos pela imprensa e há muito esquecidos, assim como poucas e fracas orações, proferidas de longe em longe, por dever imperioso de dados momentos — nada significam, Srs. Acadêmicos, pois que nada representam em face de valiosas obras de ficção e cultura que, com merecidos aplausos, tendes lançado à luz da publicidade.

Tudo isso me ocorre agora ao espírito, para reconhecer afinal a razão da vossa benevolência para com aquele que tem sido sempre e apenas um assíduo admirador de vossas tertúlias.

Os verdadeiros artistas, como os escultores, na ereção dos monumentos não prescindem jamais da cooperação do operário inculto que, removendo a pedra bruta ou compondo a argamassa, contribui com o seu esforço, na obscuridade, para que resplandesça, sôbre o pedestal, a concepção do esteta, na glorificação suprema da Beleza, brilhando à luz e ao sol, esculpida no mármore ou fundida no bronze.

E' assim, Srs. Acadêmicos, como um humilde cabouqueiro que hoje me apresento perante vós, neste egrégio cenáculo, para as tarefas rudes de pesado mister.

\*\*\*\*\*

Em obediência à pragmática ,assiste-me, neste momento, o dever de falar-vos sôbre a personalidade do patrono de minha cadeira na Academia, — o que é para mim motivo de íntima satisfação e do mais intenso e profundo encantamento espiritual.

E' que Joaquim Nabuco, como um dos homens mais proeminentes do nosso país, ascendeu e conquistou, pelo seu valor, as mais elevadas culminâncias, no curso de uma vida reluzente, dignificando e enobrecendo

o Brasil, nas letras e na política, assim como na diplomacia, com a sua brilhante e esplendorosa projeção na esfera internacional.

Oriundo de uma alta estirpe, surgiu êle para a vida na cidade de Recife, em 1849, com os pendores espirituais de ascendentes notabilizados no âmbito da política nacional. Os Nabucos de Araujo haviam dado ao país três senadores, sendo o último o pai de Joaquim Nabuco, que lhe traçou o perfil moral e intelectual em "Um Estadista do Império".

Os oito primeiros anos de sua existência passou-os Joaquim Nabuco em sua província natal, aos cuidados e desvelos dos padrinhos, no engenho "Massangana", que êle descreveu em páginas primorosas de saudade e suaves recordações.

Lá estavam a casa grande de residência, com a sala da escola em que aprendera o a. b. c., os edifícios da moagem, a senzala, além o canavial imenso e verdejante e sôbre uma ondulação do terreno, a branquejar no horizonte, a capela de São Mateus, em que ele, com a alma unvida de inocência e de fé, ajudava a missa e ia fazer as preces matinais.

Os quadros e imagens que êle recebeu, na idade madura, em sua peregrinação pelo mundo, jamais lhe haveriam de esmaecer na memória as doces lembranças daquele recanto ameno.

Disse êle, em "Minha Formação": — "As impressões que conservo dessa idade mostram bem em que profundezas os nossos primeiros alicerces são lançados... A cada instante encontro em minhas reminiscências miniaturas que por sua frescura de provas avant la lettre devem datar dessas primeiras tiragens da alma".

"Pela perfeição dessas imagens inapagáveis pode-se estimar a impressão causada. Assim eu vi a Criação de Miguel-Angelo na Sixtina e a de Rafael nas Loggie, e, apesar de tôda a minha reflexão, não posso dar a nenhuma o relêvo interior do primeiro paraíso que fizeram passar diante dos meus olhos em um vestígio de antigo Mistério popular. Ouvi notas perdidas do Angelus na Campanha romana, mas o muezzim íntimo, o timbre que sôa aos meus ouvidos, à hora da oração, é o do pequeno sino que os escravos escutavam, de cabeça baixa, murmurando o Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo".

Falecendo o padrinho e logo depois a madrinha, que lhe fôra uma segunda mãe, dedicada e estremosa, teve o menino de ir para a companhia dos pais, seguindo para o Rio de Janeiro.

Foi confiado a um educador notável, o Barão de Tautpheus, reitor de um colégio em Friburgo. E logo reconheceu o mestre os predicados excepcionais do discípulo, escrevendo ao Senador Nabuco:— "O Joaquim

## REVISTA DA ACADEMIA

é um talento transcendente e fóra de linha; nunca tive outro aluno de tanta inteligência”.

Um dos seus colegas de então, Oliveira Fazenda, conservando reminiscências daquela época, afirmava que Joaquim Nabuco, trazendo sempre a sua pasta cheia de rascunhos de versos, não era diligente nos estudos, mas se revelava, nas aulas, conhecedor de qualquer assunto. Redigia um jornal manuscrito, de oposição ao governo, mostrando já em menino as suas tendências para as letras e para a política.

Bacharelando-se no Ginásio Pedro II, dirigiu-se, aos dezesseis anos, para São Paulo, a fim de iniciar o curso da Faculdade de Direito, onde era ativa e intensa a vida acadêmica.

“No nosso tempo — escrevia Nabuco a um amigo, já no inverno da vida, recordando aquela fase de sua existência — as boemias e repaziadas não eram mais de moda e predominava o prestígio intelectual e o da inteligência.”

Feliz era a mocidade de então, podemos nós dizer hoje. Ainda não havia surgido entre nós a fascinação do futebol, que empolgou tãdas as classes sociais e abateu o apreço e valor das faculdades superiores do espírito, substituindo-os, mudados os extremos, pelo predomínio triunfante da força e destreza das pernas e dos pés.

Em cooperação com outros estudantes da Faculdade de Direito, fundou Joaquim Nabuco, em São Paulo, dois periódicos de feição política, — Tribuna Liberal e A Independência, — colaborando, ainda, em um outro jornal, Ipiranga, sob a direção de Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes.

Publicou, por essa época, um opúsculo intitulado “Estudos Históricos”, não perdendo o ensêjo para fazer discursos, por vezes inflamados e sempre vibrantes.

Nabuco, que fôra no Ginásio Pedro II indiferente às modas, por êle qualificadas de “bagatelas”, passou a ter, como professor de mundanismo, um amigo, Artur Carvalho Moreira, que lhe corrigia as negligências do aprumo e do vestuário.

Em breve se tornaria, pela distinção do porte e esmêro dos trajos, o árbitro da elegância naquele meio, trazendo sempre à botociera uma fiôr viçosa, cujo frescor mantinha embebendo a haste em pequeno vaso por traz da lapela.

Há uma versão de que ele por vezes ensaiava, em frente ao espêlho, as atitudes e gestos que deveria assumir ao pronunciar as suas orações.

## REVISTA DA ACADEMIA

Após o terceiro ano da Faculdade, em São Paulo, seguiu para o Recife, ali se matriculando na quarta série, para prosseguimento do curso.

Sempre a escrever, preocupava-se também, e sobretudo com as leituras, que iriam alicerçar, em bases firmes, o seu espírito em formação.

Conquistado o diploma de bacharel, teria Joaquim Nabuco, como era natural, de escolher uma profissão. Interessando-se pelos grandes problemas nacionais, sentia-se fascinado pelas altas posições da política. E, com efeito, disse êle: — "Ao sair da Academia, creio que só um lugar de Ministro me teria contentado".

Iniciou-se na advocacia. Uma das primeiras causas que lhe foram confiadas dizia respeito a sucessão. Verificando no curso da lide que o cliente o havia iludido, ocultando, para tirar proveito, a existência anterior de um herdeiro, uma criança, circunstância que vinha alterar a situação jurídica por êle defendida, revoltou-se contra a felonía, exprobou o procedimento do constituinte, dada a injustiça de sua pretensão, e renunciou os poderes do mandato judicial.

Fez vêr ao pai que a advocacia não lhe convinha, entregando-se ao jornalismo e à literatura. Encontrando acolhida na redação da "Reforma", órgão liberal, passou a publicar artigos a princípio sôbre metafísica e depois sôbre política e administração.

Apesar de monarquista, não se considerava impedido de criticar acerbamente certos atos do Imperador. Já então com as suas primeiras investidas contra o cativo, aconselhava D. Pedro II, com a audácia dos seus vinte anos, a empreender uma viagem aos Estados Unidos, para ali observar pessoalmente que "um país não pode ser grande com a escravidão."

Aos 24 anos de idade, empreendeu uma viagem ao Velho Mundo, percorrendo a França, Inglaterra, Itália e Suíça, ali visitando todos os museus, na ânsia de conhecer as obras primas da arte e as grandes criações do gênio humano.

Outra ambição de seu espírito, por essa época, era travar conhecimento com os vultos célebres, declarando êle que, para isso "tê-los-ia ido procurar no fim do mundo."

\*\*\*\*\*

Como geralmente sucede, em nossa terra, com os mancêbos que se iniciam na cultura das letras, Joaquim Nabuco procurou também exprimir em versos as suas primeiras manifestações de sentimento.

Não representa isso, aliás, um pendor exclusivo dos nossos literatos novos, constituindo antes, ao que parece, uma inclinação hereditária, um fenômeno próprio do espírito latino.

Já no seu tempo, increpava Petrônio, no "Satiricon", aqueles advogados que, fugindo às agitações do forum romano, procuravam refúgio na poesia, com a falsa idéia de que conceber e metrificar um poema é mais fácil do que fazer um discurso ornado de expressões cintilantes e belas imagens.

A mocidade espano-americana é, também, como a nossa, dada ao culto das Musas. Aos seus jovens patricios que aspiravam ascender ao Parnaso, Ricardo Palma, bardo limenho, deu, em pequena estrofe, esta lição sôbre a composição poética:

"Forma usted lineas de medida igual  
Y luego en filas las coloca juntas,  
Poniendo consonantes en las puntas;  
Y en el medio? — Eso es el cuento:  
Hay que poner talento.

Depois de algumas odes e baladas da época de estudante, publicou Joaquim Nabuco, em francês, quando de sua primeira viagem à Europa, um pequeno livro de poesias — "Amour et Dieu".

Ninguém contestaria, sem dúvida, a Joaquim Nabuco o seu profundo e admirável senso artístico. Os seus versos, porém, ora sentimentais, ora declamatórios, vindos a lume quando predominavam os cultores da Forma, revelam que lhe faleciam certos atributos que immortalizaram Orfeu e muitos de seus discípulos.

Enviando um exemplar de seu livro a Ernesto Renan, dele recebeu Joaquim Nabuco, emocionado, uma carta expressiva, em que o missivista, a par de sua gratidão pela oferta, dizia ter admirado, nos seus versos, a harmonia, a graça e um profundo sentimento, que revelavam os altos dons de um grande poeta.

Decorridos anos, leu Joaquim Nabuco em "Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse" a confissão, feita pelo crítico benévolo de suas poesias, das mentiras e subterfúgios literários que fôra indusido a cometer, para evitar ressentimentos e dissabores. E justificava-se Renan: — "Um poeta, por exemplo, nos apresenta os seus versos. E' preciso dizer que eles são admiráveis, porque, sem isso, seria dizer que eles não têm valor e perpetrar uma injúria mortal a um homem que teve a intenção de nos fazer uma gentileza".

Achou Joaquim Nabuco que teria concorrido com o seu contingente para provocar aquelas atitudes de cortezia do grande vulto da literatura francesa.

Muitos autores têm malsinado, por vezes injustificadamente, os primeiros frutos de seu talento. Santos Chocano, por ventura mais do que os outros, rejeitando-os como refugos, lançou a sua maldição sobre tôdas as trovas e canções de sua mocidade, advertindo no intróito de sua última obra: "Tenganse por no escritos cuantos libros de poesias aparecieran antes com mi nonbre."

Joaquim Nabuco não poderia ter esse gesto. Falando com bonomia do que chamou a sua "crise poética", diz-nos que o que o iludira em seus versos, tidos para êle como sonoros, não pertencia à poesia, mas sim à eloquência.

Se a Nabuco faltava a técnica perfeita da metrificação, aprimorada pelos parnasianos, não se pode negar que êle, mesmo sem os versos, se revelou sempre um inspirado poeta, que nos faz vibrar emocionados, pela expressão imaginosa, pela cadência das frases e pelos seus surtos extasiantes.

Sem empunhar a lira, não deixou jamais de densedentar-se na famosa fonte Castália, em cuja linfa cantante os trovadores de outróra iam haurir e roborar a sua inspiração.

\*\*\*\*\*

De volta ao Brasil de sua primeira viagem à Europa, funda no Rio de Janeiro, com Machado de Assis e mais alguns amigos o jornal — "A Época", no qual dirige a parte política, publicando os seus artigos sob o pseudônimo "Ninguém". Colaborou também no "Globo", em folhetins dominicais, que despertaram no público interêsse e encanto.

Conquanto a grande aspiração de Joaquim Nabuco, desde os bancos acadêmicos, fôsse a política, isso não o impediu de alcançar, com íntima satisfação, devido à influência paterna, o lugar de adido a nossa legação em Washington.

De Washington passou a servir na legação de Londres, quando ministro o Barão de Penedo, que mantinha entre os diplomatas elevado prestígio pelas suas qualidades superiores, realçadas pelo fausto de que se cercava, mantido pela sua fortuna particular.

Não seria longa a sua permanência na Inglaterra. Com a ascensão, em 1878, do partido liberal, obteve o Senador Nabuco de Araujo a indicação do filho, entre os candidatos de Pernambuco, à Câmara Imperial, no pleito que em breve se daria.

Deixava, assim, Joaquim Nabuco a carreira diplomática pelos azares da política, seu sonho de mocidade.

Vindo para o Brasil, teve, como era natural, de combater em pról de sua eleição. Foi à província e ali, em um comício, lançou o seu programa. "A grande questão para a democracia brasileira, — disse êle, em um discurso, — não é a monarquia, é a escravidão". Nessa simples frase estava esboçada a idéia dominante de sua vida no parlamento: — a redenção dos cativos.

Triunfante nas eleições, seguiu para a Côrte afim de investir-se nas funções de deputado. Havendo adoecido gravemente nessa ocasião, foi sob um estado de desalento que êle teve de assomar à tribuna, pela primeira vez, para tratar do assunto que então se discutia: — a elegibilidade dos acatólicos.

Joaquim Nabuco, que conhecia os Estados Unidos e a Inglaterra, onde a liberdade individual é um fato evidente e indiscutível, não podia compreender que em sua pátria, por motivos religiosos, se vedasse ingresso à representação nacional.

Apesar da tormenta dos apartes, a sua attitude logo impressiona e a sua palavra empolga e domina, naquele recinto em que para ele convergem todos os olhares e tôdas as atenções.

Ao chegar ao parlamento, Joaquim Nabuco, no vigôr da mocidade, não trazia compromissos com os chefes da agremiação partidária a que pertencia, tendo, ao contrário, plena liberdade de ação.

Com uma natural inclinação para o liberalismo, que apurara nos moldes inglêses, pronunciava-se da tribuna, isento de sujeições, defendendo as suas idéias sôbre tôdas as questões que se agitavam.

Reza a tradição que as galerias da Câmara rompiam em aclamações sempre que se ouvia da presidência a frase regimental: — "Tem a palavra o Sr. Joaquim Nabuco".

A assistência ficava por instantes em ansiosa expectativa, mantendo-se em enlêvo e exaltação crescentes, como que eletrizada, no curso das orações.

"As suas perorações — diz Afonso Celso, — de ingente sopro lírico, eram cuidadosa e habitualmente preparadas. Para ali a imagem mais pomposa, a declaração de maior alcance, o gesto mais teatral." "Senta-se Nabuco e durante minutos ficavam os trabalhos suspensos, enquanto não se esvaeciam as ressonâncias de seus possantes e mágicos assentos, repercutidos no que a inteligência e o coração possuem de mais elevado e sensível".

Era, com efeito, em tais ocasiões que, apesar da proibição regimental, atingia ao auge o entusiasmo nas galerias, com aplausos fervorosos, havendo necessidade, por vezes, de expulsar ou prender manifestantes por demais exaltados.

Após um desses discursos de Joaquim Nabuco, Silveira Martins, — uma das grandes figuras do parlamento e orador insigne, — não podendo sopitar o seu arrebatamento, subiu à tribuna para prestar homenagem ao deputado pernambucano. Apontando-o como a glória do partido liberal, aplicou ao colega as palavras de Tito Lívio sobre o jovem Scipião Africano: — “Eis aquele mancebo que a fortuna prepara para salvar a honra de uma pátria e vingar as derrotas que os cartaginêses nos têm inflingido”.

Joaquim Nabuco, que já no período acadêmico se preocupara com o problema da escravidão, chegou à Câmara Imperial na vigência da chamada Lei Rio Branco, de 1871, pela qual não mais nasceriam escravos no Brasil.

O seu pai, no Senado, dissera, em 1873, que “estando remidas as gerações futuras, era preciso dar satisfação à impaciência das gerações atuais.”

Reinava, contudo, silêncio quanto à situação dos cativos, quando um deputado, Jerônimo Sodré, agita a questão em um discurso que emocionou a assistência. Era mister, dizia êle, “olhar a situação de cerca de um milhão de brasileiros que jazem no cativeiro.”

Joaquim Nabuco começou, por sua vez, a tratar do assunto, a princípio moderadamente, no sentido apenas de fazer-se recuar um passo a emancipação, com receio de consequências graves no caso de uma medida radical e imediata. Em breve, porém, adotando integralmente o ponto de vista de Jerônimo Sodré, anunciava solenemente o propósito em que estava, como representante nacional, de apressar, por todos os meios, a hora da emancipação. E exclamava da tribuna: “. . . Eu não desejo que quando se fizer a chamada das nações que nestes cem anos têm rompido com a escravidão, e que se têm civilizado pelo trabalho livre, só o Brasil não possa dizer — “presente”.

Ainda não havia, porém, chegado a hora da redenção dos cativos. A emancipação era combatida pela maioria, que tinha como líder Martinho de Campos.

Ao encerrar-se o ano de 1880, finda a reunião da Câmara, seguia Joaquim Nabuco para a Europa novamente, recebendo, nessa ocasião, as maiores homenagens da imprensa. O “Jornal do Comércio”, em um

de seus artigos, apontava-o como "o mais brilhante vulto do parlamento nacional."

No decorrer das férias não arrefeceram os seus ardores em pro dos cativos. Respondendo a uma manifestação de apreço, externou a idéia de apresentar um novo projeto de extinção do trabalho servil na abertura do congresso legislativo.

Chegando ao Brasil, de volta da viagem, deu-se dentro de pouco tempo a dissolução do parlamento, de sorte que Joaquim Nabuco, sem o apôio dos antigos correligionários, teve, com o esforço próprio e o de alguns amigos de pleitear nova eleição.

Não se coadunava, entretanto, com o seu espírito a prática de mendigar votos, que considerava absurda e perniciosa. Não foi eleito.

\*\*\*\*\*

Em breve tornaria êle ao Velho Mundo, onde, segundo dizia aos amigos, ia tratar da vida, levando vários planos de atividade.

Escolhendo Londres para a sua residência, entregou-se ao trabalho e ao estudo, lendo, nesse tempo, tudo que havia sôbre escravidão e tudo que dizia respeito à política e à vida de uma nacionalidade.

Deixando o seu exílio voluntário e chegando ao país, Joaquim Nabuco logo se apresenta ao combate contra a servidão. Com a mesma vibrante eloquência e sob os mesmos aplausos de outróra, se externava êle de uma feita: — "Acreditai que me sinto altamente recompensado. Eu cheguei à única posição que podia tentar-me: a de um simples particular que é escutado em todo o país. Na Câmara ou fóra da Câmara, no Brasil ou na Europa, julgo pertencer hoje a um parlamento maior e mais alto do que a Assembléia Geral — o parlamento da opinião".

Vieram novas eleições e, após uma campanha memorável, volta Joaquim Nabuco triunfante, em 1885, à Câmara dos Deputados. No mesmo dia da posse ocupava a tribuna, de que descia sob calorosos aplausos.

Em outra sessão, torna, em nova e vibrante oração, a bater-se pelo seu ideal. E exclamava: "... Há neste país duas instituições, as quais ninguém sabe se se estimam ou se se odeiam... duas instituições que se aliaram para dominá-lo inteiramente: a monarquia, isto é, o govêrno de um só homem, e a escravidão, isto é, o predomínio de um só interesse. Sempre que a sorte de um corre perigo, a outra acredita ouvir o dobre fúnebre de sua própria extinção."

## REVISTA DA ACADEMIA

No pleito seguinte, para a renovação do mandato, tornava êle, vitorioso, à Câmara, pela vontade do povo, apesar de todos os meios de opressão e violência dos políticos então dominantes.

Entrava em sua última fase a emancipação dos escravos, cuja vitória era aguardada com ansiedade.

Esteve Nabuco, mais uma vez, na Europa, onde chegou a obter uma audiência de Leão XIII, de quem pediu e obteve um pronunciamento da Santa Sé contra o trabalho servil.

De retôrno à pátria, dessa viagem, teve ainda ensejo o apóstolo da abolição de assistir a realização de seu grande sonho, no dia 13 de Maio.

Veio a república. Joaquim Nabuco, monarquista, desterrou-se a um espontâneo ostracismo. Afastado inteiramente da política, recolheu-se com a família, à Ilha de Paquetá, entregando-se inteiramente ao estudo e às letras.

Naquele retiro, a manusear com paciência documentos, que reunira no curso de vários anos, escreveu a sua maior obra literária — “Um Estadista do Império”, em que, traçando a biografia do pai, reconstituiu uma longa fase da história do primeiro e segundo reinados.

Vêem-se nesse trabalho, apreciadas e discutidas com mestria e acuidade de um sociólogo, tôdas as questões que se agitaram no panorama nacional da monarquia, abrangendo individualidades e acontecimentos em um período de quasi oitenta anos de nossa vida política.

Alí se encontram estudos completos sôbre a atuação dos nossos estadistas, a organização dos ministérios, as reformas sociais, o tráfico e a escravidão, a questão religiosa, a política exterior, até a queda do regimen monárquico.

“Um Estadista do Império” não teve, é verdade, no país a repercussão que merecia pelo seu extraordinário mérito, como uma decorrência da apatia com que entre nós se encaram não só os fatos históricos, como os graves problemas do nosso futuro.

Para ter-se uma idéia do valor dessa obra, basta dizer que não é possível hoje possuir-se um conhecimento perfeito de um grande período de nosso passado sem os quatro volumes, que a compõem e em que o autor deixou, mais uma vez, demonstrada a extensão e profundeza de sua erudição.

Só um grande espírito, com efeito, seria capaz de realizar esse monumento, que Joaquim Nabuco expressou ser a grande devoção de sua vida literária.

No percurso da elaboração de "Um Estadista do Império", publicou Nabuco "Balmaceda" e "A Intervenção Estrangeira", o primeiro livro sobre um movimento político no Chile e o segundo a respeito de um episódio da revolta de Saldanha da Gama no Brasil. Ambos esses trabalhos são constituídos pela coordenação de artigos publicados antes na imprensa diária, pois que ele, mesmo nos momentos em que outras atividades preocupavam o seu espírito, não deixava de parte o jornalismo.

"Minha Formação" é também uma obra constituída em parte de publicações feitas em jornais de São Paulo, a que Joaquim Nabuco, adusindo novos elementos, deu forma nova e definitiva.

Há nesse livro, de recordações da infância e da mocidade, páginas de verdadeiro encanto, que nos despertam emoções pelo seu doce e suave lirismo. "Minha Formação" é para muitos a obra prima de Joaquim Nabuco.

Outras obras vieram dele depois, tais como "Escritos e Discursos Literários" e, em francês, "Pensées Detachées et Souvenirs", sem falar nas inúmeras conferências que fez, em inglês, na América do Norte.

"Pensées Détachées" contém uma série de máximas, em que não se sabe que mais admirar, se a penetração do espírito ou a beleza da forma em que são expostos os pensamentos.

Quando o livro veio a lume, Emile Faguet, que o leu, atribuiu-o a um escritor de seu país, disfarçado sob pseudônimo. Achou que o autor, para ele desconhecido, era um filósofo de veras interessante, que por vezes se mostra, através de suas idéias, um poeta ou romancista.

Houve, é certo, quem increpasse a linguagem de Joaquim Nabuco. Como a Éça de Queiroz, alguém lhe atribuiu deslises por influência dos escritores francêses, que ele conhecia mais do que a literatura nacional.

A verdade, entretanto, era que ele traduzia sempre as suas idéias em uma exposição simples e clara e em um estilo fluente e sedutor. Para José Verissimo, era ele "uma das maiores figuras literárias do Brasil e de nossa língua."

Achava João Ribeiro que "poucos são os livros de nossa literatura comparáveis a "Um Estadista do Império". "Sua construção, — acrescentou o grande filólogo, — é admirável; a pintura dos caracteres dos homens e das coisas do tempo são evocadas com acentuação e com vida, que nos parece um romance".

\*\*\*\*\*

Existia ainda, nos primeiros anos da república, a velha pendência entre o Brasil e a Grã-Bretanha sobre os limites de nosso país com a

**Guiana Inglesa, chegando-se a um acôrdo entre os contendores para uma solução pela arbitragem.**

Foi Joaquim Nabuco convidado por Campos Salles, então na presidência, para advogar a defesa de nossos direitos. Ele, que em virtude de seu monarquismo, já recusara várias posições, achou que, como brasileiro, estava no dever de atender ao convite, que representava um apêlo da nação.

Dentro em pouco partia Joaquim Nabuco para a Europa, no desempenho do alto mandato, lá recebendo a nomeação de ministro plenipotenciário em missão especial.

O trabalho de Joaquim Nabuco, nessa questão, constituiu um esforço ingente, que chegou a abalar-lhe o organismo. A sua defesa compõe-se de dezoito volumes de textos, mapas e documentos.

Ruy Barbosa veio a lêr essa obra, nas suas pesquisas sôbre o Acre, quando advogou a causa movida pelo Amazonas contra a União. Não poude conter o seu entusiasmo e admiração, e escreveu a Nabuco, dizendo, a par de muitos outros elogios: "... As qualidades que alí desenvolveste, de crítica, de argumentação, de lógica, de bom senso, de clareza, de tino e de amenidade, elegância, brilho, com um fôlego de encher todos aqueles volumes, sem fastio ou vulgaridade em matéria tão sêca, tediosa e longa, fazem dêsse trabalho teu porventura a mais notável expressão do teu talento."

Tudo isto foi em vão, é verdade, para a solução do pleito. O Rei da Itália, árbitro na demanda, não podendo, à vista de tal defesa, entregar todo o território contestado à Inglaterra, lembrou-se da célebre atitude de Salomão: dividiu a área litigiosa em duas porções, dando uma a cada contendor.

Joaquim Nabuco, decepcionado, ao ouvir a leitura da sentença, deve ter lembrado que é sobretudo no domínio do direito internacional que se evidencia a moralidade da fábula de La Fontaine:

*"La raison du plus fort  
Est toujours la meilleure."*

O Brasil não deixou de reconhecer o grande esforço e extraordinário mérito do trabalho de seu patrono em causa de tal relevância. Poucos dias após a decisão do pleito, era oferecida a Joaquim Nabuco a embaixada que em breve seria creada em Washington.

Há muito vinha ele fazendo sentir a necessidade, em nossa política exterior, de maior aproximação e mais estreita amizade com a América

do Norte e de um mais vivo entrelaçamento com tôdas as nações do continente.

Foi com essa nobre idéia que ele, chegando aos Estados Unidos, se apresentou à Casa Branca, para a entrega de suas credenciais de Embaixador. Falando corretamente o inglês, manifestou, segundo a pragmática, os votos do governo brasileiro e os seus próprios por mais íntimas relações entre as duas nacionalidades e pela felicidade pessoal do Chefe do Estado.

Teodoro Roosevelt respondeu a Nabuco, revelando profunda satisfação. Leu o seu discurso; e, terminado êste, dobrou o papel e prosseguiu dizendo que, fóra de seus hábitos, se sentia naquele instante com o desejo não só de reafirmar as suas expressões, como sobretudo de demonstrar a ótima impressão que lhe causara a oração de Joaquim Nabuco, cujas palavras haviam excedido à sua melhor expectativa.

Algum tempo depois, dava-se a nomeação, para Secretário de Estado, de Elihu Root, jurista notável, que veio a manter estreitas relações de amizade com Joaquim Nabuco, dadas certas afinidades de espírito entre ambos.

Root, que participava das idéias do Presidente, assumiu a sua alta função animado do desejo de uma política de concórdia e harmonia continental. Falando do contacto entre os dois vultos eminentes, disse Graça Aranha que dele surgira "uma fervente atividade pan-americana, nos círculos da América Latina, alastrando-se por todo o continente".

Os acontecimentos, destárte, se congregavam em prol do ideal de Joaquim Nabuco, convicto, ao contrário dos pessimistas, de que "os Estados Unidos assumiram com a doutrina de Monroe menos direitos do que deveres."

O prestígio e a fama de Joaquim Nabuco na América do Norte estenderam-se por tôdas as classes, ampliando-se dia a dia, pelo seu encanto pessoal e pela beleza de seus discursos, pronunciados com frequência.

Considerava êle a palavra como indispensável à sua elevada missão. Com exceção de Bryce e Jusserand, embaixadores da Inglaterra e da França, ambos homens eminentes, os colegas de carreira evitavam falar em público, por dificuldade de expressão ou desamor à oratória. Daí o destaque que assumia Nabuco no corpo diplomático, perante os americanos, em ocasiões solenes.

Teve ele de lutar intensamente para vencer as disposições contrárias de certos países, procurando aniquilar os efeitos desastrosos causados,

em grande parte, pelo livro — "Ilusão Americana", de Eduardo Prado.

Não se pode esquecer o seu esforço enorme para a realização, no Rio de Janeiro, da Terceira Conferência Pan-Americana, em que se acharam representadas tôdas as nações do Novo Mundo.

Tinha o conclave por finalidade, como expôs o Barão do Rio Branco, nosso Ministro do Exterior, no discurso de instalação dos trabalhos: "promover relações políticas mais íntimas, evitar conflitos e regular a solução amigável de divergências internacionais, harmonizando as leis de comércio entre os povos, facilitando, simplificando, estreitando os contactos entre eles".

Era, , por assim dizer, a abertura de um largo caminho para a paz no mundo e para a confraternização universal.

Por ocasião dessa conferência, no Rio de Janeiro, respondendo a uma homenagem, dizia Joaquim Nabuco: — "A minha existência, dentro da esfera que me tracei, está concluída. . . A minha vida, vista através dessas aclamações, é um belo sonho realizado por um especial favor da Providência."

A 17 de Janeiro de 1910, na cidade de Washington, exauria Joaquim Nabuco o seu último alento.

\*\*\*\*\*

Três meses após, na inauguração ali do edifício pan-americano, uma das suas grandes aspirações, dizia Elihu Root, orador na solenidade:

"Uma voz ora silenciosa deveria hoje ter falado aqui. Não podemos, contudo, esquecer nem deixar de honrar e prantear o nosso querido e nobre amigo Joaquim Nabuco, embaixador do Brasil e decano do corpo diplomático americano. Admirado, amado, seguido por todos nós, possuindo nossa inteira confiança, foi ele figura dominante, no movimento internacional de que procede a construção deste edifício. . . A sua influência benéfica imprimia-se em todos os nossos atos. Nenhuma bênção, que se pudesse pronunciar sôbre esta grande instituição, seria tão rica de promessas para o futuro quanto o desejo de que perdure a sua memória enobrecedora e de que o seu espírito magnificante domine nos conselhos da União Internacional das Repúblicas Americanas."

Nas exéquias dos heróis que tombaram na guerra do Peloponeso, disse Péricles ao povo, em uma praça de Atenas: — "Os homens ilustres têm por túmulo a terra inteira. Não só o seu país lhes conserva os nomes gravados em colunas, mas até nos mais longínquos recantos, à falta de epitáfio, a fama eleva à sua memória um monumento eterno e imaterial."

Se Joaquim Nabuco, — apóstolo da liberdade humana e da fraternidade universal, — houvesse surgido na Helade, os gregos daquela época remota, coroando-o de louros, tê-lo-iam feito ascender as escarpas do Olimpo, para fruir, entre os seus deuses, a glória e a immortalidade.

Minhas senhoras e meus senhores:

Diz Alexis Carrel que, em consequência da indizível complexidade do homem não nos é dado ter uma concepção simples do que ele seja, não havendo método capaz de apreendê-lo simultaneamente no seu conjunto e nas suas partes, como nas suas relações com o mundo exterior. E o que ocorre sob o ponto de vista biológico, sucede também, sem dúvida, em mais alto grau, no que tange ao espírito e à intelectualidade.

E' evidentemente impossível, em um discurso acadêmico, falar, sôbre vários prismas, de Joaquim Nabuco, que, como literato, orador, jornalista, parlamentar e diplomata, se notabilizou pela grandeza de suas atividades e de seus atributos, não só dentro da pátria, como na esfera internacional.

Para traçar-lhe o perfil em poucas palavras, recorreu José Maria Bello à fantasia ,quando, comparando-o a um príncipe encantado, imaginou que uma fada benfazeja, debruçada sôbre o seu berço de recém-nascido, lhe havia assim profetizado o destino:

— "Terás as melhores virtudes do carater, do coração e do espírito. Serás bom, generoso, inteligente, ilustrado e belo. Conquistarás facilmente as simpatias universais. Inspirarás respeito, admiração e simpatia entre os que te conhecerem. Pensarás, falarás, escreverás. Aos teus livros não faltarão a acuidade de idéias e a graça da fôrma; tua palavra eloquente concorrerá para a redenção de uma raça. Servirás ao teu país na tríplice eficácia de tua ação: na política, na diplomacia e nas letras."

Cumpriu-se o vaticínio. E a fada benfazeja, a que alude o escritor pernambucano, ainda após a morte de Joaquim Nabuco, lhe estendeu o seu manto protetor.

Ele havia manifestado, de uma feita, na intimidade, o desejo de que os seus ossos fôsem levados para o torrão natal.

Havendo falecido em terras longínquas de povo estranho, que lhe tributara as mais expressivas homenagens, foi o seu corpo condusido, em uma belonave, para o solo da pátria; e hoje, no Cemitério da Redenção, em Santo Amaro, na cidade de Recife, repousam, sob artístico mausoléu, à sombra das casuarinas, como relíquia sagrada, os seus despojos mortais.

O povo de Pernambuco, para perpetuar a memória de seu excelso conterrâneo, fêz erigir-lhe uma estátua, em praça a que lhe dera o nome, na Veneza americana. Lá está, em bronze, sôbre supedâneo de granito, o vulto apolíneo do grande tribuno, com a dextra ao alto, na atitude de um dos seus grandes lances oratórios, como a implorar a piedade divina para a libertação dos cativos.

Contemplando, em manhã de sol, o porte varonil, banhado de luz, do paladino da emancipação, veio-me à lembrança, emergindo do subconsciente, um episódio outróra lido nos anais da Câmara Imperial. Foi quando Joaquim Nabuco, discursando sôbre o sufrágio universal, alguém o interrompeu, em aparte, com o intuito de confundí-lo, procurando estabelecer uma suposta contradição entre a tese do orador e a orientação seguida anteriormente, no Senado, por seu pai, já então falecido.

O tribuno, que se comovera, possuído de acendrado amor filial, defendeu-se com eloquência, de maneira vibrante, concluindo com esta linda imagem: — "O general Lee referia que, uma vez, passeando com o filho à beira-mar, viu que a criança tratava de pisar sôbre as pégadas que êle ia deixando impressas na areia; desde êsse dia, diz ele, compreendi que não tinha o direito de dar um passo onde meu filho não me pudesse acompanhar." "Por mais movediças que sejam as areias da política, há nelas para mim pisadas indeléveis, e se não tenho seguramente outras qualidades, tenho no espírito bastante isenção, no caracter bastante desinteresse, para não me afastar do caminho que me está traçado."

Meditando, no momento, sôbre esse incidente da Assembléia Geral, eu fui induzido, por uma natural associação de idéias, a estabelecer, com o coração confrangido, um paralelo entre as atitudes do patriota insigne e as diretrizes dos parlamentares de nossa época; e, falando à minha própria consciência, interroguei de mim para mim: — A que altos destinos teria ascendido este país imenso, se os estadistas das novas gerações, como o filho de Lee às pégadas do pai, tivessem seguido, com os exemplos morais de antanho, na trajetória fulgurante de Joaquim Nabuco?

# Noticiário Acadêmico

## *ELEIÇÕES*

No dia 8 de Outubro transato, em sessão ordinária, reuniu a Academia de Letras para solucionar vários assuntos em cuja pauta de trabalhos figurou o preenchimento das poltronas nº 4 e a de nº 6 que têm, respectivamente, como patronos Sílvio Romero e Eduardo Prado, a primeira delas vaga com o falecimento do ilustre Acadêmico Dr. Alfredo da Mata e a segunda ocupada pelo egrégio desembargador Dr. José Jorge de Carvalho, que em virtude de haver transferido a sua residência para Salvador, passou à categoria de sócio correspondente na forma estatutária.

Para ocupar essas poltronas foram eleitos unanimemente os doutores Aderson Andrade de Meneses e Abdul Sayol de Sá Peixoto, professores catedráticos da nossa tradicional Faculdade de Direito, que tiveram os seus nomes apresentados à Casa pelos Acadêmicos Mithridates Alvaro de Lima Corrêa e André Vidal de Araujo. Justificando as suas propostas, os proponentes realçaram os méritos de inteligência e cultura dos seus candidatos, figuras das mais expressivas do nosso meio intelectual e do magistério superior, autênticos e incontestáveis valores que honrariam as tradições do Silogeu.

Após as eleições e o encerramento dos trabalhos, o presidente da Academia, escritor Péricles Moraes, nomeou uma comissão para levar ao conhecimento dos eleitos a deliberação acadêmica, os quais, brevemente tomarão posse das suas cadeiras, quando serão recebidos pelos Acadêmicos Aristophano Antony e Mithridates Alvaro de Lima Corrêa, designados para saudá-los.

\*\*\*\*

Também foram eleitos na mesma ocasião para o quadro de Sócios Correspondentes, no Rio de Janeiro, por proposta

do Acadêmico Padre Raimundo Nonato Pinheiro, os ilustres intelectuais Capitão do Exército Mário de Mattos Pinheiro, e Cônegos Assis Memória e Jorge O'Grady Paiva, que nos enviaram atenciosos telegramas de agradecimentos; e por proposta do Acadêmico Mário Ypiranga Monteiro, o Dr. Aúthos Pagano, do Estado de São Paulo, onde exerce as suas atividades professorais. Polígrafo, possui vários trabalhos publicados sôbre economia, biologia, astronomia, estatística demográfica e outros, entre os quais "O Coeficiente Instantâneo da Mortalidade", resumindo os seus conhecimentos dêsse problema.

\*\*\*\*

*Benjamin Lima e a Academia.*

Do insigníssimo Augusto Linhares, médico-escritor cujo nome se inscreve entre os maiores valores das letras brasileiras dêstes dias, Pericles Moraes recebeu, a propósito do seu artigo publicado no último número de nossa Revista, a formosa carta que abaixo transcrevemos:

Prezadíssimo amigo Pericles Moraes:

Que noite cheia de estrêlas me foi a que consagrei à leitura da "Revista da Academia Amazonense de Letras" (n.º 3/55) na qual percorri lento a lento a via látea do seu fulgentíssimo ensáio a respeito do espírito de Benjamin Lima, porque "atormentado pelo drama de cruciante enfermidade" êle era só espírito, e que (numa outra frase de rebrilhos vivazes, verdadeiramente pericleana), "se extinguiu como um sol que se apaga na imensidade do firmamento sanguíneo, irradiando-lhe clarões e resplendores".

Eu também sou um comovido e encantado do gênio creador do preexcelso artista. Devo-lhe o penhor sem resgate de palavra de louvor e incentivo, generosas palavras consagradoras que, em artigo no "O Paiz", ao tempo — o Jordão das Letras nacionais — caíram como uma chuva de rosas por sôbre a cabeça do estreado da "Oração na Academia". Agora me vem mais ess'outras novas, redoiradas expressões amáveis que você recolheu e gentilmente reproduziu no seu magistral trabalho — "Benjamin Lima e a Academia". Era Benjamin, sem contradição, figura de excepcional relêvo, e transbordante de generosidade o seu coração magnânimo. E a Academia

Amazonense de Letras, caudaloso Amazonas, como eu a vejo, com seus afluentes impetuosos, tais como Benjamim Lima, João Leda, José Chevalier, Huascar de Figueiredo, Araujo Lima, Jonas da Silva, Heliodoro Balbi, entre os falecidos, e ainda, Leopoldo Péres, cuja memória imperecível revive para sempre no resplendor da obra imortal do seu exímio biógrafo; caudaloso Amazonas essa Academia como eu a admiro, em sua imarcessível glória, confluindo com a pujança de todos os seus elementos formadores para essa majestosa foz (ou voz) de Pericles Moraes — o Mestre!

Como o genial autor de “Gênio do Cristianismo”, de quem nos fala, em artigo de “A Imprensa”, o Ruy, você também pode e deve adotar por braço o “Semeio Ouro”, pois que ouro vive por tanta maneira a semear em obras-primas, e nessa famosa Academia, “Seminário das Letras” (J.L.) que, com Benjamin Lima fundou, anima e impulsiona, e na qual tem colhido abundante messe de escritores do mais fino quilate, da mais alta estirpe e “que só fitam os Andes” adjacentes.

Referiu-se Benjamin Lima ao “Retrato”, o meu retrato! Quanto eu próprio o admiro, como nêle me narcizo! Conta-se que certo Doge de Veneza, ao visitar o Palácio de Versalhes, maravilhado diante de suas magnificentes belezas, que as artes gaulezas ali acumularam, parara extático na sala dos espelhos, e como lhe indagassem o que mais o admirara, respondeu: — *C'est de m'y voir*. Ousio seria afoitar-me a tanto porque “as lentejoilas estilísticas” daquela joia de altíssimo trabalho que o grande Benjamin Lima declarou “subscrever integralmente” me deslumbram e me ofuscam; e nunca me esquece que Miguel Ângelo desentranhou, com a força do seu gênio, de um bloco pétreo informe — o seu “David” colossal. Na minha condição de seixo rolado apequenino-me, por me estar sempre presente o conceito de Jules Rénard: — “*J'envie la gloire de n'être pas connu*”. Mas tôda vez que releio o “Retrato”, milagre do coração e da arte, e nêle me espelho (!) tenho ímpetos de tomar um avião, e ir até Manaus, beijar as mãos de D. Andromaca, que o escreveu na sua Remington, e estreitar contra o peito quem o ditou, meu caríssimo amigo Pericles Moraes. E como São Luiz, depois de longa caminhada, para ir visitar no convento a Santo Estevão, ao abraçá-lo, ficar “muito tempo parado sem poder dizer palavra: o coração disse

tudo". Esta verdadeiramente a situação em que para sempre me revejo pelo muito que lhe deve a minha comovida gratidão.

Formulando sinceros votos pela sua saúde e de Dona Andromaca, a quem apresento tôdas as minhas homenagens. Sou seu velho amigo e admirador.

*AUGUSTO LINHARES*

Rio, 10.10.55.

Ainda a propósito do mesmo artigo, o notável criminalista dr. Carlos de Araujo Lima, que nos círculos judiciários da metrópole honra sobremodo a inteligência e a cultura amazônicas, endereçou ao seu autor estas palavras comovidas:

"Pericles:

Se eu agradecesse, seria um erro.

E, também, uma injustiça.

Se continuasse em silêncio, você poderia supor que eu ficara indiferente ao seu trabalho sobre Benjamin Lima.

Mando-lhe, pois, êste bilhete com um abraço.

Em nome de toda a tribu.

Encontrei-me no Conselho Federal da Ordem dos Advogados com o Povina que me informou haver escrito ao amigo. E disse ao Povina que o seu trabalho me interessara e me comovera tanto que só mesmo deixando escorrer o tempo para, depois, transmitir e registrar o tumulto provocado.

Um abraço, quente e grande como a admiração que lhe dedica, é o que envia o

CARLOS".

Rio, 19-10-55.

\*\*\*\*

De "O Jornal," de 20 de Outubro último, assinada pela festejada escritora Aury Matheus e Silva, cujo nome mal se esconde nas franjas luminosas de um pseudônimo aristocrático, reproduzimos esta crônica brilhante:

**OBRIGADA, MESTRE!** Tivemos há dias passados o prazer de receber a Revista da Academia de Letras do Amazonas (último número) numa gentil oferta do Prof. Pericles Moraes, luminar estéta das letras pátrias e uma das suas afirmações mais seguras. A Revista, em questão, é um precioso

electuário de artigos de alto teor literário, firmados pelos mais expressivos nomes de nossos círculos intelectuais, pervagando os mais dispareos assuntos, versando os mais profundos conhecimentos estéticos. Lá, nesse rocal de peregrina forma rara, agnístério precioso de límpidos ensinamentos linguísticos, onde a prova castiça remarca o cunho personalíssimo dos signatários de cada capítulo, repousamos a mente saturada das babo-seiras de alguns iletrados rabiscadores, que bolsando irreverências e arrivismos de todos os calibres, querem embelecar a mente dos leitores, com pretensos fumos de modernismos idiotas. Surdindo em sua magnífica forma de sutil e redolente gosto clássico, apreciamos o artigo do Prof. Pericles Moraes, dissertando sôbre a figura brilhante do teatrólogo, crítico e jornalista que em vida se chamou Benjamin Lima. A precisão do vocábulo, o açacalado do termo, tornam os escritos deste afamado homem de letras, de um sabor sui-generis, levando-nos o espírito prêso à sua cantante prosa, que escachoando por entre as mais variegadas peripécias, descreve-nos as lutas titânicas em prol da concretização de um sonho dourado — a fundação da vitoriosa Academia de Letras de nossos pagos. Pericles Moraes, que no preciso dizer de Agripino Grieco “é um demolidor de carcassas literárias”, possui à maneira de Remy de Gourmont, o dom da “musicalidade da frase”, o segredo dos períodos bem traçados onde a harmonia do pensamento se enquadra em isócrono entrosar de vocábulos. Assim a sua obra literária, padrão imarcessível de clássicas formas, avultando na literatura nacional como um aurifulgente marco do mais remarcado apreço, constitui precioso manancial, onde os estudiosos do pátrio idioma buscam ensinamentos suficientes em suas rebuscas literárias. O aplaudido autor de “Figuras e Sensações”, nesse artigo sôbre Benjamin Lima, falou-nos das canseiras iniciais à concretização do sonho que realizado redundou na fundação de nossa Academia de Letras; os companheiros de luta, as críticas acerbas dos despeitados amesquinhadores dos efeitos alheios e a vida agitada e gloriosa daquela mocidade que já se esvai na tenue ardacina de um passado distante onde o verbo tonitroante de Chevalier e Benjamim, o ático linguajar de Adriano Jorge, o classicismo de João Leda, escorchavam os bonzos e banazolas que, em maniversias soezes, pretendiam entravar a arrancada dos indômitos fundadores do nosso mais alto padrão de cultura.

São quatorze páginas de preciosa leitura, revivendo reminiscências de um tempo de lutas, que se nos decerra em quintessência de bom gosto, em imarcessíveis refinamentos de beletrística. O magnífico autor de “Coelho Neto e sua obra” — que para mim constitui o único trabalho sério feito à memória do maior prosador destes brasís — conseguiu reunir nessas sutis páginas que se lêem de um só hausto, as principais etapas da nossa vida literária fazendo girar em volta do biografado os vários episódios marcantes dos idos de lutas e glória. Outro trabalho digno dos maiores encômios, onde o pensamento e a cultura do autor são uma afirmação incontestada à merecidíssima aureola de purista do idioma que sempre desfrutou, é o do pranteado e sempre admirado João Leda. O artigo em apreço, retirado dos arquivos daquele competentíssimo filólogo de projeção nacional, constitui a peça literária que o notável autor de “Nossa Língua e seus soberanos”, pronunciou por ocasião do ingresso na casa de Adriano Jorge e Pericles Moraes dêste apreciado filólogo de profundo conhecimento literário que é Felix Valois Coelho. A peça, em questão, é mais um padrão de imorredoura forma que o gosto artístico dos pósteros analisam e apreciam com o carinho e o respeito merecido pelas belas coisas de espírito. O magnífico fundibulário de “A Quimera da Língua Brasileira”, mais uma vez mostrou as filigranas de sua prosa maravilhosa, deixando à posteridade um estilo terso e brilhante que infelizmente não é seguido pelos liliputianos rabiscadores de artiguelhos descoloridos das louçanias gramaticais. Muito teríamos a dissertar sôbre a Revista que em tão boa hora a bondade do eminente Prof. Pericles Moraes teve a amabilidade de enviar-nos. Mas, o espaço é vital e esta chilra-parlenda já vai um tanto longa. Terminando agradeço ao maravilhoso filigranista de “Lendas & Aguas Fortes”, a magnífica dádiva que nos permitiu repousar o espírito naquela seleta leitura, verdadeiro oasis neste deserto de paixões várias e entrechoques de opiniões desvairadas. Ao emérito Prof. Pericles Moraes o nosso reconhecimento e a gratidão perene pelos momentos inolvidáveis passados no diuturno cotejo de tão alevantada prosa.

Obrigada, Mestre! . . . *THAIS.*

\*\*\*\*

Na secção editorial do vespertino “Diário da Tarde”, de 17 de Outubro transato, encontrámos o tópico transcrito abaixo,

que quase denuncia o vigor e a beleza do espírito que o concebeu:

“Não poderíamos deixar de falar nesta coluna, da Academia e dos novos futuros imortais. Tão pouco pasto está dando a política local aos profissionais da intriga, que os profissionais da pena têm que recorrer a assuntos de âmbito restrito — aqueles que afetam uma tenue camada da população — a dos intelectuais. Tanto se fala em fome, carestia, massa, povo, que procuramos nos esconder em lugares onde haja o “pouco”. Esse pouco, procurado por nossa misantropia, já é bastante consolador. E’ uma pleiade de pensadores que nos encanta as tertulias, poetizando a vida e subjetivando cultura. Novos, em maioria, e já com imenso cabedal de estudo, irão formar em dias bem próximos a falange de luzes que guiará o Amazonas. Há que manter saudades de Balbi, João Barreto, Adriano Jorge — por insubstituíveis? Na oratória, no jornalismo, na cultura enciclopédica esboçaram-se valores tais e tão altos. Somente lhes falta o campo público e social para demonstrarem ter, ao lado dêsses, tão raros dotes mentais, aqueles arroubos de coração e de bondade, de alma e de coragem que fizeram desencadear as campanhas de outrora tão vigorosas, tão belas e tão cheias de idealismo. Sente-se que a mocidade atual amontôa cultura, mas não se rebela, pensa mas não age, escreve. . . não mais libela. Sua erudição, leituras, produção intelectual não tem finalidade. A cátedra do professorado lhes basta à ambição. São almas truncadas, amolecidas pelo batente da vida, à margem dos problemas da civilização. E com pena verificamos isso. E com que alegria e felicidade no espírito, vemos que dois velhos, dois idealistas com aquela velha alma dos velhos tempos heróicos de nossa terra tentam salvar, do vencido rebanho de Panurgio, para agrupá-las e fazê-las produzir, essas novas almas tão cultas, estudiosas e tão raras. Este último gesto, de “grand seigneur”, desses dois peregrinos cérebros, torna-os maiores e grandiosos — se maiores credores ainda pudessem ser da gratidão e benquerenças de duas gerações. São Pericles Moraes e Análio de Rezende. Construtores dos dois últimos redutos onde se defende a cultura, a poesia, arte de pensar e a arte de amar a liberdade e o livre pensamento: A Faculdade e a Academia. Como puderam esses velhos gigantes, arranjar energia e idealismo, força e coragem moral para vencerem tanta inércia e indi-

ferença, tanta má fé e tanta boçalidade ambiente? Que forças hauriram do seu passado de lutas, derrotas, e esquecidas glórias para tão hercúlea obra? E' que ainda vivem daquele amor aos homens e às coisas belas, que tanto conhecemos e admiramos em Adriano Jorge. Vem de outras éras, daqueles tempos em que a nobresa de coração e o estudo não andavam divorciados. Em que se lia Montaigne, mas acreditava-se em alma. Em que o ceticismo verbal era apenas o enquadramento e a moldura de um profundo idealismo, espírito de luta e amôr, sobretudo amôr a tôdas as coisas. . . Como invejamos os moços de hoje! À geração deste que escreve faltou estímulo e ambição. Foi uma geração ofuscada pelos grandes nomes do passado, e sem esperança. Viveu n'uma idade média. Alegremo-nos e conforta sentirmos a renascença de hoje e que ela seja guiada, por tais nomes, que tanto admiramos e cultuamos. . .”

\*\*\*\*

O Acadêmico Aristophano Antony, vibrante diretor de “A Tarde”, Presidente da Associação Amazonense de Imprensa e um dos mestres renomados do jornal em nossa terra, escreveu a respeito do consagrado romancista de *Elisabete*, a expressiva crônica que abaixo trasladamos:

#### TRABALHADOR QUE NÃO DORME

Em dia da semana passada recebi uma carta de Raul de Azevedo. Como sempre, a letra firme, os períodos translúcidos e o cavalheirismo de um homem que, apesar de se encontrar no inverno da vida, parece ter ainda, na alma e no coração, o ardor de um verão magnífico. Agradeceu-me êle o artigo que escrevi sôbre “*Elisabete*”, livro de contos e teatro, considerando-o, com a sua bondade desbordante, de belo, o que prova ser o escritor patricio mais chegado a Gautier do que a D'Aurevilly. E me diz que no seu próximo volume de ensaios, “*Dona Beija*”, a sair brevemente, reproduzirá as palavras que, sinceramente, lhe dediquei, louvando o seu poder criador.

\*\*\*\*\*

Na última reunião da Academia Amazonense de Letras perguntou-me Pericles Moraes, que tem pelo romancista da “*Tríplice Aliança*” uma afeição especialíssima, se já havia eu recebido, de Raul de Azevedo, o seu último romance “*Branços*”

e Pretos". Respondi negativamente e, até êste momento, o volume não me chegou ainda às mãos. Num registro literário do "Diário de Notícias" li, há dois dias, que êsse livro, em que estuda o problema da raça num sentido eminentemente sociológico, foi bem recebido, pela crítica. E' a prova cabal de que o escritor elogiado por Grieco, Fernando de Azevedo, Ronald de Carvalho, João Ribeiro e outros, continúa agradando.

\*\*\*\*\*

Pouco se lhe dá que os empreiteiros de demolições, que nada produzem mas se comprazem a falar mal do alheio, rosnem aos seus calcanhares. Raul de Azevedo os olha com indiferença e vai, superior de espírito, vencendo a impiedade dos anos a produzir sempre, sem demonstrar cansaço. E' admirável essa resistência orgânica, afirmativa fiel de que o seu talento ainda permanece límpido e propenso sempre a novas realizações. E a prova dessa verdade está na sequência dos livros que vem publicando, uns já em circulação e outros a aparecer em breve, a fim de enriquecerem mais ainda a sua já volumosa bagagem literária. Raul de Azevedo é um trabalhador que não dorme.

*ARISTOPHANO ANTONY*

## *Resenha Bibliográfica*

**Branços e Pretos é um sincero, interessante e fiel romance de fundo psicológico e social. Há em tôdas as suas páginas, além dessa angústia que Raul de Azevedo nos conseguiu transmitir, um protesto reivindicativo e quase revolucionário. O preconceito racial despertou no escritor sentimento humanitário e provocou uma ação romanesca de simpatia confortativa e compreensiva na sua intenção de explicar e aclarar um dos mais palpitantes problemas do mundo contemporâneo. E' o preto e só o preto, sob o ponto de vista artístico, político e sociológico, que o autor nos faz observar na sua concepção intencional de universalismo. E por isso busca a maneira mais formal, mais independente, mais elucidativa para nos fazer sentir o problema dos homens de cor. Isso porque o escritor procura ver o problema dentro do próprio Brasil, em vários momentos reacionários e memoriais, de forma subjetiva através, sobretudo, de Clara Maria, Lauro, Ana Luiza, Celso, Raimundo e o velho Filomeno, para afirmá-lo, de pronto, como dos maiores e mais complexos na trama dos conflitos humanos.**

**Raul de Azevedo reafirma-se, assim, compreensivo e humano, como romancista cheio de preocupações idealistas, utilizando mais flagrantemente essa agudíssima técnica literária dos escritores esclarecidos de solidariedade e ternura humana pelos seus semelhantes. Nisso reside, desde já, a plena aceitação do romance *Branços e Pretos*, entre os leitores brasileiros, e a apreciável confirmação de romancista do aplaudido escritor de Elisabete. Estamos todos de parabens por mais êsse notabilíssimo êxito literário de Raul de Azevedo.**

M. de S.

**Chama-se A Capitania de São José do Rio Negro (Secção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Manaus, 1955) o recente trabalho histórico de Mário Ypiranga Monteiro. Depois de receber os louvores de nossa gente e dos críticos de além-fronteiras, pela publicação do seu notabilíssimo Quarta Orbis Pars, e de já se haver consagrado com o seu admirável Fundação de Manaus, Ypiranga Monteiro vem trazer-nos o depoimento altamente significativo sôbre o nosso grande Amazonas. São cento e vinte oito páginas de pesquisas bem realizadas e associadas à realidade da conquista e colonização da Terra de Ajuricaba. Tudo é investigação in loco, representação, por vêzes, sociológica, interpretação dos fatos e acontecimentos de tôda a vida provinciana da Capitania de São José do Rio Negro, de tôda a real evolução econômica, política e social de um povo extraordinário. Isso porque o autor procura decompor os fatos históricos em vários ciclos memoriais, de forma a nos fazer sentir a plêiade imensa, inumerável mesmo, de heróis legendários, de militares, de catequistas e bandeirantes do desbravamento da mais rica e mais fabulosa região do mundo.**

**Sente-se que Mário Ypiranga Monteiro pesquisa, analisa, expõe pela técnica da realidade humana e social. A sua obra é um relato histórico destinado a servir e ampliar os nossos conhecimentos sôbre o tão decantado e incompreendido Celeiro do Mundo de Humboldt. Não resta a menor dúvida que Mário Ypiranga Monteiro compulsando livros e documentos dos mais antigos, abeberando-se nos mais creditados investigadores da nossa história, oferecendo-nos o magnífico ensaio sôbre a Capitania de São José do Rio Negro, vem de alcançar mais um bonito triunfo na sua já longa carreira de historiador emérito.**

M. de S.

---

Já não é a primeira nem a segunda vez que nos deixamos entusiasmar com a leitura da Revista das Academias de Letras do Brasil. Todavia, neste excelente número de outubro de 1955, ano XVI, não pudemos deixar de ter em boa conta os notáveis trabalhos dos Acadêmicos Florêncio de Abreu, Francisco Leite, Cristiano Castelo Branco, Serafim França, Othon Costa, Alfredo de Assis Castro, Luiz Carvalho, Péricles Moraes, Raul de Azevedo, Luso Torres, Mário Linhares, Modesto de

Abreu, Carlos Xavier, Leopoldo Braga, Prado Ribeiro, Petrarca Maranhão, Arnaldo S. Tiago, Astério de Campos e Durval Borges. E aproveitando a oportunidade que se nos oferece, qual seja a de fazermos o registro crítico e bibliográfico de nossa Revista, queremos expressar aqui os nossos sinceros e prolongados agradecimentos a Raul de Azevedo, Petrarca Maranhão, Carlos Garrido, Modesto de Abreu e Othon Costa, pelo muito que se reportaram sobre a figura eminente, para nós profundamente querida e sempre lembrada, de mestre João Leda. Para nós, repetimos, escritores deste Amazonas legendário, homenagem como a que prestaram, os nossos ilustrados confrades da Federação das Academias de Letras do Brasil, à memória do inolvidável autor de *Nossa Língua e seus Soberanos*, será sempre inesquecível aos nossos corações. Leda foi um incansável intérprete das frases lapidares e do vocabulário preexcelso dos genialíssimos Rui Barbosa, Camilo Castelo Branco e Pe. Antônio Vieira. Modesto de Abreu, por isso, num dado momento de sua fala brilhantíssima na Federação recordou, com grandiosa afetividade, "que João Leda era também seu colega na Academia Brasileira de Filologia.

Do ponto de vista expositivo, ainda desta vez, consideramos que a Revista das Academias de Letras do Brasil nos deixa entrever, por devotada dedicação do seu Diretor, Acadêmico Raul de Azevedo, e incontestável proficiência dos seus Redatores, Acadêmicos Petrarca Maranhão, Mário Linhares e Edgar Rezende, uma revisão bem cuidada e magnífica apresentação gráfica.

M. de S.

---

Após a leitura das cento e dezesseis páginas dos *Nove Contos e Dez Centavos*, de Roberto Lobo (edição da Gráfica Laemmeert Limitada, 1955) dos quais *Jeová* e *A Prima do Fufu* se não são os melhores, são dos que mais agradam ao nosso juízo analítico, fica-nos a certeza agradabilíssima da presença de um contista, em pleno domínio na difícil arte, francamente integrado no amplo ambiente das sociedades contemporâneas. O autor não passa de um soberbo caricaturista da nossa vida quotidiana, das nossas ambições e esperanças mais queridas, dos nossos momentos de felicidade e tristeza, dos nossos instantes de humor sadio e piadas de salão. Reconhece-se, como importantes nos seus detalhes e

generalidades, que Roberto Lobo é um escritor familiarizado com o drama social de *O Fidalgo*, com as concepções complexíssimas de *O Cinema da Igreja* e com a imaginação singularíssima de *Um Conto à Moda Antiga*. Por outro lado, também êle se deixa compreender como observador atento e sagaz no expor seus conceitos sôbre *A Promoção*, *As Irmãs Policarpas*, *Idílio*, *O Rapadura* e *A Filha de Dona Horácia*.

Julgamos que Roberto Lobo, numa linguagem acessível, demonstrando conhecimento dos problemas sociais do nosso tempo, e dêles sabendo colher o melhor para os seus contos, tenha escrito um livro de agrado geral, em bom vernáculo, e de configuração literária tão empolgante quanto espontânea. Nenhuma restrição fazemos ao livro, uma vez que pensamos tratar-se de uma estréia felicíssima. De qualquer maneira, porém, muito há que se esperar de um escritor como Roberto Lobo, contista dos mais perfeitos na maneira de criar situações e personagens, ficcionista realmente vitorioso nêste seu admirável *Nove Contos* e *Dez Centavos*. Boa impressão gráfica e moderníssima capa de Helena.

M. de S.

---

“Sempre mais acima, sempre mais além”, na imortal expressão de Littré, *Atenéia* é bem uma Revista representativa da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, que satisfaz ao leitor mais exigente, tanto do ponto de vista da apresentação gráfica, quanto da maneira selecionada dos trabalhos apresentados. Lançada pelas escritoras Jenny Seabra de Sousa e Aurora Nunes Wagner, *Atenéia*, além do formato simpático e moderno, vem colocar-se no número das publicações de intercâmbio cultural e defesa das letras femininas. A Revista focalisa assuntos dos mais variados sôbre literatura e arte, ao mesmo tempo em que divulga interessantíssimos trabalhos de Stella Brum, Iveta Ribeiro, Alzira Freitas Tacques, Lilingha Fernandes, Lola de Oliveira, Diva M. P. Kaastrup, Natércia Cunha Veloso, Stefânia Rocha Bezerra, Berta Laforte Gonçalves, Virgínia Michielim, Rosa Maria, Noemy V. Rocha, Anita Gonçalves, Amnete de C. Matos, Otília de O. Chaves, Neusa Carmen, Celeste M. A. Massera, Hel, Maria L. W. Carvalho, Isis Freitas Tacques, Norma Fabel, Lidia de V. Vieira, Leda A. Camargo e Cely dal Pai de Melo.

## REVISTA DA ACADEMIA

*Atenéia* registra também o noticiário acadêmico e a nova Diretoria da A. L. F. do Rio Grande do Sul, eleita, na forma estatutária, para o biênio de 1954-1955. Sem dúvida nenhuma, *Atenéia* merece a nossa distinguida consideração, não apenas por se tratar de uma Revista inteiramente apresentada e dirigida para nos revelar a participação das escritoras sul-riograndenses no cenário intelectual do País, mas, ainda porque se inscreve entre as melhores publicações, no seu gênero ultimamente apresentadas.

M. de S.



**Composto e impresso  
nas Oficinas da  
Tipografia FENIX  
Sergio Cardoso & Cia. Ltda.  
Editores**



## QUADRO DOS SÓCIOS CORRESPONDENTES

**PARÁ** — Artur Cesar Ferreira Reis, Edgard Proença, Geórgenor Franco, Paulo Eleuterio, Romeu Mariz e Arthur Napoleão de Figueiredo.

**MARANHÃO** — Antônio Bona.

**CEARÁ** — Byron de Oliveira Freire, Dolor Barreira e Raimundo Girão.

**RIO GRANDE DO NORTE** — Henrique Castriciano.

**PERNAMBUCO** — Mário Mello.

**ALAGOAS** — Carlos Garrido, Cruz Oliveira, Jayme d'Altavilla, Lima Junior, Luís Accioly, Ranulfo Goulard, Rosália Sandoval e Virgílio Guedes.

**SERGIPE** — Luís da Costa Filho.

**BAHIA** — José de Figueiredo Lobo e Aloysio de Carvalho Filho.

**RIO DE JANEIRO** — Albertina Berta, Aluísio de Castro, Antônio Austregésilo, Augusto Linhares, Cônegos Assis Memória e Jorge O'Grady Paiva, Carlos de Araujo Lima, Claudio de Araujo Lima, Deoclides de Carvalho Leal, Francisco Vieira de Alencar, Gustavo Barroso, Heitor Péres, João Maranhão, Luís Felipe Vieira Souto, Mario de Matos Pinheiro, Odilon Lima, Oswaldo Orico, Pascoal Bandeira Moreira, Paulo Coelho Neto, Petrarca Maranhão, Povina Cavalcanti, Ribeiro Couto, Rosalina Coelho Lisboa Larraigote, Severino Silva, Sílvio Júlio, Tasso da Silveira, Tristão de Athayde, Violeta Branca e Virgílio Barbosa.

**ESTADO DO RIO** (Niterói) — Monsenhor João de Barros Uchôa e Monsenhor João Clementino de Mello Lula.

**SÃO PAULO** — Authos Pagano, Francisco Azzi, Mário Cardim, Mário Barroso Ramos.

**PARANÁ** — J. M. de Santa Ritta.

**PORTUGAL** — Gastão Bittencourt, João de Barros, Júlio Dantas e Meyer Garção.

**ESPAÑA** — Eugênio de Láscaris Commeno, Guillermo de Torre e Ramon de Valle-Inclan.

**FRANÇA** — Serge Deborbieux.

**ITÁLIA** — Rafael Corso.

**PERÚ** — Carlos Rey de Castro, Enrique Bustamante y Ballivian, Oscar Miro Quesada e Teodosio Cabada.

**BOLÍVIA** — Alcides Arguedas.

**COLOMBIA** — Cornelio Hispano e Guilherme Valencia.

**EQUADOR** — Wenceslau Pareja (Guayaquil).

**URUGUAI** — Carlos Reyles e Emilio Oribe.

**ARGENTINA** — Enrique de Gandia e Manuel Ugarte.

**MÉXICO** — Vicente Mendoza.

**ALEMANHA** — Guilhermè Giese.

**SÃO DOMINGOS** — Americo Lugo.

**CUBA** — Antônio Iraíoz.



---

Composta e impressa nas Oficinas Gráficas da TIPOGRAFIA FENIX  
**Sergio Cardoso & Cia. Ltda.**  
(EDITORES)

Rua Joaquim Sarmiento, 78

Manaus — Amazonas